

MARISTELA DELLA ROCCA MEDEIROS

(BU)

**MONÓLOGO DA PROVAÇÃO: FICÇÃO E DIÁRIO
(RESGATE DE UM INÉDITO DE HARRY LAUS)**



03894599

**FLORIANÓPOLIS
1998**

MARISTELA DELLA ROCCA MEDEIROS

**MONÓLOGO DA PROVAÇÃO: FICÇÃO E DIÁRIO
(RESGATE DE UM INÉDITO DE HARRY LAUS)**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração em Literatura Brasileira, Curso de Pós-graduação em Literatura Brasileira e Teoria Literária, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Profa. Dra. Zahidé Lupinacci

Muzart

**FLORIANÓPOLIS
1998**

Monólogo da Provação: Ficção e Diário

MARISTELA DELLA ROCCA MEDEIROS

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Literatura Brasileira, e aprovada na sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

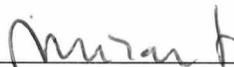


Profª. Dra. Zahidé Lupinacci Muzart
ORIENTADORA

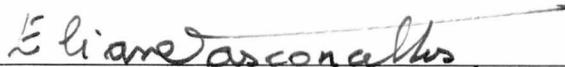


Profª. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos
COORDENADORA DO CURSO

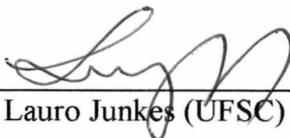
BANCA EXAMINADORA:



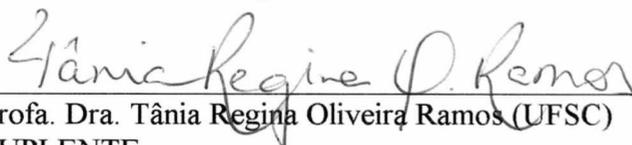
Profª. Dra. Zahidé Lupinacci Muzart
PRESIDENTE



Profª. Dra. Eliane Vasconcellos (FCRB)



Prof. Dr. Lauro Junkes (UFSC)



Profª. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos (UFSC)
SUPLENTE

*Monólogo é exatamente isso, em teatro: uma pessoa fala e
outra,
presente na cena, porém calada, sem dialogar, escuta.*
Mário Faustino

Harry Laus

*La floraison du journal se situe à l'époque où l'être de
l'écrivain
devient plus important que son oeuvre.*

Béatrice Didier

RESUMO

Este trabalho resgata a obra inédita autógrafo, Monólogo da Provação, um diário ficcional do escritor Harry Laus (1922-1992). Escrito em Corumbá-MS no ano de 1958, esse diário, foi descrito e transcrito integralmente para efeito de publicação.

RÉSUMÉ

Ce travail a essayé de racheter le journal inédite de l'écrivain Harry Laus (1922-1992). Monólogo da Provação écrit en Corumbá-MS en 1958. Ce Journal a été entièrement transcrit à cause de la publication.

SUMÁRIO

RESUMO	v
RÉSUMÉ	vi
1 INTRODUÇÃO	07
1.1 Trajetória de vida.....	10
1.2 Escritor-crítico.....	10
2 APRESENTAÇÃO GERAL DO ACERVO	14
3 APOIO TEÓRICO	19
4 DEFINIÇÃO DO CORPUS	22
5 DESCRIÇÃO DO MATERIAL	24
5.1 Versão C – <i>Monólogo da provação</i>	24
5.2 Versão B – <i>Diário de Corumbá</i>	28
5.3 Versão A – Cartas	29
5.3.1 Cartas a Ruth Laus.....	30
5.3.2 Walter Wendhausen	31
6 CRITÉRIOS PARA TRANSCRIÇÃO	33
7 A TRANSCRIÇÃO	36
7.1 Transcrição das versões C, B e A	36
7.2 Transcrição do <i>Monólogo da provação</i>	49
8 MONÓLOGO DA PROVAÇÃO, DIÁRIO DE CORUMBÁ, CARTAS – CRUZAMENTOS	147
9 CONCLUSÃO	157
REFERÊNCIAS	159
ANEXOS	173

1 INTRODUÇÃO

*Na obra literária, a entrega é lenta e caprichosa.
Ninguém pode concluir nada antes de chegar à última linha,
pois ali pode estar a chave de tudo.*

Harry Laus

O interesse pela obra do escritor Harry Laus¹ começou em 1989, ao cursar o último semestre do curso de graduação em Letras, na disciplina Literatura Catarinense, ministrada pela Prof. Dra. Zahidé L. Muzart, a qual nos solicitou a elaboração de um trabalho que constava de duas partes. A primeira parte consistia na leitura de toda a obra de um escritor catarinense – H. Laus foi o meu escolhido - e a segunda, na realização de uma entrevista com tal escritor.

Iniciou-se esse trabalho com a leitura da obra *De-como-ser*², livro fascinante pela riqueza das experiências narradas, a partir do qual percebi um escritor dotado de grande bagagem cultural. O contato com esse texto despertou interesse pelo restante da obra: os contos e as novelas. *De-como-ser*, escrito sob a forma de memórias, é um texto autobiográfico em que o autor relata suas atividades profissionais exercidas ao longo de sua vida. H. Laus foi um conhecido crítico de arte nos anos sessenta e setenta no Rio de Janeiro e em São Paulo. Foi, entre outras atividades ligadas ao mundo das artes plásticas, membro do júri da *Bienal de São Paulo* e redator de arte do *Jornal do Brasil*. Porém, antes dessa atividade profissional, o escritor havia atuado como militar, o que marcaria grande parte de sua produção literária. Fato constatado durante a leitura de *Bis* - reedição de *Os incoerentes* e *Ao juiz dos ausentes*. O primeiro, publicado em 1958, recebeu o prêmio Afonso

1 Doravante, no corpo da dissertação, utilizaremos apenas a abreviatura H. Laus quando nos referirmos a esse autor.

2 A referência desta e de outras obras do escritor encontram-se na bibliografia de H. Laus, inserida após a conclusão do trabalho.

Arinos da Academia Brasileira de Letras, seis anos antes de H. Laus ter entrado para a reserva do exército como Coronel.

Em seguida, passou-se ao cumprimento da segunda etapa do trabalho acadêmico: a entrevista, realizada em agosto de 1989, no Museu de Artes de Santa Catarina - MASC, onde o escritor, que também era crítico de arte, exercia a função de diretor.

O texto resultante - elaborado a partir da transcrição de uma fita cassete gravada - foi muito bem considerado, tanto pela professora, como pelo escritor. Em novembro de 1991, a entrevista foi publicada na Revista *Teias*.³ Em abril de 1992, H. Laus decidiu incluí-la em seu último trabalho, *Tempo e andanças*, preparação do registro de sua passagem pela vida, organizado por ele mesmo, com o auxílio da Profa. Zahidé Muzart na seleção dos ensaios críticos.

Pouco tempo depois e encerrando um momento de intensa atividade literária, tem-se a notícia da morte de H. Laus. O escritor, que havia acabado de escrever um de seus melhores contos, *Sentinela do Nada*, presenciou ainda a publicação, na França, de seu único romance, na época ainda inédito no Brasil, *Os papéis do coronel*, sob o título *Les jardins du colonel*, pela editora Arcane 17.

A informação de que o escritor mantinha um acervo literário, composto por manuscritos, contos inéditos, diários e agendas, além de amplo material de crítica de arte, fez despertar o interesse em realizar um trabalho de pesquisa que contribuísse para o conhecimento da literatura escrita por um catarinense.

Desse modo, sob a orientação da Profa. Dra. Zahidé, a entrada no curso de Pós-Graduação em Literatura da UFSC surgiu naturalmente como o passo seguinte. No período de cumprimento de créditos, ao cursar as disciplinas *Narrativa Contemporânea - ficção e história*, e *Teoria do Texto Literário*, percebi a possibilidade de realizar estudos voltados especificamente ao autor e a sua obra. As pesquisas foram voltadas, então,

³ MEDEIROS, Maristela Della Rocca. Harry Laus, Ofício: escritor. *Teias - Revista litero-cultural*. DLLV/UFSC. Florianópolis, v.4, n.5, p. 43-44, nov. 1990.

ao acervo H. Laus, o que possibilitou a leitura e o fichamento de boa parte dos diários - ainda inéditos - de H. Laus.

A elaboração do projeto de dissertação: *Relações intertextuais entre o diário e a ficção: "matéria de memória dose de invenção"*, resultou no trabalho de verificação da relação dos diários com o único romance de H. Laus, *Os papéis do coronel*, estudo de grande valia, por ter propiciado contato com as duas principais formas literárias de escrever do autor. A partir daí, os diários se revelaram uma escrita paralela tão importante quanto a obra publicada - contos, novelas, autobiografias e entrevistas - os quais deixavam pistas para verificação de que as fronteiras entre a vida do autor e a temática de sua obra eram bastante tênues.

Dentro deste enfoque, já na fase da dissertação, optou-se pelo resgate do diário inédito, *Monólogo da provação*, evidenciando-se a transformação do *Diário de Corumbá* na composição dessa obra. Além disso, buscou-se compreender o papel de sua correspondência pessoal do período, caracterizada, num primeiro momento, como prototexto, segundo a nomenclatura da Crítica Genética. Apesar do *Monólogo* encontrar-se pronto para publicação há aproximadamente trinta anos, sua demora em ser editado foi justificada pelo autor como decorrente de seu vínculo institucional: *fiquei temeroso de prejudicar minha carreira militar com a publicação do Diário*⁴.

No referido trabalho da disciplina Narrativa Contemporânea: *Ficção e História*, apontou-se para o *Monólogo* como sendo uma obra particular pela influência exercida na construção das outras obras do escritor. Os contos *Ao juíz dos ausentes*, - título homônimo do segundo livro de H. Laus - *Segredo*, *O Zelador* e *Tamanduá Bandeira*, foram escritos a partir de anotações do *Monólogo*. Além disso, observou-se ainda que algumas de suas páginas constam quase textualmente no romance *Os papéis do coronel*, um de seus últimos trabalhos.

⁴ LAUS, Harry. *De-como-ser*. Florianópolis : Editora da UFSC/Lunardelli, 1981.

1.1 Trajetória de vida e obra

*Há profissões que terminam antes que a vida se encerre,
outras prolongam-se até a morte
e as mais nobres permanecem depois dela.*

Harry Laus

H. Laus nasceu em Porto Belo, Santa Catarina, a 11 de dezembro de 1922 e faleceu em Florianópolis em maio de 1992. Lamentavelmente a morte impediu-o de festejar os setenta anos intensamente produtivos nas várias atividades intelectuais em que se envolveu.

Último filho - doze ao todo - do casal Minervina e Rodolfo Laus, ela professora, ele alfaiate, o menino Harry teve a infância marcada pela morte dos pais. A mãe faleceu quando ele tinha apenas cinco anos e o pai deixou-o órfão aos onze anos, motivo que o leva a morar em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, com o irmão mais velho, Jaime, então um comerciante bem sucedido naquela cidade.

Por intermédio de seu irmão, H. Laus entra no exército, fato esse que viria a se tornar um divisor de águas em sua vida. Durante o longo período em que serviu, num total de 23 anos, o escritor tem a possibilidade de percorrer o Brasil - parte das "andanças"⁵. A carreira militar, "atividade-ganha-pão" marcou-lhe profundamente e se transformou numa imposição da vida. Com ela garantiu a independência financeira, além de ajudar a sustentar parte dos irmãos.

Sua produção literária sofreu longos períodos de ausência, justificados principalmente pela crítica de arte, profissão assumida após a saída do Exército, com a qual obteve destaque na imprensa, em publicações tais quais o *Jornal do Brasil* ou a revista *Veja*. A ela devotou-se com paixão e brilhantismo, publicando um total de 1.910 artigos.⁶

⁴ LAUS, Harry. *De-como-ser*. Florianópolis : Editora da UFSC/Lunardelli, 1981.

⁵ O termo faz parte do título do livro *Tempo e Andanças* de H. Laus. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.

⁶ Todo esse material encontra-se organizado em pastas, como periódicos e em ordem cronológica.

Voltando para Santa Catarina, depois de aposentado, H. Laus dirigiu e organizou o Museu de Arte Joinville e, em seguida, o Museu de Arte de Santa Catarina, em Florianópolis, onde permaneceu até pouco antes de seu falecimento quando a doença o obriga a pedir exoneração.

Em 1988, planejou e coordenou a publicação do *Indicador catarinense de artes plásticas*, um dicionário dos artistas catarinenses, importante trabalho de referência para as artes de Santa Catarina.

As artes plásticas, em Santa Catarina, apresentam nitidamente dois períodos: antes e depois de Harry Laus. Ele foi, verdadeiramente, o modernizador e o impulsionador das artes plásticas em Santa Catarina. Não só porque trouxe muitos artistas de renome a Florianópolis, mas também porque levou exposições de catarinenses para cidades como Rio e São Paulo. Promoveu artistas como Eli Heil, que teve seus trabalhos expostos em Paris graças ao impulso de H. Laus. Além desse trabalho de organização e difusão cultural, havia a sua presença como crítico, nos jornais. Todo esse esforço causou uma verdadeira revolução na acanhada província de então.

Sob o ponto de vista intelectual, Harry Laus representou para Santa Catarina o desbravador, o introdutor das vanguardas nas artes plásticas, o organizador que abriu as portas do mundo aos artistas catarinenses.

H. Laus veio da literatura para a crítica de arte e via o processo de criação de forma idêntica, como o declarou em entrevista ao escritor Salim Miguel: “o processo criativo de um pintor é o mesmo de um escritor. E embora os meios de expressão sejam diversos tanto o escritor como o artista plástico desejam se comunicar, transmitindo alguma coisa de si, de seus conflitos”⁷.

Como escritor, começou sua carreira literária oficialmente em 1958, com o livro de contos *Os Incoerentes*, um trabalho bem recebido pela crítica e premiado pela Academia brasileira de Letras, em 1959. Nessa obra se destaca a novela *As horas de zenão das chagas*, publicada em 1987: “uma verdadeira obra-prima que por si só, consagra um escritor.”⁸

⁷ Entrevista publicada no jornal *O Estado*.

⁸ Junkes, Lauro. *O Mito e o Rito*. Florianópolis. Editora da UFSC, 1987.

Porém, podemos ler na cronologia organizada por H. Laus,⁹ publicações datando de 1949, tais como o conto *A jóia*, no suplemento *Quixote* do Correio do Povo, de Porto Alegre; *O brinquedo*, no Diário de Pernambuco, Recife; e *A visita*, no Diário de Natal, quando o autor completava 27 anos.

Em 1961, o segundo livro, também de contos, *Ao juiz dos ausentes*, fez com que H. Laus fosse comparado por Renard Perez: "...a um João Alphonsus, um Anibal Machado - que parecem possuir o segredo do bem escrever: esse domínio da língua, essa sobriedade e elegância da frase, as regras do idioma aliadas a modernas conquistas, sem ranços de academicismos."¹⁰

Esses dois trabalhos foram reeditados em 1982 pela Fundação Catarinense de cultura. *Bis* é o título que reúne num só volume os contos de *Os incoerentes* e *Ao juiz dos ausentes*. "Nesses vinte e um contos, Laus de fato nada fica a dever à arte literária. São narrativas densas, variadas na temática e na forma de expressão, que trazem ao leitor, vivência contagiante, porque são retratos habilmente intuídos de múltiplas facetas existenciais. Fazem jus realmente ao entusiasmo de Jorge Amado: 'Que contista da melhor raça, que sutil criador da vida!'"¹¹ Esta frase, citada pelo Prof. Dr. Lauro Junkes, faz parte do prefácio que Jorge Amado fez dessa edição. Vale ressaltar que, além de valorizar o escritor catarinense, Jorge Amado considerava H. Laus "um dos mestres da história curta brasileira".¹²

Entre 1981 e 1982 Harry Laus publicou três novos livros:

De-como-ser, 1981, documentário autobiográfico como define H. Laus: "O livro seria uma espécie de biografia que serviria de recordação do

⁹ Cronologia tirada do livro *Tempo e andanças*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.

¹⁰ PEREZ, Renard. *Última hora* - Rio. In: LAUS, Harry. *Bis: contos*. Florianópolis: FCC, 1982.

¹¹ Id.

¹² AMADO, Jorge. *O contista Laus*. In LAUS, Harry. *Bis: contos*. Florianópolis: FCC, 1982.

período em que trabalhei no jornalismo de Crítica de Arte no Rio de Janeiro e São Paulo"¹³.

Monólogo de uma cachorra sem preconceitos, 1981, foi escrito em Paris, em outubro de 1977, e, segundo H. Laus, reescrito em Porto Belo, Santa Catarina, em março de 1978. Trata-se de:

... uma novela diferente, nada convencional. Da ingenuidade da fábula que se centraliza nas desconcertantes vivências e percepções de uma cadela, até as indagações, denúncias, questionamentos e reivindicações político-sociais que o livro simbólica e alegoricamente levanta, a narrativa se enriquece no seu significado."¹⁴

O Santo Mágico, 1982, "é uma pequena novela que, novamente, aprofunda sondagens existenciais sobre algumas personagens."¹⁵

Em 1985, H. Laus publica *Heptacronos Página de Diário*, sete fragmentos das volumosas páginas que constituem os seus diários. Uma edição em forma de sanfona, literalmente composta de sete pequenas histórias vividas por H. Laus.

Passados quatro anos, em 1989, H. Laus publicou um novo livro de contos: *Caixa d'Aço*. "Quinto título de ficção do autor, terceiro de contos ... (prefácio Claire Cayron - "O iceberg Laus") reúne treze contos de pequena extensão (...) Apesar das diferenças no tempo, porém algo une todo esse conjunto: o estilo enxuto (um certo intelectualismo ou cerebralismo nos artigos)."¹⁶ Trata-se de uma coletânea de contos selecionada por Claire Cayron, tradutora de Miguel Torga e H. Laus na França : "... vão nela sete contos até agora imergidos, cronologicamente os primeiros de uns tantos 57, entre: publicados (21), descobertos (7), banidos (23) e ainda encobertos, não se sabe."¹⁷

Ainda em 1989, Harry tem um conto publicado na França, *La Première Balle*, edição bilingue pela editora M.E.E.T. É uma seleção de

¹³ MEDEIROS, Maristela Della Rocca. Harry Laus, Ofício: escritor. *Teias, Revista Lítro Cultural. DLLV / UFSC*. Florianópolis v.4, n.5. p.43-44, nov.1990.

¹⁴ JUNKES, Lauro. Op. cit.

¹⁵ PEREZ, Renard. Harry Laus, O escritor: ficção e diário. In: *Tempo e andanças*.

¹⁶ JUNKES, Lauro. Op. cit.

¹⁷ CAYRON, Claire. *O Iceberg Laus, LAUS, Harry. Caixa d'aço*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.

contos também com tradução de Clayre Cayron, *Jandira*, pela editora Arcane 17.

Em 1992, H. Laus vê publicado *Sentinela do Nada*, o seu último conto "...o pequeno livro (...) apesar de curto (...) corresponde a uma ficção de altíssimo nível, comparável, a bem da verdade literária, ao que na atualidade de melhor se escreve no país e no exterior."¹⁸

Seu único romance, *Os papéis do coronel* - com capa ilustrada de Eli Heil, *Corrupiando* - 1987, foi publicado em março de 1992, na França, sob o título *Les jardins du colonel*. Sobre esse livro merece destaque o trabalho de Zahidé Muzart¹⁹: "Único romance de Harry Laus, o texto coloca seriamente a questão do escrever, como se formam as imagens, a tessitura do texto, a questão das influências e o processo da escritura deixando-nos, como testamento, o testemunho do seu processo literário, de suas angústias e questionamentos de vida e da literatura."

A primeira edição brasileira foi publicada em 1995 pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina. Em 1997, saiu a segunda edição pela mesma editora, que recebe ampla difusão com a indicação do romance para a prova de língua portuguesa do vestibular 97, da UFSC.

1.2 Escritor-crítico

O escritor parece ter sido ofuscado pelo crítico, mas uma análise mais aprofundada nos revela o quanto as duas atividades estão relacionadas. A mesma busca que movia o trabalho do crítico era perseguida pelo escritor. H. Laus procurava fazer de seus textos verdadeiras obras de arte. Essa determinação, de certa forma, transformou-o no principal crítico de si mesmo - o que poderia ser considerado como um dos fatores

18 PRADE, Péricles. *Sentinela do Nada*. In: *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993. p. 52-53.

19 MUZART, Zahidé Lupinacci. *A última semente: percurso de um texto*. MUZART, Zahidé Lupinacci.(org.). *Tempo e Andanças de Harry Laus*, Florianópolis: Editora da UFSC, 1993, p.54-57.

responsáveis pelos períodos em que se afastou da literatura, ainda que não totalmente, como o provam os diários.

Outro aspecto relevante está justamente associado ao modo de ser e viver do escritor. Neste contexto, a temática central da obra passa pelo tema recorrente da homossexualidade, do militarismo, ou ainda pela opção por personagens à margem da sociedade. A preocupação com a existência e com as relações humanas merecem especial ênfase em seus contos, gênero no qual foi mais reconhecido no meio literário devido ao seu estilo enxuto e denso, evidenciado em contos como o *As horas de Zenão das Chagas*. Em sua carreira participou de várias antologias de escritores. Isto, dentro de um estilo simples e enxuto de escrever do escritor.

Embora aponte um paradoxo, é no início da carreira militar que surgem os primeiros contos e os primeiros prêmios literários. É no Exército que fará as importantes leituras que o influenciaram em vários aspectos seu modo de escrever. Uma delas, sobre Henrick Ibsen, lhe valeu o primeiro prêmio literário, aos trinta e um anos, o "Tijuco"²⁰ recebeu o prêmio Nicolau Carlos Magno com o ensaio *Alguns Habitantes de Ibsen*, uma análise de algumas personagens do dramaturgo norueguês. Curiosamente, podemos lê-lo hoje, em muitos aspectos, como "*Alguns habitantes de H. Laus*", pela temática comum desenvolvida na obra dos dois autores. Como pode-se ler nesta citação de Ibsen: "Tudo o que escrevi está intimamente relacionado com o que vivi. Cada nova obra tem para mim o objetivo de servir como um processo de libertação espiritual, pois todo homem compartilha a responsabilidade e a culpa da sociedade da qual ele faz parte".²¹

Em 1958, seu primeiro livro de contos *Os incoerentes*, recebeu o prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras. A leitura desse

²⁰ Pseudônimo do autor para esse concurso.

²¹ BRADBURY, Malcolm. *O Mundo Moderno: Dez Grandes Escritores*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989 pág 69.

contos remete-nos à leitura de outros escritores, especialmente Tchecov, pelo caráter intimista e psicológico, ou ainda por retratar personagens socialmente desfavorecidas. H. Laus diria em 1989: “A minha literatura não é popular, mas as personagens são do dia a dia, gente pobre inclusive. Talvez por causa da minha origem, tanto que só sei escrever sobre gente pobre”²².

Além disso, ele era extremamente preocupado em justificar sua existência através da literatura. No conto *As horas de Zenão das Chagas*, o autor demonstra esse interesse na fala do narrador sobre Zenão, o protagonista da história: “Desde a adolescência está cômico de sua posição superior, na escala dos seres vivos, e orgulha-se da posição privilegiada. Ultimamente começou, mesmo, a preocupar-se com esse privilégio, considerando seu dever justificá-lo”²³.

No conjunto de sua obra, grande parte de suas personagens podem ser perfeitamente identificadas com pessoas com quem conviveu. Esse é o primeiro ponto passível de verificar como a obra ficcional estabelece um “diálogo” com a escrita biográfica. Em *De-cómo-ser*, descobrem-se as primeiras pistas, as marcas, de que a produção literária e a vida do autor estavam fortemente interligadas.

Desde o início da carreira literária, H. Laus escreveu diários que nortearam a produção de suas obras. Todo este material inédito revela um escritor extremamente organizado. Seu arquivo pessoal, fartamente documentado, é composto por cartas, diários e a fortuna crítica do início até o fim de sua vida e de sua carreira – tudo o que H. Laus escreveu até seus últimos dias de existência parece ter sido cuidadosamente preservado por ele.

Fato que nos sugere um movimento narcísico de valorização do *eu*, devidamente encaixado em um dos gêneros característicos de sua

²² *Tempo e Andanças*.

obra, o autobiográfico e de seus desdobramentos, biografia e memória. Eles estão de tal maneira imbricados que nos levam a pensar sobre os limites entre a ficção, autoficção e realidade.

O confronto da obra publicada, os manuscritos inéditos e a literatura íntima, nos leva a tentar desvendar qual tipo de pacto autobiográfico²⁴ o autor estabelece com o leitor, nas principais obras onde escritor-autor-narrador estão implícitos na ficção.

Diante dessas questões, surge uma outra, talvez ainda mais importante: quem é o verdadeiro autor? --O narrador dos diários? Ao pensarmos nesses como uma das fontes da narrativa, devemos lembrar que há o deslocamento do tempo da escrita nos diários para um outro momento - o da narrativa ficcional -, dessa forma poderíamos pensar em vários autores ou vários "eus", o autor das ficções, o autor dos diários transmutados no personagem do narrador que é sempre construído na terceira pessoa, protegido assim, sob a máscara da construção literária.

Considerá-los como fonte e ao mesmo tempo escrita paralela dotada de valor literário, se faz pelos indícios deixados pelo escritor. H. Laus sempre teve a pretensão de torná-los públicos e elevá-los ao mesmo nível da obra publicada.

Como podemos ler na cronologia de *Tempo e andanças* de H. Laus, o escritor começou a escrever os seus diários, bem jovem, na época de sua formação militar. Em uma década, aproximadamente entre 1947 e 1958, foram escritos os principais diários, tanto em volume de páginas quanto em conteúdo. Nesses diários temos estudos e análises das leituras feitas pelo oficial Harry nas horas livres. Dostoiévski, Kafka, Gide, Cervantes, Rilke, Ibsen, Unamuno, entre outros, foram lidos e analisados à procura de elementos que o auxiliassem na sua formação e estilo literário, como confirma H. Laus: "Eu lia muito Kafka, Proust, Joyce. Eu fazia muito esforço para ler os livros mais complicados possíveis,

²³ LAUS, Harry. As horas de Zenão das Chagas.

²⁴ LEUJENE, Philippe. Le pacte autobiographique. Paris : Seuil, 1975.

exatamente para saber o que podia extrair, tirar de novo em termos de literatura²⁵.

²⁵ MEDEIROS, Maristela Della Rocca. Harry Laus, Ofício: escritor. *Teias, Revista Litero Cultural. DLLV / UFSC*. Florianópolis v.4, n.5. p.43-44, nov. 1990.

2 Apresentação geral dos diários do acervo

Logo que houve acesso ao acervo, dedicou-se especial atenção aos diários de H. Laus, os quais constituem parte significativa da obra inédita do escritor. Encontrados no Núcleo de Pesquisa e Documentação, somam seis volumes manuscritos. Além de pequenas cadernetas contendo registro de viagens, existem cinco pastas de vasta correspondência com escritores, artistas e amigos do escritor.

O primeiro é um caderno pequeno, porém grosso, de capa preta com aproximadamente 385 páginas, totalmente preenchidas. Escrito na cidade de Natal - RN, em dezembro 1947, e em Caxias do Sul-RS, em 1948. À primeira página lemos: *Contos e anotações em primeira forma*.

O segundo foi escrito em 1949, sua capa é marrom, à primeira página lemos: *Diário de Bordo*, contém 400 páginas numeradas à mão e, onde, ao final, encontramos um índice: *Autores (anotações e estudo)*, escrito em 1949.

O terceiro diário é chamado pelo escritor de *Segundo caderno*, pois é idêntico ao segundo diário - ambos possuem a mesma capa e formato - e também foi escrito em 1949. Ao final deste volume, na página 351, encontramos as seguintes informações a lápis prestadas pelo próprio autor, as quais denotam uma possível revisão do material escrito décadas antes e ainda uma preocupação em esclarecer o seu conteúdo com vistas a futuros leitores deste material:

Florianópolis, 30 de novembro de 1986.

Os três cadernos de anotações:

Caderno Preto: (folhas numeradas até 200)

1947 - Natal, dezembro (RN) faltam as folhas de 1 a 20, arrancadas não sei porquê.

1948 - Caxias RS até fls. 51

1949 - Porto Alegre, RS - até o final do volume, com a tradução de Rilke. Contém índice no final.

1º Caderno marrom: (páginas numeradas à mão até 400. Contém índice no final)

1949 - Porto Alegre, 27/12.

1950 - Porto Alegre, 02/01 pág. 14

1951 - Canelinha, SC, 01/01 pág. 180.

- Tijucas, SC, 12/01 pág. 207

1952 - Porto Alegre, 21/02 pág. 211 a 354.

(?... no Rio de 1 a 24/12)

1952 - Porto Alegre, 02/01 pág. 355 até 10/03 quando passou para o 2º caderno

2º caderno marrom

O diário começa à p. 41 - 10/03/52

As páginas iniciais são capítulo de um futuro livro. No final do caderno (que é este em que escrevo agora) tem um índice.

1952 - Porto Alegre - 10/03 pág. 41 a 52

- Juiz de Fora, MG - 16/04 - pág. 53

pág 186 : 11/12/1952 - 30 anos

1953 - Juiz de Fora - 27/01 pág 187 a 330 (com idas ao Rio)

- Rio de Janeiro - 04/08/53 p. 331 até 349, quando paro de escrever neste caderno. Última data: 30/09²⁶

Além dessas informações, percebem-se ainda correções a lápis como parte da revisão que o autor fez em todos os diários deste período, os quais foram escritos a caneta.

O quarto diário é um pequeno arquivo contendo 237 páginas escritas. À primeira página encontramos: "Harry Laus - Diário de Corumbá - 1958", e cujas anotações foram aproveitadas em grande parte na escrita do *Monólogo da provação*.

O quinto diário, de capa vermelha, contém informações sobre viagens à Europa, realizadas em 1975 e 1977.

O sexto diário é uma agenda de 1987, cuja capa é preta. Na primeira anotação, feita em junho, lê-se apenas: "semana 13 a 19/06". Na página posterior está escrito "Tempo Maduro - os anos 80". Trata-se provavelmente do seu último diário, pois do dia 23 de outubro de 1989 passa para 11 de abril de 1990 até 12 de maio de 1992: "...3^a às 6 hrs (sic) e 10 minutos: é preciso pensar na história da dentadura e começar a escrever *Ranço*."

²⁶ Procurou-se reproduzir a página fielmente como foi encontrada, um exemplo deste procedimento está na dúvida do autor representada pelo ponto de interrogação na 15ª linha.

Uma rápida leitura deste material apontou anotações sobre a construção do romance *Os papéis do coronel*, as várias paradas e retomadas até o seu processo final de escritura.

Há ainda entre os diários um caderno de capa azul, no qual H. Laus começou a escrever em 15 de dezembro de 1991 (dia em que H. Laus relembra a operação do pulmão, à qual se submeteu em outubro de 91) *A Hora do corte*, inicia esta fase final de anotações. Na capa está escrito "H.L. Cronologia - 22-92". Seria uma espécie de memória dos fatos que marcaram os setenta anos de vida do escritor. Esse material foi em grande parte aproveitado na escrita do livro *Tempo e Andanças de Harry Laus*. Porém, existe um capítulo chamado *Comentários - A memória dos fatos*, no qual H. Laus relata situações íntimas não abordadas no livro acima citado.

H. Laus - não se pode precisar a data - deixou dois volumes de páginas datilografadas chamados por ele chamou de *Diário quase Íntimo* e *Harry Laus - impressões de vida e leituras*, o que seriam duas versões distintas dos diários manuscritos, datilografadas e deixadas em pastas, preparadas para publicação. Nota-se que há fatos repetidos em ambas as versões.

Pode-se concluir, então, que em seu acervo pessoal encontram-se três versões dos diários: a primeira com os diários manuscritos; a segunda, com o *Diário quase Íntimo*; e a terceira: *Harry Laus - impressões de vida e leituras*.

3 Definição do Corpus

Adotou-se como corpus desta dissertação três versões autógrafas de uma obra inédita de H. Laus. Chamar-se-á de **C** a última versão datiloscrita deixada pelo autor, em 1964, denominada *Monólogo da provação*. Essa escolha deve-se ao registro deixado pelo escritor²⁷, como versão destinada a publicação, e por expressar a última vontade do autor. Embora esta versão seja um datiloscrito, será tratada como um texto autógrafo seguindo a denominação de Jean-Bellemin-Noel, que classifica texto inédito os “textos da mão do escritor”, independentemente de sua forma material.

A versão **B** corresponde ao *Diário de Corumbá*. Esta versão pode ser considerada a principal fonte do escritor para a escrita do *Monólogo da Provação*.

A última versão, denominada **A**, refere-se às cartas enviadas pelo autor a sua irmã Ruth Laus²⁸ e ao amigo Walter Wendhausen²⁹, identificados como R e W.

O *Diário* e as cartas foram escritos no mesmo período, de fevereiro de 1958 a maio de 1959. Seguindo a denominação da Crítica Genética acerca do campo de pesquisa dos manuscritos modernos³⁰, essas duas versões podem ser consideradas como os prototextos que precedem a versão definitiva **C**, assim entendida por conter as últimas alterações feitas à mão pelo autor e, finalmente, pela certeza que não sofrerá qualquer modificação do escritor, já falecido.

Em cumprimento ao objetivo inicial, apenas a versão **C** será transcrita na íntegra. Das versões **B** e **A**, serão transcritas apenas as páginas que correspondem aos quatro primeiros tópicos ou capítulos. O propósito deste procedimento é apenas mostrar o processo de elaboração da obra inédita,

²⁷ LAUS, Harry. *De-como-ser*. Florianópolis : Ed. da UFSC/Lunardelli, 1981.

²⁸ Ruth de Paula Laus foi decoradora, crítica de arte e é romancista.

²⁹ Walter Wendhausen (1920 - 1973). Pintor, desenhista e cenógrafo catarinense.

³⁰ GRESSILLON, Almuth. Alguns pontos sobre a história da crítica genética. *Estudos Avançados*. 11 (5), 1991.

levando em conta a referência que o autor faz dessas versões ou prototextos, nas primeiras páginas da obra. Com isso aponto as outras possibilidades de estudo do material do próprio acervo do escritor.

Entende-se ainda que a versão **B**, o *Diário de Corumbá*, pela forma descrita na seqüência, é uma outra obra - embora se relacione totalmente com a versão **C**, pois não foi utilizada na íntegra pelo autor -, além de apresentar várias modificações que serão apresentadas na parte de transcrição das três versões. A utilização no *Monólogo* pode ser justificada dentro do processo de reescritura presente na elaboração da maioria dos diários, uma característica do autor. Processo que irá se repetir com o próprio *Monólogo da provação*, quando da “transformação” de certos tópicos, nos contos do livro *Ao jiz dos ausentes* e no romance *Os papéis do coronel*. Como nosso propósito neste momento é resgatar e transcrever apenas a versão **C**, *Monólogo da provação*. A transcrição das versões **B** e **A** em sua totalidade corresponderá a uma outra etapa do resgate da obra inédita do escritor H. Laus, prevista no desenvolvimento futuro de uma tese de Doutorado.

4 Descrição do Material

4.1 Versão C - *Monólogo da provação*

Esta versão é um datiloscrito, com pouquíssimas alterações e/ou acréscimos feitos, em última instância, a caneta pelas mãos do autor. As folhas são de papel ofício, 22cm x 33cm, arquivadas em uma pasta classificadora de papelão grosso, escurecida pelo tempo e/ou manuseio, com ferragem de metal e duas molas no centro. Pela coloração interna da pasta supõe-se que a sua cor original fosse verde-água. Na parte externa foi pintado com pincel e tinta preta próximo à margem direita, “harry laus”. Abaixo, à esquerda, foi escrito com a mesma tinta “Monólogo” e, abaixo do título, a continuação *da Provação*, a caneta esferográfica. No centro, encontramos à lápis: “C 10 – 750” e “10 20 qq FT”.

As páginas foram perfuradas na lateral e são amareladas ou ficaram assim pela ação do tempo. O estado geral das páginas está muito bom e legível, apesar de algumas terem sido escritas com a fita da máquina já bastante gasta. São 104 páginas, das quais duas estão em branco. A ordem de disposição das páginas, conforme a numeração acima, em código, e utilizada editorialmente, sugere que esta pasta seja a edição apresentada aos editores para uma possível publicação.

As primeiras páginas correspondem a “orelha” escrita em 1966, pela amiga do escritor e também escritora, Eneida³². São duas cópias datilografadas com papel carbono azul e em papel jornal que constatamos, no verso, serem duas laudas em branco do Jornal do Brasil, um dos locais de trabalho da escritora. Este texto é posterior à data do *Monólogo*, que é 1964; além disso, há uma observação de H. Laus a lápis: “(aproveitar?)”. Além de elogiosa, faz uma espécie de bibliografia comentada do autor, ressaltando suas qualidades como contista.

³² Eneida (E. Villas Boas Costa de Moraes, Belém, PA, 23 out. 1903 – Rio de Janeiro, RJ, 27 abr. 1971), jornalista, poetisa, contista.

Em seguida, quatro páginas correspondem ao prefácio. Assinado por M. Cavalcanti Proença³², dá ênfase às questões militares levantadas por H. Laus, em muitos momentos sob a forma de crítica. Como Proença também era oficial e de geração anterior, aproveita para fazer um balanço da sua própria experiência como militar. Observa através das colocações de H. Laus que o ano vivido em Corumbá pode ser resumido em três palavras: “o cerco da solidão”. Ao lado do sobrenome Proença, o segundo parênteses com o número (2).

Na página seguinte, há uma citação e o terceiro parênteses: “Monólogo é exatamente isso, em teatro. Uma pessoa fala e outra, presente na cena, porém calada, sem dialogar, escuta. De uma carta de Mário Faustino (3)”.

Na seqüência, temos uma página com o título *Monólogo*, datilografado com tinta preta, em caixa alta e da *Provação*, manuscrito, em caixa alta, a caneta esferográfica azul. Nesta página encontramos as observações em código que aparecem na capa da pasta, acrescido de uma espécie de rubrica, o número “20” e por último, “Tiragem 2.000 exes”.

Na página seguinte, temos a bibliografia do autor em livros. Observa-se que nela não foi incluída a colaboração em jornais como o *Joaquim*, do Paraná e em revistas literárias como *Para todos*, do Rio de Janeiro, citada no *Monólogo*. O autor deixou de fora, ainda, a referência ao prêmio literário Nicolau Carlos Magno, pelo ensaio *Alguns habitantes de Ibsen*, em 1953, no Rio de Janeiro, o primeiro de sua carreira de escritor.

Datilografado um pouco acima do meio da página, encontramos apenas: “Os *Incoerentes, contos Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras - Livraria São José, Rio, 1958*”³³. E, “Ao Juíz do Ausentes, Contos, Edições Opama, Rio, 1961”.

Nesta página, encontramos novamente anotações a lápis referentes à publicação.

³² Proença, M. Cavalcanti, Cuiabá, MT, 15 jul. 1905 – RJ, 16 dez. 1966. Seguiu a carreira militar. Professor, ficcionista, importante crítico literário de sua época.

Abaixo da bibliografia, o autor escreveu a lápis: "(atualizar)".

A terceira página corresponde à folha de rosto do *Monólogo*, acima e centralizado está datilografado "HARRY LAUS". No centro da página, o título "MONÓLOGO", foi acrescentado, à caneta, "DA PROVAÇÃO"³⁴.

As duas páginas seguintes nos introduzem ao *Monólogo*, e embora de maneira bastante sucinta, esclarece sobre o que trata a obra. Na primeira página desta espécie de apresentação, inicia a numeração de páginas do autor. No primeiro parágrafo ele nos informa onde as anotações foram tomadas, "durante o ano de 1958 e início de 1959", além da decisão de fazer o livro em fins de 1963.

No segundo parágrafo ele explica que a substituição do nome *Diário de Corumbá* por *Monólogo* foi uma homenagem a Mário Faustino, e faz referência às cartas do amigo no corpo da obra. Notar que até então é apenas *Monólogo*.

O último parágrafo é de agradecimento a sua irmã Ruth Laus e ao amigo Walter Wendhausen, pelo acesso à correspondência que ele manteve com ambos durante o tempo vivido em Corumbá-MT.

Na página número dois, o autor faz um esclarecimento: "Os fatos narrados nos tópicos 38, 94, 101 e 105 foram transformados no contos *Segredo*, *Ao juiz dos ausentes*, *O zelador* e *Tamanduá Bandeira*, respectivamente, publicados no livro *Ao juiz dos ausentes*."³⁵

Nos parágrafos finais, o autor faz a dedicatória do livro aos soldados que foram seus ordenanças. Especialmente a Simão "negro forte e bom de Goiás. Analfabeto e nada inteligente mas de uma dedicação comovedora.". Termina descrevendo a morte estúpida deste soldado, por um marinheiro,

³³ Este livro citado em várias partes do *Monólogo* foi publicado em outubro e lançado a 11 de dezembro de 1958, dia do aniversário do escritor. O prêmio foi recebido em 1959.

³⁴ Este acréscimo motiva a hipótese que a obra teve inicialmente apenas o título *Monólogo*. Quase ao final da página, ao centro, o autor datilografou em caixa alta: "RIO – 1964".

³⁵ Em 1985 ele utilizou páginas do *Monólogo* na edição sanfona *Heptacronos - Páginas de Diário*. Os tópicos, 85, 86, 89 e 91, foram adaptados e utilizados no romance *Os Papéis do Coronel*. O conto *Sentinela do Nada*, de 1992, foi inspirado num conto do escritor francês Alphonse Daudet, resumido no tópico 87.

após um confronto entre soldados e marinheiros, no qual Simão acabou sendo a única vítima sem ter participado da briga.

As páginas seguintes vão do número 03 ao 92 e contêm a narrativa apresentada em “tópicos”, que vai do número 01 ao 113.

Os tópicos, assim chamados pelo autor nas páginas introdutórias, podem ser considerados como capítulos, embora alguns conttenham umas poucas páginas e outros apenas cinco linhas. Para efeito de citação no corpus deste trabalho, utilizarei a nomenclatura adotada pelo autor, ou seja, tópico³⁶, sobretudo pelo amplo sentido que esta palavra possui no dicionário Aurélio³⁷.

As cartas de Ruth Laus e de Walter Wendhausen são consideradas versões, pelo fato de haver casos em que foram a única fonte para o desenvolvimento de um tópico. Ao contrário das cartas de Mário Faustino, citadas integralmente, elas aparecem diluídas no texto, sem que haja qualquer referência ou comentário no momento em que são citadas. Assumem, sobretudo o papel de fonte esclarecedora de “certas anotações”, segundo H. Laus, na escrita dos tópicos.

³⁶ Notar que em 1961, Harry Laus iniciou a carreira de crítico de arte no jornal Correio da Manhã e de 1963 a 1967 - período em que escreve o *Monólogo da Provação* - assina a mesma coluna no Jornal do Brasil. Daí a provável influência pela denominação tópico.

³⁷ Relativo àquilo de que se trata. 7. Ponto principal. 8. Assunto, tema. 9. Bras. Pequeno comentário de jornal, normalmente sobre assuntos do dia

4.2 Versão B - Diário de Corumbá

O *Diário de Corumbá* é um fichário pequeno em forma de arquivo, medindo 19cm x 24cm. Seu estado de conservação é bastante bom. Na parte externa sua cor é marrom-terra, no interior é marrom marmorizado de branco. No centro há uma ferragem com quatro argolas que se abrem ao meio, onde estão colocadas as folhas, apropriadas para este tipo de arquivo. As folhas medem 16cm x 22 cm e estão praticamente perfeitas, apenas um pouco amareladas pela ação do tempo.

A maioria das páginas - 161 - foram escritas a caneta tinteiro em azul e 28 páginas foram escritas em preto. As 47 páginas restantes foram datilografadas com fita de máquina preta. O total de páginas anotadas é de 236, sendo numeradas a lápis pelo autor somente até a página 218.

A página de rosto foi escrita a caneta tinteiro e em caixa alta. Nas primeiras linhas e ao centro o escritor escreveu em destaque "HARRY LAUS", um pouco acima do meio da página, o título: "DIÁRIO DE CORUMBÁ". Na penúltima linha, o ano: "1958". Esta página foi grampeada à segunda página, que corresponde a número um do *Diário*.

As anotações neste diário iniciaram-se em 27 de fevereiro de 1958 e foram retomadas em maio de 1959, onde se lê: "Retomo estas notas a 10 de maio de 1959, em Iguazu, Paraná, de regresso do Rio". Neste período, os únicos meses em que H. Laus deixou de escrever no Diário foram julho e novembro de 1958, janeiro, fevereiro, março e abril de 1959. Os períodos em que houve maior regularidade no registro, foram fevereiro, abril e setembro de 1958. Em março, há 26 dias anotados, em abril, dezessete e em setembro, 13 dias. Em maio, três dias de anotações, e em junho, agosto e outubro, apenas dois dias em cada, não havendo registro nos demais meses.

Grande parte das páginas datilografadas – das páginas 36 à 53 – correspondem às anotações sobre uma pesquisa que o oficial - Capitão H. Laus - realizou nos arquivos do 17º Batalhão de Corumbá. O motivo de tal interesse foi a revolução de 1924, que resultou em um motim de oficiais do

Batalhão, cujo desfecho levou à morte, por fuzilamento, de um sargento e a fuga de outro, como é possível ler nas páginas 36 à 53 do diário.

Esse diário foi aproveitado quase totalmente na elaboração dos tópicos do *Monólogo de Corumbá*. Pelo levantamento realizado, apenas os tópicos: 9; 20; 30; 33; 40; 45; 52; 53; 55; 56; 57; 61; 62; 69; 70; 76; 77; 85 e 87³⁸ foram escritos sem a influência das anotações contidas no *Diário*.

De janeiro a abril de 1959 nenhum registro no *Diário*.

Nas páginas do mês de maio de 1959, o autor relata os fatos vividos na viagem do seu retorno definitivo ao Rio, a qual incluiu no percurso uma visita ao Paraguai e às Cataratas do Iguazu.

Na seqüência, três páginas em branco, e no verso da terceira página temos anotações sobre despesas pessoais, feitas a lápis.

Nas três últimas páginas, novas anotações desta natureza, o que difere é o acréscimo de uma tabela contábil na qual estão relacionados além das despesas pessoais, os seus vencimentos salariais e os gastos gerais com amigos ou parentes.

4.3 Versão A - Cartas

As cartas à irmã e ao amigo representam a correspondência mais regular do período vivido pelo escritor em Corumbá. O conteúdo das cartas enviadas a Ruth Laus quase sempre faz referência aos familiares, sobretudo aos irmãos. Nestas cartas há uma sincera relação de amizade e colaboração nos assuntos gerais e sobre os de interesse comum entre ambos.

Nas cartas a Walter Wendhausen, o conteúdo quanto aos fatos literários é quase o mesmo. A grande diferença está na cumplicidade entre eles. O verdadeiro desabafo, o papel que poderia ser do diário, foi reservado a essas cartas. A censura ao *Diário* pela perspectiva de uma publicação ainda em 1958: "Gostaria de saber se o Renard recebeu o *Diário de*

Corumbá, se já entregou no Correio³⁹ e quando vai sair." As "loucuras" feitas por H. Laus, durante as bebedeiras, as opiniões bastante pessoais sobre pessoas com quem convivia, como o tenente dentista e até sobre os amigos do Rio. Quase todas elas foram escritas com termos muito íntimos, muitas vezes em código para não ser entendido por outras pessoas - a certa altura H. Laus percebeu que no correio de Corumbá alguém lia as suas cartas - ou então para poder expressar livremente uma linguagem restrita aos homossexuais.

4.3.1 Cartas a Ruth Laus

Corumbá, 13 de março de 1958.

Tudo o que vejo ou sei de interessante, escrevo no "Diário de Corumbá" Se algum dia for publicado, ficarás sabendo detalhes de Corumbá, "a cidade branca" ou "o maior parque industrial do Mato Grosso", como diz o *speaker* da rádio local. Tenho sempre servido em parques industriais: Caxias do sul, Juiz de Fora, Corumbá...

A correspondência entre H. Laus e Ruth Laus não faz parte do acervo do autor. Em fins de novembro de 1997 solicitei a Ruth e, em pouco tempo, recebi gentilmente, fotocópia de 34 cartas correspondentes ao período em que H. Laus viveu em Corumbá. Destas cartas, 30 foram citadas de alguma maneira no *Monólogo da provação*.

As cartas foram todas datilografadas, com exceção da carta número 11, de 25 de julho de 1958, aparentemente escrita com caneta esferográfica. Todas foram numeradas pelo próprio autor, do número 01 ao 36, e o período em que foram enviadas a Ruth, foi de 28 de fevereiro a 17 de abril de 1959.

O escritor utilizou estas cartas para esclarecimento de certos fatos, os quais se transformaram em tópicos, como nos alerta o autor na apresentação do *Monólogo da provação*.

³⁸ O conto *Sentinela do Nada*, de 1992, foi inspirado num conto do escritor francês Alphonse Daudet, resumido no tópico 87.

³⁹ O autor refere-se provavelmente ao jornal *Correio da Tarde*, do Rio de Janeiro.

Em todas as cartas, o tratamento utilizado pelo autor é “Querida Ruth”. De um modo geral, estas cartas relatam sua opinião sobre suas leituras e planos literários, além de perguntas sobre o livro de contos, concluído em 1957 e pronto para ser publicado desde a partida de H. Laus do Rio de Janeiro para Corumbá, em fevereiro de 1958.

Descreve ainda a cidade e as atividades desenvolvidas no exercício da profissão.

Dessas cartas, destaco a do dia 31 de outubro de 1958: “Meu *Diário de Corumbá*, por muito bom que fosse, nunca poderá igualar-se aos *Incoerentes* que é obra de imaginação em vez de observação pura e simples como o *Diário*.”.

Os trinta e dois parágrafos transcritos no corpo deste trabalho, a versão C, correspondem à primeira e à segunda carta que H. Laus mandou à irmã e estão relacionados ao período inicial de sua estadia em Corumbá.

4.3.2 CARTAS A WALTER WENDHAUSEN

Corumbá, sábado, 27 de setembro de 1958.

Guarda bem minhas cartas. Talvez eu precise delas futuramente. Mesmo para o diário de Corumbá acho que vou precisar. De 12 de junho a 18 de agosto, nada escrevi. Foi meu período agudo de depressão. Recomecei agora e creio que nas cartas que te escrevi pode haver referência a algum fato interessante que eu possa explorar.

As cartas de Walter Wendhausen foram numeradas do número 1 ao 34, somente na margem superior direita a lápis, e correspondem ao número das cartas enviadas, e não ao de páginas, como as escritas para Ruth Laus.

“Meu caro Walter; meu caro Pombo; Walter criatura louca; Meu caro Walter boa praça; Meu amigo do peito; Pois é, mano Walter; Salve a primavera, caro Walter; Walter caríssimo; Meu caro Walter Wendhausen; Wlateral, Wlateral, Wlateral, Terwla, Terwla, Terwla; Caríssimo Walter “. Esses

foram os vocativos usados em todas as 31 cartas. O único repetido em mais de uma foi o mais comum deles: "Meu caro Walter".

Quanto às datas encontramos desde o tradicional "Corumbá, 1 de março de 1958", a "Corumbá, mais um sábado idiota, 7 de junho"; "Corumbá, puta que a pariu, 25 de julho (a cidade)"; "Ainda em Corumbá, a 11 de agosto"; "Corumbá, Maior Centro Industrial de Mato Grosso", "a Cidade Branca, dia 18 de outubro, sábado de 1958, e daí?"; "Corumbá, dia da asa (mesmo), 23 de outubro (aniversário de eneida)".

Partes de todas essas cartas foram utilizadas nos tópicos do *Monólogo*. Além das informações prestadas anteriormente, quanto ao seu conteúdo, destaco aquela em que sua importância surge como incontestável para a elaboração do *Monólogo*: a carta de 27 de setembro de 1958, que foi utilizada como epígrafe.

5 CRITÉRIOS PARA TRANSCRIÇÃO

Nessa dissertação foram utilizados critérios estipulados, principalmente pela Filologia. Porém, ao não ignorar o fato de estar-se diante de um texto contemporâneo e, sobretudo, de manuscritos que fizeram parte desse texto, no caso, os diários e as cartas, não se deixou-se de averiguar os avanços da Crítica Genética, a qual entende "o processo criativo literário a partir das marcas deixadas pelo escritor"¹. A partir dessa constatação, procurou-se também utilizar parte dessa teoria, ainda que de forma sintetizada, visto que esse trabalho deve embasar, num segundo momento, um estudo mais amplo que objetiva a tese de Doutorado, e aí sim, os marcos teóricos seguirão quase exclusivamente os da crítica genética.

Na continuidade do estudo do acervo de H. Laus, do qual faz parte o *Monólogo da provação*, aprofundar-se-ão tais questões teóricas, privilegiando o momento da escritura, "...não é o escrito final que está no centro de interesse, mas a escritura que está se fazendo (...) um antetexto, com o conjunto das marcas conservadas"², que se deve estabelecer?. No caso do *Monólogo da provação*, as exclusões detectadas e contidas nas versões denominadas B e C, sugerem a princípio da preocupação do escritor com a preservação da imagem, de sua vida pessoal, o que, com o passar dos anos, foi sendo menos importante, principalmente após a saída do exército.

Na presente dissertação de mestrado houve a preocupação de resgatar um texto importante de H. Laus com a finalidade precípua de publicá-lo. Procurou-se ainda, seguir a orientação da Profa. Zahidé Muzart, para quem o escritor se preocupou em doar seu acervo, que entende a doação do mesmo para uma instituição universitária, não apenas para sua guarda e preservação, mas também, para que a instituição propiciasse a publicação de seus inéditos. Cumpre-se, pois, o desejo do escritor.

¹ SAIIES, Cecília Almeida. *Crítica Genética: uma introdução, fundamentos dos estudos genéticos sobre os estudos genéticos sobre os manuscritos literários*. São Paulo : EDUC, 1992.

Encara-se este primeiro momento como parte importante deste processo: a fase da identificação dos documentos os testamentos de sua composição.

Para a transcrição, adotaram-se as convenções comumente utilizadas em estabelecimentos de texto. A atualização da ortografia, da acentuação e a correção dos erros óbvios foram realizadas, via de regra, sem que houvesse referência específica. A pontuação do autor foi respeitada, bem como os sinais utilizados seguem os procedimentos filológicos adequados especificamente a este trabalho. São eles:

- () supressão no manuscrito, rasurada mas com possibilidade de decifração.
- (...) supressão ilegível
- ([]) substituição do vocábulo suprimido anteriormente
- < > acréscimo de palavras e ou parágrafos
- | | alteração de palavras e ou parágrafos inteiros
- || || supressão de palavras e ou parágrafos

A transcrição ocorreu em dois momentos distintos, embora tenham sido utilizados os mesmos critérios nos dois casos.

O primeiro momento corresponde à transcrição das versões C, B e A, e o segundo momento, à versão integral do *Monólogo da provação*.

As alterações virão precedidas de uma palavra existente na versão C. Por exemplo: p. 01: *Estava [selado]*. *Selado* na versão B foi substituído por *decidido*, na versão C.

Quando transcrevemos as três versões, a versão C foi precedida de numeração em ordem crescente em todos os parágrafos, para facilitar a localização das alterações em todas as versões. Nas alterações da versão A R (cartas de Ruth Laus) ou CW (cartas de Walter Wendhausen) adotamos a abreviatura P para parágrafo, seguido de numeração, a qual corresponde à ordem de parágrafos da versão C.

² Idem.

Os espaços em branco existentes em qualquer uma das colunas que correspondem às versões B e A, tratam-se de anotação inexistente no parágrafo que foi transcrito.

6 A TRANSCRIÇÃO

6.1 Transcrição das versões C, B e A

C: MONÓLOGO DA PROVAÇÃO	B: DIÁRIO DE CORUMBÁ	A: CORRESPONDÊNCIA DE RUTH LAUS E WALTER WENDHAUSEN
1 Não fume. Aperte o cinto. Estava decidido o destino: Corumbá, via Correio Aéreo Nacional, <com> escalas em São Paulo, Bauru e Campo Grande.	P1 Estava [selado] em Corumbá, via Correio Aéreo Nacional, <com> escalas em Bauru e Campo Grande.	CR P1 O avião pilotado por um brigadeiro e tinha turbinas a jato. O horário foi o seguinte: Rio - São Paulo; 7:15 às 9:00 S. Paulo - Bauru - Campo Grande a Corumbá de 15:00 às 16.30 C W P1 Não fume. Aperte o cinto. Estava [selado] o destino [Só me restava entregar o corpo aos motores e esperar a chegada em Corumbá. Pois esperei e cheguei, às 4 e meia, hora do Rio e 3 e meia, hora de Corumbá: Sim, porque aqui até a hora é outra.
2 De São Paulo em diante a visão de qualquer panorama. Surgiram comparações com algodão, neve, paina, rompida quando o avião enfrentava um bloco mais espesso. Impressão de estrada ruim, <cavada em terreno rochoso>.	P2 nuvens [e o avião] procurou o intervalo entre duas camadas para melhor cumprir seu vô: De um lado e outro com algodão, flocos brancos [impedindo [a vista] panorama [Impressão de neve, paina, algodão] paina [logo] rompida [quando o [aparelho] cavalgava um desses monturos]. [Solavancos] de estrada ruim, [mal]	

3 Bauru a Campo Grande, três P3 casa ||Contraste absoluto CR P3 Bauru – Campo Grande:
 horas. Pelas brechas das com a floresta amazônica|| 11.30 as 14.30. Campo Grande a
 nuvens, o planalto verde com Corumbá de 15.00 as 16.30. De
 bosques e árvores esparsas, Campo Grande para cá
 alguns rios, nenhuma casa. sobrevoa-se grande parte do
 pantanal de Mato Grosso,
 durante quase uma hora. É uma
 coisa impressionante. O terreno
 embaixo todo Alagado, formando
 pequenas lagoas onde a água
 consegue abrir as plantas
 aquáticas que cobrem a
 superfície. Muitos coqueiros e
 outras árvores semeiam-se por
 essa planura infinita que parece
 um mar. E enormes garças
 brancas (ou outro pássaro)
 pontilham de branco a superfície
 plana em volta do avião.

4 Logo depois da decolagem de P4Logo [após] minutos (o
 Campo Grande uma série de avião) transpor. |O que antes
 pequenas elevações de eram nuvens| horizonte |em
 encostas escarpadas anunciou o todos os lados. Planura
 pantanal matogrossense. Cerca ||infinita|| rios ||semeada de||
 de sessenta minutos para <o> pousadas ||ou imitando o avião
 transpor. As nuvens em vôo reto.||
 desapareceram e agora é o advinhando ||entre as árvores||
 pantanal, limitando o horizonte que |se vão afastando|
 em todas as direções. Planura amplia||à medida que a
 de águas cobertas de plantas corrente aumenta||
 aquáticas abrindo lagoas e verde ||das matas||. |Aqui|
 pequenos rios, árvores aos formando (a) se | (abrem)
 grupos <ou> isoladas, bandos ([apoiam]) firme[,] |o|
 de garças brancas pousadas, pensamento obrigatório ||de|| o
 <grandes pássaros avião [submergir] caindo
 desconhecidos.> |Impressão |abrindo| lagoa ||Como
 mais forte do que sobrevoar encontrá-lo? E para quê?||

Marajó. Lá, a floresta
 <cerrada,> as fazendas de
 gado, os rios abrindo
 caminho<na mata que se vai
 afastando> - um fio <de água>
 mal adivinhado que se amplia -
 os flocos amarelos do ipê
 iluminando o verde
 <avassalador;> aqui, o planalto
 das águas cobertas, as lagoas
 formando idéia falsa de que se
 apoiam em terra firme. E um
 pensamento obrigatório<:> o
 avião caindo para abrir nova
 lagoa.

5 De repente, um grande lago, P5 [Mais além] (tem) e
 elevações, o rio Paraguai e - [Corumbá - num só golpe de
 num só golpe de vista - vista.]

Corumbá.

6- O avião prossegue para La P6 Corumbá ||No dia seguinte||
 Paz às seis horas, hora local, O |o| [vão] |prossequiria até| La
 sete horas, hora do Rio - avisa paz ||.|| | O sargento avisa: "O
 um sargento. Atrasei meu avião sai às seis horas, hora
 relógio, tomei um carro. Hotel local, 7 horas, hora do
 Venizelos. Belo nome. O Rio."||sargento.||Tratei de
 <empregado, um> boliviano, atrasar, ...
 carrega as malas e me conduz Venizelos [,] |belo| quarto
 ao quarto. Deplorável. Lembrei- [Lastimável]
 me de meu apartamento na
 Barata Ribeiro e das palavras
 do Ministro da Guerra: (4)

7- Mas, capitão, todas as
 funções que um oficial
 desempenha no Exército
 dispensam o conhecimento do
 inglês e do alemão.

8 Por que essa lembrança em P8 alemão ||Não sei explicar|| tal momento? Talvez porque a porque essa lembrança em tal entrevista com o general tenha momento. | sido o ponto final de minha com o [Ministro] incerteza; talvez porque, se eu não o tivesse procurado, <seria> esse o instante propício ao arrependimento de não tê-lo feito.

9 Desci, desceram as malas, outro carro para andar cem metros até ao Grande Hotel Corumbá

10 Quarto simpático (será que 10 Corumbá ||- Mas|| [será que CR P9,10 Estou morando, ou dá para <se> passar um ano o quarto dá para passar um melhor estou hospedado no sem enlouquecer?), porta e ano sem enlouquecer?] Grande Hotel Corumbá... O hotel janela para uma sacada de Quarto simpático, no terceiro é novo e confortável, servem as terceiro andar, a Praça andar, porta e janela para uma refeições à francesa, mas o Independência, o rio, pantanal, sacada, a praça preço é salgado. Por mês 6 mil pôr-do-sol vermelho <idêntico> Independência, ||a cidade, o|| [cruzeiros. O quarto é ótimo, dá ao de Porto Alegre, às margens planalto] ||o|| |por do sol| para a praça principal com uma do Guaíba. sacada de onde se vê quase a cidade inteira...

Mais adiante o rio Paraguai e depois a vasta amplidão do planalto matogrossense cortada apenas ao longe, no horizonte, por algumas elevações.

11 Novamente a cara vermelha do Ministro:

12 - Está certo, há vaga em Curitiba, mas o senhor compreende que a distribuição de oficiais pelas Regiões obedece a certas prioridades.

13 Nesse ponto da entrevista P13 secretário["para atender, a minha convicção já era nula. "estudar", ou simplesmente [Falava por falar, achava-me "não"] não [Então]

ridículo ante o homem que impiedosa: ||Porque não poderia dizer ao secretário para estudou mais?||

atender, a estudar, ou simplesmente não. E veio a pergunta impiedosa:

14- Qual foi sua classificação na Escola de Aperfeiçoamento?

15 A vergonha de responder: P15 Aperfeiçoamento
"Centésimo lugar". E era ||Respondi com um sorriso, mentira. Tola e ingênua para disfarçar|| Mentira mentira. Minha classificação ingênua e tola| ||com eu fora centésimo primeiro. naquele momento.||

16 - Vá, passe um ano, vamos P16construir (umas) e
construir casas por lá - rematou.||
consolou ele.

17 Então lhe ofereci meu último P17 lembrança (os olhos azuis livro. Agradeceu amável, sem se fecharem até o apertou-me a mão e saiu com a elevador)esquecendo-me do ogiva rosada de seu rosto na atestado de inglês e alemão. lembrança, esquecendo-me do atestado de <estudante> de inglês e alemão em sua mesa.

18 ||Predispus-me à alegria ao P18 mesa ||Depois do banho CR P18 ...E por falar em Rio, saber que poderia ler os jornais descí para comprar tinta e chega o jornal todos os dias, a do Rio no mesmo dia. | Liquidei telegrafar . Na papelaria um cinco cruzeiros. Hoje comprei o <minha> depressão e senti-me Correio da Manhã do dia e, na Correio da Manhã, e o de ontem, tão próximo de meus amigos seção literária, a notícia de que não mais encontrei, trouxe como se estivesse servindo na minha viagem.|| alegria ||A uma nota do Condé sobre minha Vila Militar do <Rio.> nota|| ||liquidou a depressão e a viagem. Viste? Do dia 27. Se

certeza de (poder) ler, <os> ainda tiveres, recorta e me jornais do Rio no mesmo dia manda.

aproximou-me de tal forma de

meus amigos que me pareceu CW P18 Leio quase diariamente estar na Vila Militar, | os jornais do Rio. Só não chega ||inexistentes o pantanal e o o de domingo, exatamente o que planalto matogrossense.|| mais gosto de ler, Compro o

Correio da Manhã e o Diário de Notícias, por causa da Eneida...

19 Tratei das apresentações P19 general |- da oposição <pela manhã,> começando pelo naturalmente. | ||Mas bastante Quartel General da Brigada acessível||

Mista, uma residência adaptada às seções do Estado Maior e demais repartições.¹ Um capitão, alguns majores, um coronel, o general, <simpático e bem falante.> Por ser da oposição ao governo foi castigado com a comissão de Corumbá

20 |- Onde está hospedado?| P20 Corumbá. |preocupado com o lugar onde eu iria morar.|

21 É a preocupação dominante. P21 ||Porque o Exército não Há <apenas> seis casas <na resolveu esse problema.|| [O guarnição>, ocupadas por Batalhão tem seis casas, ||já|| oficiais casados. Até oficiais ocupadas, [para] casados ||Os

superiores da Brigada têm de outros, e ||(alguns)|| ||os||
 ficar no hotel, ou procurar despesa |porque a maioria
 pensões baratas, ou montar reside|
 casas duplicando a despesa por Dificuldades [como] ||A quem
 terem apartamento no Rio ou é do litoral, o simples nome de
 em São Paulo. Como servir em Mato Grosso inspira terror. Por
 Corumbá é uma missão que então, não proporcionar
 transitória, todos reagem a facilidades a quem se destina a
 essas dificuldades. Em essa região? Sabe-se de
 consequência, a falta de Quantidade imensa de oficiais
 oficiais, o desempenho de que nunca saíram das capitais,
 várias funções pelo mesmo que permanecem dez e mais
 homem, a pouca eficiência dos anos no Rio e em São Paulo.
 serviços. A 9ª Região Militar, de Está certo. Mas causa pena o
 Mato Grosso, é conhecida como abandono das guarnições do
 a Anônima Região. interior|. A |Nona| |a| Naônima
 Região.

22 Uma visita pelas instalações P22 1 Região.|Seu proprietário-
 do QG revelou um detalhe um homem que enriqueceu
 curioso: lustres de cristal em rápido demais, segundo me
 todas as peças, inclusive no explicaram - esmerou-se no
 banheiro. A casa pertenceu a acabamento. Lustres de cristal,
 um comerciante que enriqueceu em todas as peças, até no
 rápido demais e o luxo atingiu banheiro, o chão todo de
 ao exagero. ladrilhos que a madeira aqui é
 escassa e o colorido vário do
 assoalho deve sair mais caro,
 para satisfação do construtor.|

23 Era preciso ir à minha P23 exagero |Do quartel CR P23 Fui me apresentar hoje
 Unidade, o 17º Batalhão de general fui ao| Caçadores||(um) e sou apenas o Comandante do
 Caçadores. <Cheguei como um quadrilátero, térreo e cinzento, Batalhão, pois o coronel está de
 usurpador:> por ser o capitão amarelo no interior.|| férias, Há poucos oficiais, o
 mais antigo, assumi o comando. usurpador.|E eu, o capitão mais quartel é bom mas ainda estou
 A falta de oficiais ainda mais antigo, no comando do empenhado em resolver a
 acentuada. O coronel Batalhão. | tenentes [muitos] questão da moradia.
 <comandante,> de licença; dois aspirantes |da reserva
 capitães, alguns tenentes, estagiários e Quatro da ativa.| C W P23 Do quartel, meu caro,

quatro aspirantes da ativa e Tenente [na fiscalização] sou o comandante em chefe, com diversos da reserva, estagiários. ||administrativa, se a Escola jeep à disposição. 500 homens a Aspirantes no comando de Militar não o prepara para isto? meu comando. Como mudam as companhias, por falta de Poucos capitães estão em coisas! Parece um filme de Cecil capitães; um segundo tenente condições de B. de Mile. Estou me sentindo como Fiscal Administrativo, por desempenhar(em) a contento completamente Cleópatra a falta de major. essa atribuição de grande rainha do Paraguai.

responsabilidade. Só em 1957 a Escola de Aperfeiçoamento de oficiais se apercebeu (dessa nec) da necessidade de ministrar o assunto a seus alunos, e o fez de modo por demais sucinto.||

24 Quando se sai da Academia P24 Militar ||de paredes de Militar, o maior desejo é ter um mármore e armamento pelotão de soldados para se moderno|| |espera-se ensinar o aprendido nos três encontrar, pelo menos, um duros anos do curso. Que sabe pelotão completo para assumir um aspirante de comando de o comando e transmitir ao companhia? E um segundo soldado um pouco do que se tenente de Fiscalização? <A aprendeu.| responsabilidade de estrangeiro |Em vez disso, comandante, com a situação encontra-se uma companhia dos quadros, cresceu em minha inteira, sem sargentos|| | frente. Repetia-se o panorama (porque um é do rancho, || já conhecido em outras outro furriel|| aquele unidades, agravado pela [emprestado à] | datilógrafo|| e situação de fronteira com um com alguns cabos que mal país estrangeiro.> Naturalmente sabem dar ordem unida] iria encontrar aspirantes quartéis ||Em vez disso, desiludidos, desajustados ou encontra-se uma companhia entregues à **experiência** dos inteira, sem sargentos.] sargentos – elemento essencial quartéis ||Para o desempenho da rotina burocrática de todos das funções militares, muitas os quartéis. E as companhias delas especializadas e com a instrução entregue a técnicas, acaba-se por contar cabos porque um sargento é apenas com o espírito de

distraído para o rancho, outro invenção, a formação pessoal,
<fica> à disposição da (inteligência, valor) tudo
tesouraria, aquele vai para a empírico, aliado à inteligência e
Casa das Ordens porque é bom ao valor individual.||
datilógrafo.

quartéis || Em (porque um é
do rancho, outro furriel, outro à
disposição da tesouraria,
aquele emprestado à Casa das
Ordens por ser bom
datilógrafo) e com alguns
cabos que mal sabem dar
ordem-unida.

25 Lembrei-me de um tenente P25datilógrafo ||Lembro-
que me dizia no Rio Grande do me||
Norte:

26 - Se o Brasil não pode
manter um Exército que o
transforme em polícia

27 De meu quarto vejo a P27 Corumbá [:] fantasma, ||na C R P 27 ... na frente, um
aberração de Corumbá, um praça principal|| edifício de 11 andares que é um
edifício de onze andares em andares || - o hotel.|| fantasma numa cidade de casas
vias de conclusão. Por mais que e sobrados apenas...
procure, não consigo justificá-lo.
Ergue-se, o fantasma, em meio
a casas <de um só pavimento,>
alguns sobrados, um edifício de
três andares.

28 Como viverão nele as
famílias acostumadas ao pátio
para estender roupa, ao terreiro
para varrer, plantar flores,
sentar-se à sombra das
árvores?

29 E as crianças? Onde construirão estradas, pontes, em que galho vão brincar de avião, de circo.

30 Os suicidas de Corumbá têm novo cadafalso.

P30 cadafalso || Corumbá tem semelhança com cidades do Nordeste ou do Estado do Rio, ou de Santa Catarina, o que quer dizer - é uma cidade brasileira.||1

Grande Hotel fica na esquina das ruas Frei Mariano e João Pessoa. A primeira partindo da barranca||2

É o eixo Norte-Sul da cidade, com cerca de dois quilômetros. O eixo leste-oeste é a rua João Pessoa. A direita || primeiras quadras da Frei Mariano e nas transversais: 13 de Junho e Delamare.|||Aí está o comércio de toda a espécie, bem sortido com artigos de São Paulo e Rio e também redes tipo Nordeste. Letreiro de um bar: "Fiado 5 letras que choram..."]

turistas |Apenas os trechos das ruas do comércio são calçados. Uma poeira esbranquiçada levanta-se por toda a parte da cidade|

31 Ainda não começou o calor da cidade (estamos em março), ou já passou por causa das chuvas de ultimamente. Está uma temperatura agradável. A

C R P 31 O calor ainda não se manifestou, dizem que é porque choveu. Está muito melhor do que no Rio.

A cidade é boa, embora muito

cidade é antiga, toda arborizada e bem traçada, com um centro comercial adiantado, muita gente nas ruas e táxis a correr o dia inteiro como se quisessem impressionar turistas. No centro, algumas ruas calçadas; depois, poeira e mais poeira, branca como a de Tijucas, em Santa Catarina. <A zona do porto é pitoresca e no barranco do rio Paraguai há um bar imenso, com dois terraços cheios de mesas. Não sei se há gente para tanto. La Barranca é o seu nome. Outros bares espalhados por toda a parte, cadeiras na calçada. Dois cinemas. Amanhã, Miguel Strogoff.

empoeirada, já que o calçamento restringe-se a alguns trechos no centro. Há dois cinemas e três hotéis, mas os outros são horríveis. A zona do cais do porto lembra a Bahia ou Belém, a cidade parece com as do interior do Estado do Rio-Rezende, Barra Mansa- mas é plana. Toda arborizada, a iluminação é pobre e o aspecto noturno é soturno (sem querer fazer verso

CW P31 Ainda não ...
Ultimamente ||Assim|| | está tudo muito agradável|
cidade é [velha] ||mas bonitinha||
porto é ||muito bonita|| para|
encher aquilo tudo,| [La Barranca] | é o nome do bar.
Parte ||cerveja a Cr 30,00 ||
cinemas ||cinemas|| só
Amanhã [Miguel Strogoff]
||Como ia pouco ao cinema no Rio, posso ver agora tudo o que não vi aí.

32 Há uma beleza latente nas P32 Strogoff ||Mas|| [há] ruas de Corumbá. Os quilômetros ||dessas árvores|| flamboyants. Quilômetros e casas [.] \Quando florirem hão quilômetros acompanhando as de aniquilar o colorido vivo e casas há de aniquilar o colorido variado das fachadas| vivo e variado das fachadas quando desvendarem o segredo de suas flores vermelhas

33 Vejo o casarão baixo e P33 quartel [[fechando] cidade CR P33 limites ||Tudo o que cinzento do quartel limitando a |do outro lado é o aeroporto vejo ou sei de interessante, cidade à Leste e o aeroporto no que se encarrega de limitá-la| escrevo no Diário de Corumbá.

outro extremo. <Um eixo de> extremo |Aproximadamente| Se algum dia for publicado quase quatro quilômetros Bolívia ||Tomando a cruz ficarás sabendo detalhes de <cortado pelo Norte-Sul que dessas ruas, traçando-se Corumbá.||
sobe do rio> até à estação da paralelos e transversais, Estrada de Ferro Brasil-Bolívia. teremos a "cidade branca", São os limites da Cidade como diz a estação de rádio " Branca, como diz a estação de maior parque industrial de Mato rádio, o maior parque industrial Grosso."|
de Mato Grosso.

34 O centro comercial P34 cidade [Situa-se] do ||Rio|| aproxima-se do rio e a cidade, Paraguai [aparentemente] situada à margem direita do boliviano. ||Essa margem é Paraguai, parece encontrar-se alta, em contraste absoluto em território boliviano. <A outra com a esquerda totalmente|| margem é baixa, sujeita a inundações periódicas. Dizem que de tarde os jacarés vêm assistir ao pôr-do-sol na beira do rio.>

35 O letreiro de uma lotação <identifica-me de repente com o Rio:>"Mauá-Méier". Passo pelo marco inicial da estrada de rodagem Brasil-Bolívia, no cruzamento de duas ruas centrais, com quatro relógios no topo. Todos os ponteiros parados, cada face num ângulo diferente.

36 <Volto ao quarto de hotel.> A P36 hotel |De resto as demais cidade começa a escurecer e os ruas de Corumbá também flamboyants deixam filtrar são escuras porque a luz não apenas um pouco da luz fraca atravessa os flamboyants | das lâmpadas. As famílias, para lâmpadas ||E|| calçadas, aproveitar o fresco da noite, ||ainda||

trazem cadeiras para a frente e Nordeste |O que me desgosta é
conversam nas calçadas, como o rádio. Sem antena, onde se
no Nordeste. Resta ligar o rádio ouvia o Rio entram estações da
e tentar ouvir as estações do Bolívia e Paraguai |falando
Rio. Mas entra a Rádio Nacional [em] |cada intervalo no
do Paraguai, <violenta,> Mariscal Lopez e suas Glórias|
falando no Mariscal Lopez e
suas glórias a cada intervalo
das guarânias.

7 Transcrição do *Monólogo da provação*

Muitos críticos literários têm ressaltado a importância do conto no atual panorama literário brasileiro. Sofrendo influências de várias espécies, mesmo quando houve o período de declínio do conto, nem por isso deixou ele de ter a importância que teve para Machado de Assis, Mário de Andrade, Alcântara Machado ou João Alfonsus, para citar nomes de várias épocas. Raros são os grandes romancistas de hoje que não começaram a vida literária pela história ou estória curta.

Considero Harry Laus um dos melhores contistas do Brasil de hoje. E por assim considerar, sinto-me muito à vontade para aparecer nesta orelha, não como crítica literária que não sou, nem para contar o enredo do livro pois sou contra isso. O leitor gosta de descobrir sozinho erros e acertos de uma obra literária, não admitindo - quando é bom leitor - que o livro lhe seja contado em lombadas ou orelhas.

Nos livros já publicados de Harry Laus: *Os incoerentes* - 1958 e *Ao juiz dos ausentes* - 1961, o contista ressaltava em cada página. Há mesmo um de seus contos, *As horas de Zenão das Chagas*, que é antológico. Destaco esse, quando podia chamar a atenção para outros. Além dos livros publicados, o nome de Harry Laus aparece assinando contos em algumas antologias como, por exemplo: *Histórias Reiúnas* e *Antologia do Novo Conto Brasileiro*.

Já em *Monólogo da provação* o contista se nos apresenta sob novo aspecto. Suas histórias são histórias, acontecimentos, ocorrências de dias passados longe do Rio, vivendo em Corumbá, no longínquo Mato Grosso, jogado distante de seu meio ambiente. É um monólogo, "uma pessoa fala e outra, presente na sala, porém calada, sem dialogar, escuta", como diz Mário Faustino numa carta (dessas cartas Harry Laus destacou trechos para *Monólogo da provação*, homenagem de amigo ao poeta morto), um monólogo sem dúvida, mas poderia também ser chamado Diário. Memórias, tão próximo está o livro dessas duas catalogações.

Harry Laus foi oficial do Exército e é claro que isso marcou muito sua vida; sempre procurou viver em profundidade, e é o que se sente em seus contos, na análise de seus personagens, nos fatos que os tornaram dignos de ocupar um lugar em uma obra literária. Sendo hoje jornalista (é oficial da Reserva do Exército) Harry Laus não tem publicado nada ultimamente no terreno literário. Não que eu julgue - muito pelo contrário - que o jornalismo atrapalhe a literatura. Antes, prefiro repetir mestre Leonidas Rezende: "o jornalismo é uma escola de síntese". Mas, absorvido pelos problemas da crítica de arte na qual atua no Jornal do Brasil, sofreu ou está passando por uma etapa de preguiça criadora. Contra isso protestamos todos nós os que nele acreditamos e gostamos de lê-lo e sabê-lo produzindo.

Vão os leitores, agora, ler este *Monólogo da Provação*. Tenho a certeza de que, como eu, aplaudirão o contista Harry Laus, este contador de histórias e estórias, sempre dono de seu ofício, sabendo usar e bem usar de suas qualidades literárias.

Deixemos Harry Laus contar.

Orelha para *Monólogo da provação*

ENEIDA (1)¹

Rio, julho, 1966.

Do autor:

Os incoerentes, contos, Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras - Livraria São José, Rio, 1958.

Ao juiz dos ausentes, contos, Edições Opama, Rio, 1961.

<(atualizar)>²

¹A série de números (1), (2), (3), (4), (5) e (6) foi acrescentada à mão pelo autor sempre ao lado de um nome próprio. Provavelmente tratam-se de notas que seriam acrescentadas quando da publicação, porém todas ficaram sem qualquer explicação.

²<(atualizar)>. As notas que seguem os critérios de transcrição referem-se aos acréscimos feitos a caneta pelo autor. Portanto, a partir desta nota (no. 2) serão apresentadas sem qualquer explicação posterior.

HARRY LAUS

MONÓLOGO <DA PROVAÇÃO>³

RIO - 1964

³ <da provação>

A presença do prefaciador se justifica, não para apresentar escritor já feito, como Harry Laus, mas para marco, no itinerário do Exército, de uma fase anterior àquela a que pertence o autor. E, para autenticar essa sucessão de fases, desejo lembrar que ainda manteve contato com velhos militares de gerações anteriores à minha, formadas pela Praia Vermelha. Doutores, filósofos, com um sentimento arraigado de liberdade e uma cultura apreciável, cultura que os levou a influir decididamente na proclamação e organização da República.

Mas, nem só de filósofos e doutores se compunham essas gerações de cadetes, que, entre eles, também havia os que tinham feito o "curso de alfafa", como diziam os doutores. Tarimbeiros se chamavam, e iam deixando pelas unidades onde passavam, às vezes longos anos, um anedotário de inesperadas decisões ou estranhas providências.

Ainda ouvi contar o caso do tenente que subiu a cavalo as escadarias da igreja da Penha; e do velho comandante que, ao mandar prender um, entre dois soldados que marchavam em passo discordante, explicou: - "O mais antigo é que está de passo certo"; e, ainda, o caso do comandante, mão pesada na punição da impontualidade alheia, punindo-se a si próprio, com pena de repreensão, publicada em boletim, por ter chegado com atraso ao quartel.

Mas acontece que a esses oficiais, rústicos e violentos, o Exército e o Brasil ficaram devendo a vigilância de nossas fronteiras, um tempo em que, para ir a Bela Vista, Mato Grosso, tomava-se um navio no Rio, ia-se a Buenos Aires e Montevideu, subia-se o Prata e o Paraguai, até embicar pelo Apa a dentro, não mais em navio, porque o Apa é de poucas águas, senão de canoa ou a cavalo, margeando o rio, ou, pelo interior, saltando em Porto Murtinho. Esses velhos soldados suportaram Corumbá, com sua solidão e seus mosquitos; amavam seus cavalos e seus soldados, com um amor feroz, mas recolhido, pois tinham poder de mostrar o bem-querer. Muita esporada em cavalo e muita varada em soldado representaram uma afirmação de exaço no cumprimento do dever. Acabaram-se com o tempo. Alguns avatares supérstites.

Minha geração teve formação menos rude, mas ainda conheceu casas de madeira em zona de frio

muito, encarangando até a musculatura superdinâmica de tenentes de 22 anos. Conheceu revoluções em que o cavalo ainda prestava serviço, em que o avião - quase o teco-teco de hoje - virou, na melhor das hipóteses, gralha empoleirada em topo de pinheiro, como em 1924.

Em dias e dias de trem, persistente e vagaroso, polvilhado da fina poeira vermelha, a roupa queimada de fagulhas da maria-fumaça, chegava-se a Porto Esperança. Esperança de banho, a água do rio Paraguai, inacabável, lavando a poeirama. Depois, tomava-se um navio e navegava-se rio acima, até Corumbá. Noite inteira e manhã inteira de viagem.

Essa geração, que foi a minha, difere daquela a que pertence o autor, principalmente porque viu serem destruídas algumas afirmações tidas por inabaláveis: "O Brasil não tem petróleo", garantia o professor, no ginásio; o forno de aço que conhecíamos ficava na Ilha do Viana, tão pequeno, que, em Volta Redonda, seria tido como panela; O Brasil do meu tempo era um "país essencialmente agrícola"; e nunca se contara, pois, a propaganda do primeiro recenseamento perguntava e respondia: "Quantos somos? Dolorosa interrogação!" Depois disso me tornei praça.

Evidentemente o meu exército já não foi o do meu comandante de esquadrão, Capitão Mário Xavier, bamba dos bambas, perna das pernas, nem o do Coronel João Batista Pires de Almeida, comandante do 4º Regimento de Cavalaria Divisionária, dos quais falamos hoje, como eles falavam de Moreira César e Floriano Peixoto.

Oficiais de Exército, com uma disposição de afirmar masculinidade, pelo "castigar a natureza", esse meu Exército guardava muita coisa recebida de herança: "Homem não chora", "soldado é superior às 'intempéries de tempo', outras. Um comandante encerrava as declarações sobre o trânsito, feitas pelo tenente que chegara atrasado: "Explica, mas não justifica". Se, em domingo de chuva, alguém faltava a uma festa, no dia seguinte haviam de querer saber se era "solúvel em água".

De herança, também recebemos e conservamos o espírito de solidariedade à toda prova, capaz de levar oficiais, partidários da revolução de trinta, a negar as

suas idéias, perante correligionários vitoriosos, para ficar com o velho comandante legalista derrotado, que se portara com dignidade e coragem no combate. Capaz de fazer o capitão legalista dar fuga ao colega revelucionário asilado, mas ameaçado de ser entregue: tinham sido colegas de turma. Oh! têmpera!...

O exército de Harry Laus estudou em Rezende, não conheceu o desconforto de Realengo; não fez excursões noturnas pouco recomendáveis: pugnases a Bangu, donjuanescas ao Morro do Capão, rapinantes aos laranjais do próprio bairro. Em Rezende, o cadete tem apartamento, sala de estudos, alimentação, cuidado, tudo tão diferente do alojamento de duzentas camas, da velha gororoba. E este complexo de conforto material, mais a modernidade e abundância do material de que dispõe para sua formação física, deram ao jovem oficial de hoje um conceito de *way of life* em que se coloca de forma acentuada, diante de sua observação, a diferença entre os dois Brasis - o colonial do sertão desamparado, e o industrial litorâneo, com magnatas e proletários polarizando a questão social urbana.

Harry Laus, com uma sensibilidade muito viva, registra o que representou a sua experiência em Corumbá, que pode ser resumida em três palavras: o cerco da solidão. Compreensível que, quando o país já fabrica automóveis e Copacabana oferece tantos atrativos, seja penosa a permanência de um moço numa cidade isolada, na barranca do rio Paraguai. Entre o Volkswagem e o cavalo, entre a pesca submarina e o velho caniço de taquara, entre a *garçonnière* carioca e as pobres "militrizes" caipiras, seria desumano exigir a escolha do pior.

Mas, será que esse exército, dirigido para e por um tecnicismo, cuja meta há de ser, logicamente, a viagem de estudos a U.S.A., não estará alienando ou derracinando os oficiais para um futuro conflito com o povo? A tecnologia endeusada, como se fora a própria ciência; a supressão dos estudos humanísticos, levando-se desprezo pelas belas artes e a uma conceituação pragmática da própria vida espiritual; o transplante puro e simples, sem assimilação, de uma mentalidade não latina; o culto do dinheiro e do conforto; a comparação superficial do progresso de outros países, com os aspectos negativos do nosso, levando à descrença na capacidade de nosso povo, e à tentação de salvá-lo, sem a sua anuência, onde levará

tudo isso? A França - e os exemplos latinos são de melhor assimilação - teve seu exército colonial. Aqui, a existência desses dois Brasis tão distanciados exige que a vida militar conserve e cultive ainda a concepção do velho cavalariano: "A serviço da Pátria o sacrifício é um gozo". Mas, haverá no mundo cético e cínico de hoje, possibilidade de vigência deste lema?

O balizamento foi feito. Esbocei a fisionomia das fases que antecedem a que este livro descreve. Nestas memórias de ontem, mais que a paisagem sertaneja, ressalta e se sobrepõe a cor que nos vem da sensibilidade de Harry Laus. Sua expressão de escritor consciente se vem polindo e aperfeiçoando a cada realização nova, e, em vários momentos, atinge o completo domínio da arte literária, ou seja, integração entre pensamento e palavra. Ainda aqui, neste livro, consegue obter tonalidades e efeitos que nos dão uma visão artística da mesmice cotidiana, onde só a vibratibilidade de um temperamento hiperestésico pode registrar oscilações quase imperceptíveis.

Estamos diante de um escritor que adquiriu o domínio de seu instrumento, que tem condições pessoais tão acentuadas e marcantes, que não estaremos exagerando impressões no afirmar a certeza de que, a qualquer momento, Harry Laus nos dará seu grande livro e que esse há de ser, também, um grande livro de nossa literatura.

M. Cavalcanti Proença (2)²

² <(2)>

Monólogo é exatamente isso, em teatro. Uma pessoa fala e outra, presente na cena, porém calada, sem dialogar, escuta.

Mário Faustino

As anotações para este livro foram tomadas em Corumbá, Mato Grosso, durante o ano de 1958 e início de 1959. Em fins de 1963 reli as notas e julguei haver alguma coisa interessante. Mostrei a Eneida (1)³ que se entusiasmou e insistiu para que eu trabalhasse e transformasse o manuscrito em livro. Mas não culpem Eneida pelo desvalor deste Diário; culpem a amizade que ela tem por mim.

Resolvi excluir as datas que antecedem cada anotação por julgar que pouco ou nada representam. Substituí o nome anterior de *Diário de Corumbá* por *Monólogo*, em homenagem a Mário Faustino que aconselhou este título por mim proposto. Também em homenagem a Mário, transcrevo suas cartas, quase sempre na íntegra, só não o fazendo quando há certas referências a pessoas vivas.

Agradeço a Walter Wendhausen (4)⁴ e a minha irmã Ruth o acesso à correspondência que lhes dirigi. Só assim consegui esclarecer a imprecisão de certas anotações, melhor expressas nas cartas.

³ <(1)>
⁴ <(4)>

Os fatos narrados nos tópicos 38, 94, 101 e 105 foram transformados nos contos *Segredo*, *Ao juiz dos ausentes*, *O zelador* e *Tamanduá Bandeira*, respectivamente, publicados no livro *Ao juiz dos ausentes*.

Se fosse o caso dedicar este livro a alguém, dedicaria aos soldados que me serviram como ordenanças. Dedicaria a Simão, por exemplo, negro forte e bom de Goiás. Analfabeto e nada inteligente, mas de uma dedicação comovedora. Ainda o vejo com o largo sorriso, de capacete, partindo para meu quarto. Arrumava tudo e engraxava todos os sapatos, diariamente, mesmo que não os tivesse usado.

Já no Rio, soube de sua morte:

Estava com a namorada num banco de praça, quando surgiu um conflito entre soldados e marinheiros. Pacífico e disciplinado, deixou-se ficar no banco. Mas um marinheiro aproxima-se e dá-lhe uma facada no coração. A moça foge e ele se levanta, o sangue manchando a túnica.

Quando a patrulha chegou, Simão tomou a posição de sentido e morreu.

Não fume. Aperte o cinto. Estava decidido o destino: Corumbá, via Correio Aéreo Nacional, com escalas em São Paulo, Bauru e Campo Grande.

De São Paulo em diante o céu cobriu-se de nuvens, impedindo a visão de qualquer panorama. Surgiram as inevitáveis comparações com algodão, neve, paina, rompidas quando o avião enfrentava um bloco mais espesso. Impressão de estrada ruim, cavada em terreno rochoso.

Bauru a Campo Grande, três horas. Pelas brechas das nuvens, o planalto verde com bosques e árvores esparsas, alguns rios, nenhuma casa.

Logo depois da decolagem de Campo Grande uma série de pequenas elevações de encostas escarpadas anunciou o pantanal matogrossense. Cerca de sessenta minutos para o transpor. As nuvens desapareceram e agora é o pantanal, limitando o horizonte em todas as direções. Planura de águas cobertas de plantas aquáticas abrindo lagoas e pequenos rios, árvores aos grupos ou isoladas, bandos de garças brancas pousadas, grandes pássaros desconhecidos. Impressão mais forte do que sobrevoar Marajó. Lá, a floresta cerrada, as fazendas de gado, os rios abrindo caminho na mata que se vai afastando - um fio de água mal adivinhado que se amplia - os flocos amarelos do ipê iluminando o verde avassalador; aqui, o planalto das águas cobertas, as lagoas formando idéia falsa de que se apóiam em terra firme. E um pensamento obrigatório: o avião caindo para abrir nova lagoa.

De repente, um grande lago, elevações, o rio Paraguai e - num só golpe de vista - Corumbá.

- O avião prossegue para La Paz às seis horas, hora local, sete horas, hora do Rio - avisa um sargento.

Atrasei meu relógio, tomei um carro. Hotel Venizelos. Belo nome. O empregado, um boliviano, carrega as malas e me conduz ao quarto. Deplorável. Lembrei-me de meu apartamento na Barata Ribeiro e das palavras do Ministro da Guerra: (4)⁵

- Mas, capitão, todas as funções que um oficial desempenha no Exército dispensam o conhecimento do inglês e do alemão.

⁵ <(4)>.

Por que essa lembrança em tal momento? Talvez porque a entrevista com o general tenha sido o ponto final de minha incerteza; talvez porque, se eu não o tivesse procurado, seria esse o instante propício ao arrependimento de não tê-lo feito.

Desci, desceram as malas, outro carro para andar cem metros até ao Grande Hotel Corumbá.

Quarto simpático (será que dá para se passar um ano sem enlouquecer?), porta e janela para uma sacada de terceiro andar, a Praça Independência, o rio, pantanal, pôr-do-sol vermelho idêntico ao de Porto Alegre, às margens do Guaíba.

Novamente a cara vermelha do Ministro:

- Está certo, há vaga em Curitiba, mas o senhor compreende que a distribuição de oficiais pelas Regiões obedece a certas prioridades.

Nesse ponto da entrevista minha convicção já era nula. Falava por falar, achava-me ridículo ante o homem que poderia dizer ao secretário para "atender", "a estudar", ou simplesmente "não". E veio a pergunta impiedosa:

- Qual foi sua classificação na Escola de Aperfeiçoamento?

A vergonha de responder: "Centésimo lugar". E era mentira. Tola e ingênua mentira. Minha classificação fora centésimo primeiro.

- Vá, passe um ano, vamos construir casas por lá - consolou ele.

Então lhe ofereci meu último livro. Agradeceu amável, apertou-me a mão e saí com a ogiva rosada de seu rosto na lembrança, esquecendo-me do atestado de estudante de inglês e alemão em sua mesa.

2

Predispus-me à alegria ao saber que poderia ler os jornais do Rio no mesmo dia. Liquidei minha depressão e senti-me tão próximo de meus amigos como se estivesse servindo na Vila Militar do Rio.

Tratei das apresentações pela manhã, começando pelo Quartel General da Brigada Mista, uma residência adaptada às seções do Estado Maior e demais repartições. Um capitão, alguns majores, um coronel, o general, simpático e bem falante. Por ser da oposição ao governo foi castigado com a comissão de Corumbá.

- Onde está hospedado?

É a preocupação dominante. Há apenas seis casas na guarnição, ocupadas por oficiais casados. Até oficiais superiores da Brigada têm de ficar no hotel, ou procurar pensões baratas, ou montar casas duplicando a despesa por terem apartamento no Rio ou em São Paulo. Como servir em Corumbá é uma missão transitória, todos reagem a essas dificuldades. Em conseqüência, a falta de oficiais, o desempenho de várias funções pelo mesmo homem, a pouca eficiência dos serviços. A 9ª Região Militar, de Mato Grosso, é conhecida como a Anônima Região.

Uma visita pelas instalações do QG revelou um detalhe curioso: lustres de cristal em todas as peças, inclusive no banheiro. A casa pertenceu a um comerciante que enriqueceu rápido demais e o luxo atingiu ao exagero.

Era preciso ir à minha Unidade, o 17º Batalhão de Caçadores. Cheguei como um usurpador: por ser o capitão mais antigo, assumi o comando. A falta de oficiais ainda mais acentuada. O coronel comandante, de licença; dois capitães, alguns tenentes, quatro aspirantes da ativa e diversos da reserva, estagiários. Aspirantes no comando de companhias, por falta de capitães; um segundo tenente como Fiscal Administrativo, por falta de major.

Quando se sai da Academia Militar, o maior desejo é ter um pelotão de soldados para se ensinar o aprendido nos três duros anos do curso. Que sabe um aspirante de comando de companhia? E um segundo tenente de Fiscalização? A responsabilidade de comandante, com a situação dos quadros, cresceu em minha frente. Repetia-se o panorama já conhecido em outras unidades, agravado pela situação de fronteira com um país estrangeiro. Naturalmente iria encontrar aspirantes desiludidos, desajustados ou entregues à experiência dos sargentos - elemento essencial da rotina burocrática de todos os quartéis. E as companhias com a instrução entregue à experiência dos sargentos - elemento essencial na rotina burocrática de todos os quartéis. E as companhias com a instrução entregue a cabos porque um sargento é distraído para o rancho, outro fica à disposição da tesouraria, aquele vai para a Casa das Ordens porque é bom datilógrafo.

Lembrei-me de um tenente que me dizia no Rio Grande do Norte:

- Se o Brasil não pode manter um Exército que o transforme em polícia.

3

De meu quarto vejo a aberração de Corumbá, um edifício de onze andares em vias de conclusão. Por mais que procure, não consigo justificá-lo. Ergue-se, o fantasma, em meio a casas de um só pavimento, alguns sobrados, um edifício de três andares.

Como viverão nele as famílias acostumadas ao pátio para estender roupa, ao terreiro para varrer, plantar flores, sentar-se à sombra das árvores?

E as crianças? Onde construirão estradas, pontes, em que galho vão brincar de avião, de circo.

Os suicidas de Corumbá têm novo cadafalso.

4

Ainda não começou o calor da cidade (estamos em março), ou já passou por causa das chuvas de ultimamente. Está uma temperatura agradável. A cidade é antiga, toda arborizada e bem traçada, com um centro comercial adiantado, muita gente nas ruas e táxis a correr o dia inteiro como se quisessem impressionar turistas. No centro, algumas ruas calçadas; depois, poeira e mais poeira, branca como a de Tijucas, em Santa Catarina. A zona do porto é pitoresca e no barranco do rio Paraguai há um bar imenso, com dois terraços cheios de mesas. Não sei se há gente para tanto. La Barranca é o seu nome. Outros bares espalhados por toda a parte, cadeiras na calçada. Dois cinemas. Amanhã, Miguel Strogoff.

Há uma beleza latente nas ruas de Corumbá. Os flamboyants. Quilômetros e quilômetros acompanhando as casas há de aniquilar o colorido vivo e variado das fachadas quando desvendarem o segredo de suas flores vermelhas.

Vejo o casarão baixo e cinzento do quartel limitando a cidade à Leste e o aeroporto no outro extremo. Um eixo de quase quatro quilômetros cortado pelo eixo Norte-Sul que sobe do rio até à estação da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia. São os limites da Cidade Branca, como diz a estação de rádio, o maior parque industrial de Mato Grosso.

O centro comercial aproxima-se do rio e a cidade, situada à margem direita do Paraguai, parece encontrar-se em território boliviano. A outra margem é

baixa, sujeita a inundações periódicas. Dizem que de tarde os jacarés vêm assistir ao pôr-do-sol na beira do rio.

O letreiro de uma lotação identifica-me de repente com o Rio: "Mauá-Méier". Passo pelo marco inicial da estrada de rodagem Brasil-Bolívia, no cruzamento de duas ruas centrais, com quatro relógios no topo. Todos os ponteiros parados, cada face num ângulo diferente.

Volto ao quarto de hotel. A cidade começa a escurecer e os flamboyants deixam filtrar apenas um pouco da luz fraca das lâmpadas. As famílias, para aproveitar o fresco da noite, trazem cadeiras para a frente e conversam nas calçadas, como no Nordeste. Resta ligar o rádio e tentar ouvir as estações do Rio. Mas entra a Rádio Nacional do Paraguai, violenta, falando no Mariscal Lopez e suas glórias a cada intervalo das guarânias.

5

Primeira carta de Mário Faustino:

Recebi ontem tua carta. À noite, por outros motivos, estive com a Ruth e, en passant, soube que ela ia te escrever também hoje - também ontem recebera tua primeira carta. Obrigado, portanto, pela fraternal atenção. Os dias em que te foste foram demasiado cheios para mim - assim também os desde então e os de agora.

Gostei da saúde com que escreveste tua carta. Não está melancólica, não está triste. Isso, homem, sê macho, enfrenta a situação e tira dela o melhor. Tudo é fonte de vida e é de vida - de mutáveis mudanças mutáveis - que necessitas. Corumbá, planalto, pântano, planura, plano, plano, pequenas elevações, rio, crepúsculos, flamboyants. O quadro não é mau.

Não me falaste uma palavra de literatura em tua carta. Que que há? Trabalha, homem. Trabalha com liberdade - primeiro - e com disciplina, depois (ambas as fases no mesmo trabalho). Cria com liberdade: deixa a pena correr. Depois recria: corta, acrescenta, monta, cola, emenda, etc... Lembra-te do homem de cinema. Lembra-te de tua época. Abandona por uns tempos teu egozinho que não é nem a metade tão interessante quanto os objetos que te cercam - e mesmo que o fosse, é um só contra bilhões de outros objetos. Não te incomodes com tua auto-revelação. Até falando em uma laranja o artista se revela, se reflete, se transmite. Fala, cria. Não te limites à auto-confissão, auto-piedade, etc...

E procura renovar. Procura conferir novidade e dignidade à língua de todos os dias. Procura aproveitá-la para que os que a falam, lendo-te, falem melhor, mais exato, mais claro, mais belo, mais rico, mais variado. Vê na tua literatura um crivo da língua, uma oficina onde esta se purifica, se melhora, se exatifica, se diversifica, cresce, transforma-se ao mesmo tempo que se disciplina. Deixa as "mensagens" diretas. As outras, as fornecidas pelos objetos que criamos, são as melhores, as mais eficientes. Faze teu leitor ver o que tu vês, não apenas ouvir o que falas: do contrário ele nunca mais se interessará por ti. O tempo dos românticos diálogos autor-leitor está passado.

Coerência, homem! Coerência! RIGOR! esta é a mensagem. E o humilde trabalho, o dar-se humildemente, o baixar a cabeça e trabalhar. O resto vem depois. (Não estou falando só contigo, falo-me também a mim mesmo).

Abraça-te, de longe, o teu

Mário

Escreve sempre, urgente e muito.

6

A rotina está prestes a se estabelecer.

O despertador toca às cinco horas da madrugada, pouco antes das seis passa o ônibus do quartel. Às seis e meia assumo o comando. Desfile da tropa. Surgem casos a resolver e chegam as onze horas muito depressa. Ônibus, almoço no hotel, ônibus às treze horas, novos casos a resolver, outra vez no ônibus às dezesseis horas, hotel.

7

A Enfermaria do 17º B C, por misteriosa razão que não me souberam explicar, foi construída no extremo oposto da cidade, a cerca de quatro quilômetros do quartel. É uma construção antiga, com janelas e portas enormes, as paredes com cinco metros de altura, caiadas de branco. No interior, um pátio com um poço redondo, a carretilha presa a um arco de cimento. Está fechado. Ao redor, uma paineira, mamoeiros, um abacateiro.

Os soldados baixados passam a tarde deitados na varanda de ladrilhos, no chão, para fugir um pouco ao calor.

Não há água a não ser num tanque encostado ao muro. É aí que os soldados fazem sua higiene matinal, com latas e canecos. De noite entra um pouco de água da rua, sem chegar a encher a caixa e o banho, de madrugada, é penoso, o corpo molhando-se lentamente com a água que sai de cinco ou seis furos do ralo do chuveiro.

É nesta enfermaria que moro desde ontem, por medida de economia. No quarto amplo, uma cama de ferro, um caixote conseguido com o servente para suportar o rádio, nada mais. Roupa emalada, desconforto total. Terei de comprar móveis mas aqui tudo é caro e difícil. Temos providenciado, eu e um major nas mesmas condições, para solucionar o problema da água. Prefeitura, soldados, mobilizamos a todos. Se não houver solução, nova mudança.

8

A oito quilômetros do marco zero da cidade, seguindo pela estrada que continua a rua João Pessoa, corre o riacho Conceição, limite do Brasil com a Bolívia. Estrada carroçável, em péssimo estado, principalmente depois das chuvas de ontem. Um pequeno marco de pedra de cada lado do arroio, postos militares de ambos os países, as bandeiras em confronto no alto dos mastros.

Posto Esdras é a sede do contingente brasileiro. Um sargento - que trata de porcos, galinhas, plantação de milho e mandioca - dá instrução aos soldados, é o enfermeiro e vigia a estrada. A parte militar compreende um alojamento de madeira, a residência do comandante e a Escola Barão do Rio Branco em alvenaria. Existe ainda outro prédio, independente do Exército, onde funciona o controle alfandegário.

Falta milho para a criação, não há luz elétrica, a água para beber vem de dois quilômetros de distância e o meio que o sargento dispõe para comunicar-se com o Batalhão é estafeta montado. Nenhuma previsão para casos de alarme.

- E esta lenha empilhada na estrada?
- Os soldados tiram da mata próxima para o rancho e a padaria do quartel.

Mas há a Escola Barão do Rio Branco. Um soldado, que foi professor no Estado de São Paulo (tem 19 anos), ministra aulas para 29 crianças, distribuídas pelos 1º, 2º e 3º anos primários, todos na mesma e única sala da escola.

- É difícil porque só tem uma lousa, capitão.

E não recebe gratificação alguma. Há uma professora estadual nomeada, mas nunca apareceu.

Atravesso o arroio Conceição com uma passada maior e estou na Bolívia. A bandeira de listas, verde, vermelha e branca está murcha no mastro. O posto militar é uma casa velha. Aparece um homem que me apresentam como o sargento encarregado da guarda e vigiância da fronteira. Chinelos, calça de brim, camisa branca, um cinto de lona com a fivela metálica da Aeronáutica brasileira.

De todas as impressões do Posto Esdras, a mais forte foi a cara triste das crianças da Escola e o soldado dizendo:

- Só tem um quadro-negro, capitão.

9

Em todos os quartéis do Brasil existe uma prática que se chama reverte. As etapas de alimentação dos soldados que preferem fazer suas refeições em casa reverterem para a economia da Unidade. É com esse dinheiro que os comandantes conseguem fazer as melhorias de aquartelamento e de alimentação da tropa (ou proporcionar banquetes para as autoridades em inspeção).

Em Corumbá o reverte é mínimo. A maioria do contingente incorporado vem de São Paulo, porque a densidade de população de Mato Grosso não é suficiente para preencher os efetivos, e grande parte dos matogrossenses é pobre e prefere ficar mesmo pelo quartel.

Alguns comandantes, por ocasião de datas festivas, dispensam parte do pessoal com direito a ir para casa. Duas grandes compensações: alegria para os soldados e dinheiro com o reverte. Pois esta prática é quase inútil em Corumbá. Apenas alguns recrutas que moram nas redondezas podem beneficiar-se com a dispensa. Para os paulistas - de Bauru, Andradina, Araçatuba, Presidente Prudente e outras cidades - a licença

precisaria ser de uns oito dias para compensar as despesas e a viagem penosa de trem.

Contando praticamente apenas com as mínimas dotações orçamentárias, o quartel do 17º B.C. está em péssimas condições.

Qual o oficial que, sabendo da situação, há de querer comandar uma unidade onde nada, além da rotina, pode efetuar? Que trabalhos há de apresentar para a disputa das promoções?

10

Uma vez por semana acontece na cidade a Feira Boliviana. De trem de carga vem⁶ a caravana triste e pobre dos bolivianos que instalam⁷ a feira perto da estação da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia. Para vender⁸ bananas, laranjas, limas, limões, bocalúvas, milho verde ou seco, batata-doce, mandloca. Aparece⁹ também leite em pó americano, sabonetes, bolachas de mau aspecto. De característico apenas tapetes de pele de carneiro, pequenos potes e panelas de barro queimado para brinquedo de crianças.

Procurei colchas de vicunha mas fui informado de que as três únicas que haviam trazido foram apreendidas como contrabando.

A feira se prolonga por todo o dia e de noite os bolivianos dormem em hospedarias infectas, cinco ou seis em cada quarto, alojados em tarimbas de madeira.

Em amontoado de gente sem alegria que bebe quase tudo o que apurou na venda de seus produtos, antes de regressar à miséria maior de seu país.

11

Pescaria no Rio Paraguai em companhia do tenente dentista do Batalhão e do Comandante Palhano, que serve na Base Fluvial de Ladário, a 6 quilômetros de Corumbá.

A lancha a motor, no meio do rio, permite observar o contraste entre as duas margens. A esquerda, totalmente plana e baixa, ampliando a superfície das

⁶ (chega)

⁷ ([vem])

⁸ (na região)

⁹ ([perto])

águas, sem desnível; a outra, elevada e pedregosa, as pedras formando camadas que lançam verdadeiros trampolins sobre o rio.

- A margem esquerda é de solo argiloso e esta, calcário - explica o comandante. Dali é que retiram calcário para a fábrica de cimento - e aponta para os homens cavando a terra sob o sol forte da tarde.

Os anzóis já haviam sido lançados e logo o tenente começa a puxar a linha rapidamente.

- Segura firme!

Em poucos segundos, novo passageiro no barco: um dourado medindo uns 70 centímetros, com mais de 5 quilos.

Como a região tinha peixe, a lancha voltou várias vezes ao mesmo ponto, passando sempre por uma cabana de madeira onde três homens divertiam-se com uma mulher. A primeira cena foi um deles abraçando-a junto à parede, beijando-a, sem se preocupar com nossa passagem. Na outra volta, o homem era outro, mais velho, vermelho, a cabeleira raspada à moda alemã. Mas na terceira e quarta volta o idílio tomou novo aspecto. A mulher, sozinha, aproximou-se do rio, tirou a saia colorida, ficando em combinação branca. A carne morena e rija apareceu melhor quando ela, num gesto brusco, arrancou a combinação. Coxas volumosas, seios amplos, uma calça vermelha com elástico na cintura.

A lancha se afasta, os anzóis acusam peixe e novamente as linhas são recolhidas às pressas. O luzir de outro dourado e de um peixe-cachorro sucedem o brilho das colheres dos anzóis. Outras tentativas foram feitas mas a pescaria estava encerrada.

Na última passagem pela cabana, a mulher e um dos homens estavam se acariciando nus, semi-cobertos pelas águas que emitiam ondas circulares ao movimento ritmado dos corpos.

Subimos o rio em direção a Corumbá. Um arame inclinado e tenso na margem alta me chama a atenção.

- É para tirar água do rio. Lançam o arame preso a uma pedra e o amarram à árvore lá em cima. A lata, fixa a uma corda, corre pelo arame e volta cheia.

Além, um jato vermelho manchando o rio e alguns pescadores na margem.

- É o sangue do matadouro. Região de piranhas. Muita gente não come este peixe porque se alimenta de carne humana.

- Nem se pode entrar de calção vermelho na água; pensam que é sangue e avançam, diz o tenente rindo. Vai ver que já atacaram a mulher que vimos lá embaixo.

A lancha continua a subir e Corumbá aparece, um pouco como Salvador, Bahia. Rodeamos o farol que fica no meio do rio, em frente ao porto. Cilíndrico, de uns cinco metros de altura, é alimentado por tubos de gás.

Vamos até ao canal do Lamego, braço por onde a lagoa Cáceres se liga ao Paraguai e, depois de mais algumas tentativas com o anzol, termina o passeio sem nenhum pintado - o peixe mais gostoso do rio - ou o pacu. Diz a lenda que quem come cabeça de pacu não sai mais de Corumbá.

12

Rondon visitou o 17º B.C. a 14 de julho de 1930. é o que descubro no Resumo Histórico da Unidade. Também que o Batalhão foi criado em 1919 e no período agitado das revoluções esteve sempre presente. Em 1924, 25, 26 e 32. Sobre 1930, nada. Mas a 27 de março de 1925 esta informação lacônica:

“O Batalhão sublevou-se na madrugada desse dia, sob a direção dos primeiros sargentos Antônio Carlos de Aquino e Armando Granja e os terceiros ditos José Leite de Figueiredo e Marcondes Fontes da Costa e Silva, prendendo o capitão comandante. Na mesma data houve uma contra-revolta que restabeleceu a disciplina, restituindo o comando ao capitão, do qual se viu privado por 10 horas, por força da felonía de que foi vítima”.

13

Cerca de vinte minutos matando baratas em meu novo endereço: Rua Delamare, 1325.

O coronel (6)¹⁰ voltou da licença e a primeira providência foi glosar-me a vantagem de morar na Enfermaria, sem despesas. Motivo: há tempos atrás mandou que se retirassem quatro aspirantes por não se comportarem bem:

- Chegavam à janela de busto nu. Como ainda servem aqui, não quero fazer injustiça.

¹⁰ <(6)>.

A nova residência é um quarto de paredes altíssimas. Não há janelas. Uma porta de seguramente quatro metros abre diretamente para a rua; outra, ao fundo, liga-se com uma pequena área fechada onde foi construído um rancho para o chuveiro e as instalações sanitárias. Paisagem: olhar para cima e ver um pedaço de céu.

De manhã vieram soldados fazer limpeza, de tarde mudança e arrumação. Finalmente hoje, 12 de março, chegou a mala despachada por avião a 22 de fevereiro. Comprei guarda-roupa, cama, cadeira, cesto de papéis e, com a mesinha feita pelo cabo carpinteiro do quartel, estou satisfatoriamente instalado. Pormenor luxuoso: tapete quadriculado de pêlo de carneiro, ao pé da cama, comprado na Feira Boliviana.

A que barulhos noturnos ficarei sujeito? Na Enfermaria era o meeting dos cachorros no terreno baldio junto à janela. Aqui, a dois quarteirões do centro, talvez seja mais quieto.

E ainda existem baratas. Duas confabulam junto ao rádio e uma corre sobre o lençol. No quarto de banho havia seguramente vinte, na caixa de papelão do rádio outras tantas. E as formigas? Não sei que processo de comunicação utilizam mas, barata morta, um cento delas imediatamente comparece. Há microscópicas e amarelas - formiga-de-defunto, em Santa Catarina - e outras pretas, grandes, visíveis a três metros.

Também conto com a companhia de aranhas. De um momento para outro viram-se despojadas de suas teias, mas, sem perda de tempo, uma delas instalou nova ligação, da lâmpada de mesa ao despertador. Dois tipos identificados: corpo esbelto e pernas imensas, gordas e de pernas curtas.

14

Hoje de noite, apenas duas baratas. Entraram por caminhos opostos, passearam descuidadas.

Uma recostou-se na mala e, desprevenida, foi imprensada contra a parede. O sangue branco espirrou longe. A outra prosseguiu indiferente a marcha até ao cano da pia, na área. Parou junto a um montinho azul de pó e, traída pela sacarose, comeu a fartar-se. Não tive coragem de esperar a ação do remédio e, com o sapato, encobri e bicho e o morro azul-da-prússia.

Mário Faustino escreve¹¹:

Recebi tua carta num dia tempestuoso (metafisicamente - aliás fisicamente, também, pois choveu o dia inteiro, mais a noite seguinte, escrevo-te na manhã após).

Tenho escrito muito, mas só coisas quase sem importância: jornal. Lamento não poder prometer-te o envio do Suplemento de quando em quando uns quatro ou cinco, como gostaria. Mas vou sugerir à Ruth que o faça, a primeira vez que a vir. Precisas muito disso. Poderias traduzir o melhor conto que encontrares na Antologia^{*12}: conforme fosse, publicaria no suplemento ou na Revista. Esta sai mesmo, só que demora. Quem trabalha sou eu mesmo e quase não tenho tempo. O bom é que até agora não recebi um não em meus pedidos de colaboração. Parece que a revista (MS) vai ser uma espécie de pool, de trust do que há de melhor no Brasil.

Gostei da descrição de tua casa. Continuo convencido de que és um escritor nato. Só que precisas, de uma vez por todas, decidir-te a renovar. Repito-te: renovar, make it new¹³, é condição de existência na literatura duma época com a nossa. O escritor de nossa época é mais responsável perante sua arte e sua língua (ambas em grande perigo) do que perante si mesmo (em nossa época é impossível o nosce te ipsum) ou seu mundo, a respeito do qual o escritor é impotente - a não ser que pretendas engajar-te e cometer o ridículo e ingênuo erro dos artistas comprometidos. Compreendes meu raciocínio? Pensa nisso e escreve-me a respeito.

Sugiro: Monólogo de Corumbá, mesmo. Monólogo é exatamente isso, em teatro. Uma pessoa fala e outra, presente na cena, porém calada, sem dialogar, escuta.

¹¹ Nessa carta Mário Faustino sugere a escolha do título: *Monólogo de Corumbá*, *Fala de Corumbá* ou *Cartas de Corumbá*.

¹² Essa nota foi transcrita exatamente como foi encontrada no original: * Antologia de Cuentistas Hispanoamericanos, organizada por José Sanz Y Dias, que Mário me deu "para ler na viagem".

¹³ verNotar a influência do pós-guerra quanto ao uso de estrangeirismos americanos: meeting, pool, trust, make it new pois, Mário Faustino estudou língua e literatura inglesas no Panoma College da Califórnia, USA, como bolsista entre 1951 e 1952.

Quando uma pessoa fala sozinha, não é monólogo, é soliloquio. Ou: Falas de Corumbá. Ou: Fala de Corumbá. E porque não Cartas de Corumbá? Nunca te vi tão à vontade como no estilo epistolar. Devias colocar tudo que escreves em termos de carta. Manda-me uma amostra, o mais breve possível. Não escrevas comportado. Sê correto, mas sê livre. Não respeites pequenas regrinhas de gramáticos: ordem do discurso, sintaxe tradicional, unidade de tratamento, pessoa que fala e pessoa a quem se fala, ordem temporal, ordem espacial, acaba com tudo isso e procura apresentar o fato, em seus aspectos essenciais, monta-o, como no cinema, acentuando seus detalhes mais importantes ou mais simbólicos, dentro de uma ordem própria. Não contes, não comentes um fato: apresenta-o, estática e dinamicamente, dentro de suas próprias leis e com o maior impacto possível - maior e mais íntegro, mais unitário. Condensa. Procura ter em mente o fluxo da própria prosa, palavra puxa palavra, e não só o fluxo narrativo do acontecimento. Escreve em dois níveis, ao mesmo tempo: o nível, a corrente do acontecimento a narrar, e o nível da língua, que é também o do pensamento. Como é que percebeste (epistemologicamente) o fato que estás narrando? Como é que ele entrou em ti, fazendo-se percepção sensorial - palavra-pensamento-palavra de novo? Lembra-te dessas duas fases epistemológicas: tu diante do fato que vais narrar, fato que presenciaste ou que imaginaste (epistemologicamente é a mesma coisa; epistemologia, estudo dos mecanismos da percepção) e o leitor diante do mesmo fato já narrado por ti. Isso é muito importante como determinante da arte contemporânea, de toda ela. Na arte anterior, na que encontramos pronta quando começamos a escrever e à qual nada, mas nada mesmo, poderemos acrescentar, o que acontecia era o seguinte: o leitor, tacitamente, aceitava prontos, os instrumentos narrativos tradicionais, a sintaxe linear, falazmente ordenada, como se as coisas no mundo se passassem exclusivamente numa ordem (que cientificamente sabemos ser falsa) temporal: ia por uma rua, vi isto, depois vi aquilo, depois vi aquilo. Considera a coisa e vê como é falsa e incapaz de verdadeiramente criar uma impressão de vida, de vida como ela é (Nelson Rodrigues...), sem ordem de fatores, com todos os seus choques e interferências simultâneas de passado-presente-futuro. Lembra-te também que o substantivo e o verbo é que são a alma da língua. O resto, quando

não é ornamento (adjetivo), é muleta (conjunções, preposições, interjeições, etc.). Claro que há também os pronomes, mas esses são também substantivos. O importante é substantivar (estática) e verbalizar (dinâmica) tudo o que se escreve. E procura escrever diretamente desta maneira para ver o que acontece. Primeiro trabalho: escrever, em todos os níveis ao mesmo tempo. Segundo trabalho: clarificar. Colocar-se na posição de leitor. Sublinhar, acentuar, aclarar, cortar o inútil, etc. Pensa em tudo isso e **ESCREVE-ME A RESPEITO.**

Psicologicamente, meu conselho é o mesmo que dou a mim mesmo, sempre: saúde e humildade. Saúde física e mental. Humildade de artista-artesão - trabalhador. Em suma: trabalho, trabalho, trabalho. Unidade de espírito: fazer com que tudo em nossa vida flua no sentido de contribuir para a alimentação do trabalho central, ligado a nossa razão de vida. No nosso caso, nossa literatura, a única maneira de nos refinarmos, de refinar os outros, de contribuir para a evolução da espécie, a única maneira a nosso alcance.

Dá todos os descontos a minhas palavras. Não significa que lhes sou fiel. Eu mesmo quebro, freqüentemente, todas as minhas regras, todos os meus propósitos. Mas persisto. Espero que faças o mesmo. Pensa lucidamente, responsabilmente, fala da mesma maneira, escreve da mesma maneira. Respeita-te, respeita os outros, não te gastes, não te jogue fora, não te suicides. **NÃO SEJAS COVARDE**, em suma, nem preguiçoso, nem leviano, nem inútil, nem oco, nem estéril.

Escreve sempre. Manda amostras de teu trabalho. Que Corumbá seja a tua salvação, o teu caminho de Damasco.

Abraça-te, saudoso, teu amigo a quem muito alegras, existindo e escrevendo.

Mário

16

Teotônio de Souza Lima, barbeiro do Batalhão, tem 77 anos de idade. É mirrado, cabelo totalmente branco-amarelado, poucos dentes. Trabalha no quartel há quarenta anos.

- Como foi a revolução de 1925, Teotônio?

- Em 1924 fui destacado para Cáceres, eu mais dois cabos, um brigada e trinta soldados.

Fazendo grandes descrições, invocando o nome de oficiais que nada tiveram com os fatos, falando em Bolívia, no presidente Artur Bernardes, foi aos poucos estabelecendo os fatos:

Estava baixado à Enfermaria com maleita, desde a volta da Revolução Paulista de 1924, quando lá pela meia-noite vieram os revoltosos com armas para os doentes que iriam participar do movimento.

- Sabiam que eu era do Destacamento de Cáceres, por isso não me levaram. De manhã chegou o médico e mandou-me para casa porque não havia enfermeiros e os soldados haviam carregado toda a comida.

Foi esta a única participação de Teotônio. Sabe o resto por informações:

Prenderam o capitão de madrugada e botaram no xadrez junto com soldados. À medida que chegava o pessoal para o expediente, ia sendo preso, caso não aderisse ao movimento.

- Não entendo como aquele sargento fez isso. Era homem de confiança do comandante, admirado por todos no Batalhão.

Referia-se ao sargento Aquino. Perguntei se sabia o motivo.

- Acho que foi dinheiro. O Batalhão tinha acabado de voltar da Revolução de 24, todo mundo arranchado ganhando quase nada, a família esperando recursos. Então começaram a dizer que o dinheiro estava no cofre e o comandante não queria pagar o desarranchamento.

Depois de novo desvio na conversa, consigo trazê-lo de volta ao assunto:

Houve a contra-revolta feita por outros sargentos e por oficiais. Depois de grande tiroteio, os revoltosos cederam.

- Todo o mundo pediu ao comandante para não fuzilar os sargentos mas o homem saiu uma fera do xadrez. Não houve quem mudasse seu pensar. Mas o sargento Granja fez um pedido: não queria ser fuzilado com a farda cáqui, que respeitava, e conseguiu ordem para ficar só de calção. Foi a conta. Quando se dirigia para a árvore, em frente da escolta, correu e escapou dos tiros pela barranca do Paraguai.

O sargento Aquino foi fuzilado e a árvore ainda existe em frente ao quartel; quanto ao fugitivo, mais

tarde foi preso em Aquidauana e mandado para Campo Grande. Nunca mais voltou¹⁴.

17

Estou em Corumbá há 17 dias; faltam 348 para completar um ano.

É preciso adotar normas de vida para preencher esse tempo. Até hoje já escrevi 25 cartas. Agora estou lançando uma confusão danada na cabeça porque não sei se contei certas coisas para um ou para outro, ou se estou repetindo tudo.

Vou pouco ao cinema porque lá dentro me esqueço de onde estou e, quando saio, recebo um choque. É como se fosse pôr os pés na Avenida Copacabana.

Leio quase diariamente os jornais do Rio e ontem encontrei uma crônica de Rubem Braga sobre a morte de Assis Valente. "Todo suicida conhecido nos deixa um sentimento de culpa; talvez um gesto ou uma palavra pudesse salvá-lo; mas nos omitimos, egoístas e desatentos".

Também ontem chegou uma carta do Walter contando a morte de dois amigos, com esta frase "Eu senti muito quando aconteceu porque eu nunca demonstrei tudo o que sentia porque não havia pressa".

Mas não é possível vencer 348 dias apenas com a correspondência, leitura de jornais e outras pequenas coisas. Por isto resolvi fazer o Diário de Corumbá. O sentido deste livro quero que seja - trabalho.

18

Em 1948 inspecionei os Tiros de Guerra de Mossoró, Macau e Areia Banca, no Rio Grande do Norte. Era segundo-tenente. Em Mossoró encontrei um estande de tiro bastante estranho. Da vegetação rala e baixa do terreno arenoso do Nordeste surgia uma muralha de barro e pedra, servindo de pára-bala aos tiros de fuzil. Nenhuma segurança aos habitantes da redondeza.

Dez anos depois encontrei em Corumbá uma linha-de-tiro que também não oferece segurança aos moradores da região. Mas o motivo¹⁵ da insegurança é

¹⁴ O tópico 16 foi escrito após ampla pesquisa do escritor nos arquivos do Batalhão de Corumbá. As anotações estão registradas no Diário de Corumbá.

¹⁵ <da insegurança>

outro, já que oferece como pára-bala uma grande elevação.

Terminada uma série de tiros vou verificar os impactos no alvo, para um exercício a 50 metros de distância. As balas entram de lado, rasgando o papel ao em vez de furá-lo perpendicularmente.

- Os mosquetões estão descalibrados, capitão.

O terreno pedregoso de pista, lascado aqui e ali pelos ricochetes, indica o perigo a que estão sujeitos os habitantes.

Sou informado de que vários pedidos foram encaminhados para que as armas de tiro sejam calibradas - já que é impossível calibrar todas. Mas tudo é difícil na anônima região de Mato Grosso e a situação não se modifica. A munição é gasta, o aprendizado não pode ser convenientemente testado, o recruta se decepciona com a própria pontaria. Como saber os que realmente atiram bem, quais os que simplesmente puxam o gatilho? A ordem é atirar, gastar a munição, registrar os tiros.

E assim os homens passam de recrutas a mobilizáveis, prestam juramento à bandeira, recebem o certificado de reservista.

Qual a argumentação para justificar este abandono?

19

Em todas as cidades há dessas casas de esquina com várias portas, destinadas a armazém ou loja de ferragens. Aqui, ou o armazém quebrou, não se instalou a loja, ou o proprietário viu maior lucro na divisão do prédio. Levantou paredes entre as portas, construiu banheiros ao fundo e anunciou aluga-se no jornal. Bar, sapataria, agência do I.B.G.E., açougue.

- Morava um português porco - disse-me o proprietário.

Ontem soube que o português porco tinha um açougue nesta porta 1325 onde moro. Nenhum vestígio, talvez apenas uma faixa de ladrilhos de outro padrão pode supor a existência do balcão.

Açougue Vasco da Gama, era o nome. Naturalmente pelo time de futebol, não pelo navegador¹⁶.

¹⁶(português).

Por ser o enfermeiro de serviço e não ter sido encontrado de noite no quartel, o Oficial de Dia registrou a ocorrência no livro de partes e ele foi trazido à minha presença.

Alto, magro, rosto claro, mãos trêmulas de encontro ao verde das calças, a simples presença do soldado significava sua absolvição.

- Deixei outro segurando o serviço e fui à Enfermaria. Quando voltei, não achei minha cama. Não estava mais no posto de saúde. Estou gripado e não podia dormir no chão. Então fui embora.

Cada vez mais trêmulo, falava aos poucos, esperando ser interrompido a cada momento. Como a interrupção não chegava, preferiu continuar falando, ainda que fosse para se desdizer:

- Fui à aula. Meu pai é pobre e está pagando com dificuldade. É caro. Estou preparando o exame para a Escola de Sargentos. Não posso perder as aulas.

No mesmo estilo, frases interrompidas, quase implorando uma intervenção. Pareceu-me mais pálido, as faces jovens e encovadas, as mãos ainda coladas no brim, com força, para tremerem menos.

Considerarei aquele pobre ser se debatendo pela vida, tão pobre, tão triste, tão abandonado, talvez sem orientação alguma para o futuro. Ossos e carne crescendo, mais fazenda para as roupas, sapato maior, a primeira gravata. E depois?

Ambos calados, também eu parecia esperar dele uma absolvição. Perguntara apenas "Que houve?"- E ele desdobrava um drama com suas palavras.

Para salvá-lo, perguntei:

- A que horas você saiu pela segunda vez?

- Onze horas, mais ou menos.

Estava comprometido. Como poderia ter saído do quartel àquela hora da noite, depois do toque do silêncio?

- Que disse à sentinela?

Percebeu para onde era conduzido. Não demorou a responder mas as mãos se afrouxaram e o encovado do rosto ficou mais nítido. Rendeu-se:

- Disse que ia à Enfermaria.

Olhei para a mesa, mexi em papéis, ele esperando a punição.

- Você mentiu.

Como é fácil abrir o regulamento, procurar a transgressão, enquadrar. Em vez disso, falei "Pode ir".

Que juízo terá formado do Subcomandante?

21

Carta de Mário Faustino:

Respondi a tuas últimas cartas de uma vez. Preocupa-me saber que não recebeste a minha. Naturalmente extraviou-se. Seja como for, alegra-me ver-me assim necessário ao meu querido amigo: sempre custou muito acreditar em tua amizade para comigo (confesso-te); vejo agora que, pelo menos, sentes falta de minha presença.

Noto que estás mudando, e mudando para melhor. Corumbá (o contexto Corumbá) está tendo sobre ti o efeito que eu desejava: purgando-te, sublimando-te, fortificando-te. Ajudando-te a combater teu pior defeito: a auto-piedade, o egoísmo, a eterna auto-defesa, a desconfiança, a feroz capacidade de agredir em todos os sentidos para defender sua pequenina toca, etc. Sabes a que me refiro. Espero que saias maior, mais crescido, mais maduro e mais forte de tua solidão atual. Não faças concessões a ti mesmo. Cada dia que passar, torna-te mais duro para contigo. Usa tua complacência para com os outros, sobretudo os que direta ou indiretamente a merecerem - e nunca para contigo. Procura pensar mais nos outros que em ti. Procura transferir-te a um objeto e realizar-te nele. Não cries em ti mesmo um círculo vicioso: não sejas teu sujeito-objeto. Espalha-te. Depois, então, realizado em objeto, ou em objetos - mais tarde, realiza-te em ti mesmo, contempla-te, se quiseres ou necessitares ou puderes. procura lembrar a todo momento que és parte de vários mecanismos de um só, enorme, infinito mecanismo: lembra-te que és parte de tua família, de teus amigos, de tua profissão, de tua arte, de teu país, da história em geral, da matéria orgânica, da matéria em geral, da terra, do universo.

Escreve sempre. Procura renovar. Make it New. Trabalha com paciência. Faze e refaze. Não tenhas pressa: de fazer, de aparecer, de brilhar. Estuda, escreve, reestuda, reescreve. Escreve para criar e para

que o que crias fale por si e não tu através dele. Isso é importante. Que o que escreves seja um ser, um organismo, falante e comunicante - talvez teu porta-voz, mas apenas secundariamente, que fale por si, que tenha a sua própria voz - ou suas próprias vozes. Quando escreveres seja o que for, tem em mente o drama. A Despersonalização é o primeiro passo da grande literatura. Mesmo quando falamos na primeira pessoa, que seja sempre outra primeira pessoa, um alter ego, ainda que com raízes no nosso ego.

Depois de escreveres uma coisa, passa ao segundo processo. Revisão. Clarificação. Condenação. Economia de meios. "Menos é Mais", como diz Mies van der Rohe. Organização: tijolo por tijolo, muro por muro, casa por casa, bairro por bairro, tudo se adaptando harmonicamente, cidade por cidade, região por região. Que tudo que escrevas tenha seu módulo, sua medida, seu núcleo, seu contra-ponto de temas. Ou então não serás artista, criador, e sim mero narrador, mero "repórter", mero alto-falante.

Estou curioso para ver teu conto. Recebi as quatro cópias de tua carta. Quatro ou três? Em casa, no J [aime] M [Maurício]¹⁷, na Fundação, no Barreto: quatro. Todas me foram entregues. O conto, basta que o mandes para minha casa. Lerei, relerei, escreverei minhas impressões, devolver-te-ei e, depois, torna a mandá-lo que o publico no JB.

É possível que eu vá para a América em agosto. Depois te conto com maiores detalhes. Por isso mesmo, o trabalho da antologia e da revista está quase parado. Se eu decidir não ir, então recomeço tudo com maior energia. Um pedido: vê se encontras aí, em Corumbá, algum velho caturra, rato de bibliotecas municipais e estaduais e pesquisa, para mim, através dele, os livros locais, as revistas locais, a ver se achas algo digno de minha antologia. Sabes: os poetas matogrossenses. Quem sabe não há alguém - ou um só poema que seja - digno de ser rescued?

Escreve logo. Um abraço do teu
Mário

22

Um mês de Corumbá. Talvez agora o tempo comece a passar mais depressa.

¹⁷ <J[aime] M[aurício]>, acréscimo a caneta.

De 28 de fevereiro a 12 de março sem notícias, sem respostas, o relógio negava-se a andar. Agora chegam cartas demais. Diariamente devo responder a algumas para não amontoar. Balanço: cartas expedidas, 30; cartões-postais, 8. Escrevi para 23 pessoas e 10 já me responderam. Recebi 17 cartas. É a comovente solidariedade dos parentes e amigos.

A não ser o Diário, nada tenho escrito. De leitura apenas os contos da Antologia Latino-americana e "Le Diable et le Bon Dieu", de Sartre. É preciso reabilitar o lugar dos livros.

A bem dizer, tenho somente cinco horas livres. De 5 às 17 fico quase inteiramente à disposição do quartel. E é preciso dormir de 6 a 7 horas.

Necessito estabelecer um programa rígido para as tardes de quartas e sábados e o dia inteiro de domingo.

23

Ao subcomandante de uma Unidade do Exército estão afetos os problemas de disciplina de tropa. Todos os dias devo ouvir os mais estranhos e complexos acontecimentos. Ouvir e apresentar uma solução. Muitas vezes é um desafio à inteligência, à sensibilidade e também a tudo o que já estabeleceram as relações humanas.

Chega em prantos a esposa de um sargento músico para apresentar queixa contra a mulher de um soldado:

- Até me chamou para brigar. "Bamos resolver isto de mulher para mulher", ela disse.

Retiro-me para outra sala e chamo o sargento que tudo confirma, esclarecendo que o soldado vive com uma prostituta, todos morando numa espécie de vila onde residem outros sargentos, cabos e soldados com esposas e amantes.

Primeira idéia: mandar o soldado mudar-se, pois que não é casado.

Sai o sargento e entra o soldado com nova versão. É a mulher do sargento quem provoca. "Chama minha mulher de puta". E incrimina o sargento:

- Chega bêbado de vez em quando, desrespeita minha dona, faz baderna na vila.

Um cabo, também amigado, mantém as declarações do soldado.

Segunda idéia: mandar o sargento mudar-se. Está morando em lugar promíscuo, incompatível com o decoro da classe, etc.

Mas como dar razão ao soldado? O problema é muito mais social que militar. Mando chamar o sargento.

- Sargento, este assunto foge à minha alçada. É problema de polícia. Os moradores da vila que façam um abaixo-assinado e peçam a retirada dos que não são casados.

Entram duas mocinhas humildes em meu gabinete.

- Vim pedir ao senhor para transferir meu irmão para outro lugar.

É muito comum pedido de transferência para aproximação de parentes. A irmã queria afastar o soldado de seu convívio.

A explicação aparece lentamente, em voz sumida e encabulada. Ela e a prima, com seis irmãos menores, vivem em Ladário. A mãe está doente num hospital do Rio e o pai, tenente da Marinha, foi-lhe fazer companhia. O irmão soldado vai para casa, maltrata os irmãos, maltrata a ela e... - o pior da confissão:

- Quer abusar de mim e de minha prima.

Procuro o coronel porque não encontro solução.

- Transferência não adianta, diz ele. No fim do ano está aí de volta e tudo recomeça.

O coronel também não vê solução.

Como encarar as duas mocinhas que esperam na sala ao lado? Volto com evasivas, irritado com minha impotência.

- Poderia deixá-lo preso por algum tempo, mas quando fosse solto iria vingar-se de vocês.

Elas se retiram e eu fico no meu gabinete inútil, ainda em busca de uma saída.

O 17º B.C. tem um Destacamento em Porto Esperança, a 60 quilômetros de Corumbá. Volto ao coronel.

- Bem pensado. Mas há o seguinte: o Destacamento funciona numa só casa onde moram os soldados e o sargento com a esposa. Você compreende. Utilizam as mesmas instalações sanitárias e o sargento terá razão em não aceitar.

Encontrei no meu quarto um chaveiro. Argola niquelada e três chaves chamadas Kent, Stol e Iman. Desconhecidas à primeira vista, concretizaram logo uma porta, uma gaveta e a mala de couro.

Kent significava abrir o apartamento 1003 da rua Barata Ribeiro. Livros, discos, meus quadros, um resistente pé de antúrios que jamais floriu. Aí eu me reunia com amigos e conhecidos em longas noites, aos sábados, para conversar e beber.

Stol é um pequeno birô de quatro gavetas. A chave descobre na gaveta maior um vidro cheio de tinta, uma dúzia de lápis de cor, três livros manuscritos: diário sem importância que atesta trabalho de pesquisa literária.

A chave da mala está enferrujada. Passo Fundo, Porto Alegre, Realengo, Rezende, Natal, Recife, Caxias do Sul, outra vez Porto Alegre, Juíz de Fora, Rio, Belém, Macapá, Rio, Corumbá - como Iman tem trabalhado! É raquítica e tem a silhueta de fortaleza com duas seteiras. Não há de ter sido a mesma que percorreu todo o itinerário desde meus onze anos, quando saí de Tijuca para o Rio Grande do Sul. Mas, neste momento, configurou as diversas etapas num bloco maciço de recordações.

Mostraram-se hoje, de repente, saltando da gaveta para o chão. Tão pequeninas, como podem conter tantas lembranças?

Paciência, todos me disseram. Um ano passa depressa.

Dois amigos inseparáveis: calor e mosquito. O primeiro me força a manter as portas abertas; a luz chama os mosquitos e uma variada série de insetos de todos os tamanhos e coloração. Os mosquitos propriamente ditos são evoluídos, pois não se anunciam pelo canto. Picam mesmo através da roupa e, inchados de sangue, esbarracham-se na mão que os descobre.

Lanço mão de um artifício muito usado em Corumbá: substituir vidros por tela fina. A tarde de hoje foi empregada nesse serviço. Retirei oito vidros da porta dos fundos, enquanto um soldado fazia outro tanto na frente.

Caiu uma chuva torrencial e a luz apagou-se. Duas velas acesas no cinzeiro iluminam a última revista chegada do Rio.

Com a substituição dos vidros pela tela, criou-se novo problema: a chuva atravessa os fios cruzados e rega o chão. Deslocar cama, tapete, sapatos.

Velas pela metade, a lâmpada se acende. Olho satisfeito para a nova aquisição, uma cadeira preguiçosa em tecido azul-marinho e branco.

26

Almoço oferecido pelo coronel comandante do Batalhão, em sua residência, ao general da Brigada e alguns oficiais da Marinha, todos com as esposas, nove pessoas ao todo.

Ceguei cedo demais e fiquei na varanda esperando o anfitrião que demorou a aparecer. Quando veio, queixou-se de dor de cabeça e falava tão baixo que eu precisava me esforçar para entender e retrucar.

Quarenta e cinco minutos depois de assuntos de quartel, chegaram os outros convidados, todos juntos. Apresentações, perguntas formais, aos poucos fui esquecido.

Continuaram conversas anteriormente iniciadas sobre pessoas e fatos desconhecidos para mim. Divertime a ouvir e comparar a entonação de voz, as gargalhadas. Uma transformação inesperada ocorreu com meu comandante: agora fala alto demais, como um ator que quer se sobressair a todo o custo.

A esposa do general começou a me fazer perguntas, dessas que só admitem respostas tipo teste, sim, não, ainda não, talvez mais tarde, é possível. Não sei porque falei em Fortaleza, que ela entendeu Porto Alegre.

- Já servi em Porto Alegre, ela disse.

O verbo soou mal mas já se falava em Rio de Janeiro.

- A senhora vai ao Rio?

- Vou para o Rio, retificou muito séria. Não posso ficar aqui.

Findo o almoço, fomos todos para a varanda esperar o café. Organizaram-se dois grupos e logo iniciou-se o jogo de cartas.

- Não sabe jogar biriba? - pergunta o general. É preciso aprender para passar o tempo.

Pouco depois, todos compenetrados com o biriba. Uma das senhoras cantarolava distraidamente e o coronel assobiava "Oh Doce Mistério da Vida".

Ao terminar a primeira partida em 2000 pontos, descobri uma pilha de revistas de rádio e cinema. Entre elas um folheto sobre a Estrada de Ferro Brasil-Bolívia.

Quando a segunda partida terminou, eu estava preocupado com um dado numérico. Para cada quilômetro quadrado de Mato Grosso há 80 centímetros de estrada de ferro.

27

Notícia da Fazenda Nhuvai movimentou a cidade. O Momento publica que uma mensagem via RT (?) foi captada às 11.45 e nela se dá conta de que caíram naquele local "destroços do satélite artificial russo Sputnik". Como a recepção àquela hora era péssima, o jornal publica a nota "com toda a reserva".

Se há girando no espaço satélites russos e americanos, como poderiam ter concluído que os destroços são do Sputnik? Não se cogitou disso. Pessoas respeitáveis do comércio procuraram o general e o comandante da Base de Ladário para insinuar providências. Num bar o garçon¹⁸ me diz que o general pediu um avião à Base Aérea de Campo Grande para sobrevoar a fazenda e localizar o objeto. Na pensão onde faço refeições, foi o comandante da Marinha quem tomou essa providência.

Em caráter particular, soube de algo mais positivo. O general foi efetivamente procurado e posto ao corrente da novidade. Contou a um auxiliar.

- Cuidado, general, essa história pode ser "primeiro de abril".

O general olhou para o calendário.

- Já pensei nisso, mas a pessoa que me trouxe a notícia não tem, absolutamente, intimidade comigo para me passar um "primeiro de abril".

A última versão sobre a queda do Sputnik foi desconcertante e verdadeira. O temporal da noite anterior derrubou o catavento da Fazenda Nhuvai. O catavento é conhecido por¹⁹ Sputnik.

¹⁸No original usou a grafia em francês *garçon*.

¹⁹(que atende pelo nome de); ([O catavento é conhecido por]).

Como não trouxe meus dicionários, por serem muito pesados, resolvi comprar o Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa. Por 280 cruzeiros, adquiri um na Tipografia Corumbaense. Abri um lugar na estante e a primeira consulta foi feita pelo major, antigo companheiro de Enfermaria, que decidiu comprar outro.

Procurou na Casa Lemos e o preço era de 170 cruzeiros. Fiquei furioso e fui reclamar. O gerente da Corumbaense certificou-se pelo telefone que a Casa Lemos vendia mesmo por 170 e prontificou-se a aceitar o dicionário e devolver-me o dinheiro.

O telefonema abriu a ganância da Casa Lemos. Quando lá cheguei, o preço havia subido para 280.

- Estávamos vendendo por preço errado.

Mandarei buscar um no Rio por avião, nem que pague mil cruzeiros.

Várias cartas para responder e nenhuma disposição para isto. Além do mais, ora falta luz, ora é a preocupação de ter de acordar às duas da madrugada para fazer uma marcha do Batalhão. E que contar? Nada acontece além da rotina idiota do quartel, alguns filmes velhos a que se assiste, a conversa com o major nos lentos passeios pela cidade, de noite. Ele é casado mas deixou a família no Rio. Bom sujeito, completamente sem imaginação, é dessas pessoas que nunca se lembra de que já contou certo fato e conta e reconta todas as noites. Fomos ver "O Proscrito" e na saída o major disse, referindo-se ao ator: "É bonito demais para ser homem".

Juntou-se a nós um tenente médico, paraibano baixinho e risonho que vive pensando na noiva. Andamos juntos pela cidade. Os três mosqueteiros. Ou melhor, os três patetas.

O Batalhão está dispensando desde ontem, quarta-feira, até domingo da Páscoa. Poderia ir ao Rio, mas não tenho dinheiro. Arranjar emprestado ou viajar a crédito seria solução, porém há a promessa de Carlos

Ribeiro em lançar meu livro de contos em maio e não terei coragem de pedir nova dispensa²⁰.

31

Balanço da Semana Santa: quinta-feira, almoço com o tenente dentista; sexta-feira, piscina da Base Fluvial de Ladário e almoço com o comandante Palhano. Sábado foi um dia útil: chegou do Rio um livro de Thomas Mann, "O Cisne Negro", e preparei um artigo a sair em Para Todos. Hoje, domingo, aniversário do comandante e churrasco em Posto Esdras com a oficialidade e suas famílias.

Depois do almoço saiu um jipe da Marinha para Puerto Suarez, a primeira povoação boliviana ao longo da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia. Vilarejo pobre, apenas uma rua sem calçamento, poucas casas, Hotel Sucre, um bar. As mesmas bebidas brasileiras que há em todos os bares do Brasil, além de vinho boliviano e graspa a duzentos cruzeiros a garrafa. Provei um cálice de graspa e dei vinte cruzeiros para pagar. Troco: uma bela nota de 1000 bolivianos que significam 10 cruzeiros.

No jipe, além de um major do Exército e dois oficiais de Marinha, um professor russo de ballet, Monsieur Pièrre, cujos ademanes, somados aos aperitivos, provocou um pesado *entrechat* de um capitão de fragata.

Explica-se a presença do bailarino em Corumbá: A filha do comandante Sêco estuda dança no Rio. Sem o saber, M. Pièrre deslocou-me no tempo para a Escola Militar de Rezende, quando Sansão Castelo Branco levou o Balet da Juventude para um espetáculo. A caminho de Puerto Suarez perguntei se conhecia Sansão e falamos muito sobre ele. Foi a coisa mais grata que me poderia acontecer em Mato Grosso.

32

Um pequeno livro de 92 páginas, assinado por Sócrates e dedicado aos sargentos do 17º B.C., leva

²⁰ Tópico que faz a primeira referência ao livro de contos *Os Incoerentes* publicado em outubro de 1958, cujo lançamento foi a onze de dezembro - dia do aniversário de Harry Laus.

por título "A Caminho do Front - Fatos e Episódios da Campanha de Murtinho".

Nas notas ou no texto nada se apura sobre a identidade do autor. Foi um sargento, informaram-me. Modesto, em página alguma se revela. Escreve com simplicidade, resvalando pouquíssimas vezes para o terreno dito literário. E quando o faz, a ingenuidade das imagens não chega a comprometê-lo:

"À lua, lá no alto do céu, grande como uma bola de futebol e branca como um véu de noiva, rola no espaço e se constitui muda testemunha do combate".

O livrinho inicia-se com os preparativos para o embarque a bordo do "Argentina", na tarde e noite de 2 de agosto de 1932, no Porto de Corumbá. As despedidas são comoventes e "um nó sorrateiro se forma na garganta ao pensar (o soldado) que tudo aquilo vai deixar, a troco de quê? Mas, eis que a banda toca Teu Cabelo não nega, Mulata... e o nó como por encanto desaparece e a alegria torna a reinar em seu semblante".

Ao Destacamento Nery da Fonseca, de que fazia parte o 17º B.C., coube impedir aos constitucionais a tomada de Porto Murtinho pois, com o bloqueio de Santos e de todo o litoral paulista, pretendiam utilizar-se do rio Paraguai como via de acesso ao Teatro de Operações. Para o cumprimento dessa missão, o Destacamento separou-se da Coluna General Manuel Rabelo a tal ponto que passou a agir isoladamente. Nem comunicações havia entre os comandos: o telégrafo de Murtinho foi interrompido e "o rádio do 17º B.C. não estava em bom funcionamento". Essa circunstância caracteriza bem a espécie de guerra que se realizava. Como consequência, lemos este episódio bem curioso:

"Às 14 horas, mais ou menos, sob um sol inclemente, quando os nossos homens procuravam refrigério ao corpo, foi avistada em cima do morro uma força a cavalo, calculadamente uns 200 homens, que vinha flanqueando uma serra à nossa direita, com o fito de sair à retaguarda.

Essa região é pobre de árvores frondosas, de maneira que de cima do morro se avistavam léguas para frente e derredor.

Imediatamente o sargento Aurelino, que foi quem primeiro avistou a cavalaria, mandou ligação para os companheiros situados abaixo e à direita do morro, comunicando a ocorrência.

Não tínhamos patrulha alguma de reconhecimento para a frente ou para os flancos, de maneira que a força que se aproximasse, vinda desses lados, seria tida como adversária.

O Sr. capitão Leoni, que se encontrava nessa ocasião no alto do morro e próximo à peça de artilharia, ordenou ao sargento Trigo que efetuasse um disparo naquela direção.

Esse projétil ocasionou a morte de dois homens e vários cavalos. Também ficou ferido um homem. Após disparo, os cavalarianos rapidamente se aproximaram, recebendo, porém descargas cerradas de fuzilaria do 3º pelotão. Eles recuaram sem, no entanto, abrir fogo contra os nossos homens.

Saiu uma patrulha nossa para fazer o serviço de reconhecimento. Ela foi sabedora, por fim, que esses cavalarianos eram elementos da Brigada Bento Gonçalves e o esquadrão do 10º R.C.I. e, portanto, nossos aliados”.

A observação do avanço inimigo era feita por intermédio de um avião. Sem oferecer combate, os ditatoriais recuavam para Porto Murtinho. Foram organizadas posições defensivas no Perdido, em São Joaquim, na Bodoquena, na Mandiocassada e no Taboal. A última posição, em Porto Murtinho, seria a decisiva, cenário do combate de 22 horas com a vitória do Destacamento Nery da Fonseca.

O início do combate foi melancólico:

“Cerca de meio-dia (de 10 de setembro), o atirador de uma peça daquela seção que tinha por missão enfiar a estrada, lobrigou no meio dela três peões e dentre estes um oficial, pelo cinto-talabarte que ostentava.

Prontamente foi ordenado que a metralhadora abrisse fogo, falhando no entanto por estar o primeiro cartucho do carregador com a munição estragada.

O atirador, lesto, apanha o mosquetão e aperta o gatilho. Outro cartucho nega. O primeiro municionador faz uso do mosquetão, mas tem a mesma sorte, pois o cartucho falha...

Enquanto isto, os três vultos se esgueiram pelo mato e desaparecem”.

Pouco depois o fogo se generaliza e “o chuveiro de balas é intenso e aterrador”.

Da descrição do combate, passa o autor à transcrição dos elogios de campanha. Por eles se nota que o comandante do Destacamento lutou com um problema grave: o abandono do posto.

Um oficial é elogiado por haver assumido o comando do 17º B.C. em substituição ao capitão Omar que abandonou sua unidade à própria sorte. Outro, por haver ascendido “de grau a grau os diversos cargos do 17º B.C. até o de Sub Cmt com o abandono sucessivo dos detentores desses cargos”. Procedimento igual teve o comandante da Artilharia.

Esses desertores talvez não se conformassem com a luta em que se estavam empenhados. Tinham à sua frente companheiros do 18º B.C., possivelmente colegas de turma, parentes, amigos. O próprio tratamento dado pelo autor ao inimigo não revela ódio. Chama-os simplesmente de rebeldes, revoltosos, adversários. E é com tristeza que se refere à morte de um contrário:

“Às 16 horas o tiroteio diminuiu sensivelmente até calar por completo. O sol já diminuía de intensidade.

Soubemos, então, que numa trincheira pertencente a soldados da Brigada, à direita da estrada de carros, foi vitimado um pobre cabo do 18º B.C. No ardor da refrega ele, incautamente, se aproximara das nossas posições. Faltando-lhe munição, quisera voltar a seu lugar para buscá-la, mas se desorientou. Ao em vez de procurar entre os seus veio sair próximo àquela trincheira, onde encontrou a morte.

Era, entretanto, chegado o seu dia. Porque, se assim não fosse, seria preso pelos que ali estavam e não morto.

Ao se aproximar da trincheira, perguntou se eram seus companheiros que ali se achavam. Os nossos reconheceram logo que era inimigo. Mas, se tivessem um pouco de calma responderiam de maneira contrária ao que responderam, deixariam o homem melhor se aproximar e, então, o prenderiam.

Entretanto, não é sempre nas ocasiões oportunas que se obtém calma.

Quando o cabo soube que ali estava o adversário, quis impensadamente, porém instintivamente, retroceder. Bastava, no entanto, levantar os braços para lhe ser assegurada a vida. Não fez, porém, e a consequência foi a morte fulminante que teve, o tampo da cabeça de fora e os miolos à mostra, proveniente de certa rajada de FMH”.

Esta parece ter sido a única morte de que Sócrates teve notícia direta. Deve tê-lo impressionado muito. Volta a referir-se a ela poucas páginas adiante, no mesmo tom:

“A 15 metros de uma de nossas trincheiras sucumbiu, vítima de sua inadvertência, um pobre cabo do 18º B.C. No lugar em que ele caíra, com uma rajada de metralhadora que lhe pusera os miolos à mostra, os nossos mal tiveram tempo de cavar uma sepultura.

Os seus próprios companheiros impediram que lhe fizessem essa caridade. A noite toda de combate ele esteve ali, mal sepulto, inerte testemunha dos caprichos ambiciosos de homens desvairados.

Certamente, nem soubera ele por que morrera....

Hoje, quem por ali passa encontra uma tosca cruz com o seguinte letreiro: Aqui jaz um cabo do 18.

Foi uma lembrança preparada pelos nossos”.

33

Foram trazidos à minha presença dois soldados que haviam brigado na noite anterior por causa de uma cama. Enquanto um levantou-se para ir ao banheiro, o outro apossou-se dela.

O 17º B.C. foi dotado, há alguns anos, de camas tipo beliche, de ferro, com dois leitos de lona. O calor que faz os soldados suarem a noite inteira, o uso constante e mesmo a falta de cuidado, fizeram com que muitas lonas se rasgassem. Vários pedidos de substituição foram enviados às autoridades superiores mas a situação persiste. A solução que os comandantes de companhia encontraram foi, na impossibilidade de dar camas a todos os soldados, deixá-las sujeitas à disputa.

Quem quer dormir em cama, não sai do quartel e, mal chega a noite, deita-se. Os demais dormem no chão com suas mantas ou sobre alguns colchões que também não são suficientes para todos.

Isto, mais o caso das armas descalibradas, merecia figurar no livrinho de Sócrates, escrito em 1932. Vinte e seis anos depois, o panorama pouco se modificou.

34

Carta de um amigo do Rio que não se assina por falso esquecimento:

“Você nunca foi flor de asfalto nem mesmo escritor militante: você é soldado mesmo, com ligeiras pitadas de catequista, à maneira de Anchieta, fazendo um esforço imenso para sentir e penetrar o mundo

adolescente, feito Raul Pompéia no Ateneu - com mais doçura, entretanto”.

Não esperava resposta a meu cartão-postal e eis duas laudas datilografadas.

“Você, apesar dos maus hábitos cariocas, continua a ser um homem do Sul, um homem de ascendência européia, um triste, romântico e infeliz menino crescido, eternamente à espera de um tête-à-tête com qualquer que o queira, desde que tudo isso resulte em olhos molhados e aconchego”.

Aqui repete o que muitas vezes me disse. Vejo-o rindo-se, ar preocupado ou canalha:

“Nunca vi ninguém mais deslocado, mesmo nas suas tentativas de usar ombros estreitos, racha dos lados e outras frescuras. E as suas meias brancas, então... Nem falar... Uma típica figura do interior brasileiro, capaz de escrever românticas páginas ao léu de impulsos românticos ou impressões mais ou menos sensíveis”.

A justificativa:

“Considere que não sou de responder cartas. Estou fazendo um esforço. Não sou também de dar conselhos. Estou me violentando. Isso tudo por desejar que você aproveite a sua oportunidade aí em Corumbá e não tenha ilusões sobre a rua Barata Ribeiro e seus fantasmas”.

O tom de Rilke nas cartas ao poeta militar:

“Aceite a sua nova comissão, a nova importância que você há de ter no âmbito dessa cidade. Aceite tornar-se respeitado e estimado por vários pracinhas ingênuos, limpos e puros”.

Por fim, a nota pessoal:

“Parto para a Itália, para Paris, para Roma, para todos esses lugares que povoaram a minha infância sem muito encanto, sem maior entusiasmo”.

Duas páginas tamanho ofício em troca de um “impulso afetivo” que nele despertei.

35

O tenente mineiro casou-se com filha de fazendeiro, em Corumbá. Livre do serviço do Exército pela portaria que o licenciou das fileiras, foi descansar na fazenda. E fazenda em Mato Grosso quer dizer caçada.

Montada pronta, espingarda a tiracolo, dirigiu o cavalo para a porteira e lançou-se pelos matos e

campos sem fim. Nada se sabe de suas conjecturas até o momento em que fez uma descoberta: estava perdido. Resolveu voltar mas em terras do pantanal só vaqueiro experimentado encontra o caminho de casa. Mais andava, mais se perdia.

Raciocinou: "Atravessei uma porteira, se encontrar a cerca encontrarei a fazenda". Depois de algum tempo de caminhar, atravessar bosques e campos, apareceu a cerca, logo após uma porteira, velha, quebrada, em tudo diferente da outra.

O sol correu, a noite chegou, o cavalo ajoelhou de cansaço. Um só tiro na espingarda para enfrentar as onças. Sono? Não apareceu. O Cruzeiro no céu a indicar-lhe o sul, mas que lhe adiantava o sul se seu norte era a fazenda e não sabia o azimute para encontrá-la? Nenhuma luz acesa ao redor, sequer uma montanha para orientá-lo.

Antes do amanhecer, retoma a marcha. Ao atravessar um arvoredo perde o chapéu que os capatazes encontram, mais tarde, terá morrido? Tiroteio de mais de trinta armas para orientar o tenente. Nada escuta²¹. Continua a dirigir o cavalo, sempre em sentido oposto à casa, o animal mergulhado no pantanal até à barriga, dócil, quieto, submisso, participando da suposta evasão do oficial. Não fosse isso, bastaria virar-se para o cavaleiro e dizer:

- Quer voltar para a fazenda? Então, solta as rédeas.

Não ocorreu ao tenente a solução vulgar. Persistiu no comando.

Então um som entrou-lhe pelos ouvidos. Duas asas passaram sobre sua cabeça e ele parou. Era um teco-teco que o alçou e o levou para casa.

Pouco depois chegava o cavalo que não entendeu nada daquela história.

36

Carta de Mário Faustino:

Recebi tua carta. A crítica que me mandaste vai sair, logo que possível, na seção "Bibliografia", do Suplemento do JB. Entrou na fila: com a atual falta de espaço todo mundo entra na fila, exceto aqueles que, como eu, têm página fixa. Não te preocupes, entretanto: sai mais cedo do que estás acostumado com as publicações onde tens aparecido. Por falar nisso, acabo

²¹ (ouve); ([escuta])

de ver, no último número de "Paratodos" (1ª e 2ª quinzena de maio), saído hoje, tua crítica sobre o Cisne Negro de Mann. Ainda não li.

Estou te respondendo logo para aproveitar uma pausa para meditação que me surgiu em meio a uma trabalhadeira incrível que de repente desabou sobre mim. Não sei o que fazer. Vou amanhã à tarde para Paquetá. Ficarei no chalé do Barreto devorando um material que necessito ler para escrever umas coisas que estou planejando para execução urgente.

O principal trecho de tua carta é aquele que se refere à nossa amizade. Não sabes como me consolaram tuas palavras. Quem sabe não és afinal de contas (exatamente aquele de quem mais me tenho queixado, a ti mesmo e aos outros, quando falo mal de ti) o mais amigo de meus amigos? Não sei mais de nada. Cada vez menos entendo essas coisas. Chego à conclusão de que sou o maior dos incompetentes em matéria de relações humanas. Não entendo ninguém e ninguém me entende. Acho que exijo demais. Ou somos nós brasileiros que, em geral, devido a certas qualidades essenciais de nossa cultura, somos incapazes da verdadeira amizade (a qual experimentei em relação a três ou quatro estrangeiros, particularmente alemães). O fato é que acho que um mínimo de respeito mútuo é absolutamente necessário à sobrevivência e ao contínuo enriquecimento de qualquer amizade. Também é necessário que os dois amigos em causa sejam úteis um ao outro, se possível na mesma medida. Também é necessário que não sejam demasiado íntimos. E nós, brasileiros, somos exagerados, transbordantes, derramados, íntimos demais, metediços vivemos a querer reformar o mundo à nossa própria imagem e semelhança, somos levianos - e a amizade é uma coisa serena e profunda. Quando tenho dúvidas sobre tua amizade para comigo o que talvez queira dizer é que tenho dúvidas quanto a minha própria capacidade de amar e de ser amado no plano da amizade - a longo prazo, é claro, pois, a curto prazo, todos nós, levianos e inconstantes, somos capazes de grandes arroubos amistosos. Também talvez queira dizer que não creio em ti mesmo como ser humano, em tua fidelidade, etc... Sempre houve alguma coisa em ti que me deixou mal à vontade. Nunca pude eliminar uma certa barreira - um certo riso amargo, amarelo - que sempre se ergueu entre nós. Qualquer coisa que não encontro em meus outros amigos, mesmo nos piores. Para ser inteiramente franco contigo, Laus, sempre vi em ti uma

certa sombra que se parece incomodamente com a sombra da deslealdade, da traição, da inveja seja em que plano for. Devo estar sendo horrivelmente injusto contigo, mas preciso passar a ti o que há muito me vai não digo na mente, mas no instinto. Nunca pude deixar de sentir isso em ti. Espero que se trate de outra coisa, espero que, quando voltares, já eu não sinta mais isso. Vamos ver. Há também algo em ti que nunca pude perdoar. Uma certa mesquinhez, deves saber a que me refiro, uma certa medida menor em certos aspectos. Fala-me tu, agora de meus pavorosos defeitos. E perdoa-me responder de maneira tão esquerda, tão ingrata os belos parágrafos em que de tal modo renovaste minha confiança em mim mesmo, num momento em que estava descrente de todos os meus amigos, e, particularmente, de mim mesmo em relação a meus amigos.

Noticiário: paupérrimo. Eneida sempre fala de ti e é sempre a mesma. Soube que Ruth tinha andado doente, que já está boa.

Tudo o que se refere a cultura, no Rio, cada vez mais nojento - não vale a pena falar. Estou ansioso por teu conto. Manda logo. Tratarei, sem falta, de sua publicação - e da melhor maneira, como sempre. É pena que não me possa comprometer a mandar-te sempre o JB. Por que não o pedes à Ruth?

Escreve-me sempre. Cartas sinceras, cartas ricas como só tu sabes fazer. Não sabes como me fazem bem, meu velho amigo surrado pela vida. Com todos os teus defeitos, conluo-te mais genuíno que os demais, mais amarrado à "vaca" verdade, mais pisado pelo tropel da verdade, mais vítima e mais masoquista da verdade. Vamos ver o que te acontece, o que nos acontece. Cada dia mais conluo que as palavras, orais ou escritas, cada vez mais nos afastam da verdade sobre o mundo e seus habitantes. Contemplemos os atos e os fatos. Assim nos conheceremos melhor.

Qualquer coisa que necessites aqui do Rio e que esteja a meu alcance, manda dizer. Vem logo daí. Paschoal (8)²² anda doente, esteve hospitalizado, descansando. Escreve uma cartinha a ele. Hermenegildo de Barros, 161, Sta. Teresa.

Escreve logo.

Um terno abraço do teu

Mário

²² <(8)>nota acrescida a caneta pelo autor.

P.S. De propósito não releio a carta; se reler talvez não mande

MF²³

37

Pandiá Calógeras²⁴ em "Formação Histórica do Brasil", no capítulo relativo à escravidão negra:

"Não exagera quem disser que, sob a direção do branco, eles (os negros) realizaram todo o trabalho material e os esforços precisos para criar e construir o Brasil. Em um caso, mesmo, foram guias dos brasileiros: seu é o mérito da primeira indústria de preparo direto do ferro nas forjas rudimentares de Minas Gerais, fruto natural da ciência prática infusa nesses metalurgistas natos que são os africanos".

Mais adiante: "Constituíam os negros a camada social mais baixa. Tão desconsiderados, que lhes discutiam a qualidade humana. Foi preciso que a Santa Sé os declarasse homens, para serem reconhecidos como tal".

Comparação das três raças: "Os antigos colonos portugueses não eram alegres, e custavam a manifestar seus sentimentos íntimos de regozijo. O índio era grave, mais ou menos nas mesmas diretivas. Mas o fator africano, em geral, ostentava um perpétuo bom-humor, júbilo infantil e expansivo, gáudio pelos menores incidentes de sua vida. Essencialmente sensíveis, dignos de fé e dedicados, capazes de serem levados(4) para qualquer lado por bondade e carinhos e palavras brandas, os negros colaboraram de fato no ameiamento da dureza primitiva do colono português".

Os negros viviam em média apenas 25 anos. O autor afirma que, em regra, não eram maltratados. "Conseqüência talvez das condições desfavoráveis, ou por outro elementos biológicos, sua mortalidade excedia a do branco e mesmo ultrapassava a natalidade própria".

Tanto "outros elementos biológicos" como "condições desfavoráveis" me parece vago, impreciso, pouco esclarecedor. Difícil aceitar que não fossem maltratados uma vez que até sua qualidade humana era discutida.

²³ no tópico 36 M. Faustino faz referência à publicação da crítica de H. Laus sobre o *Cisne Negro* de Thommas Mann. O resumo desta obra está no diário inédito *Impressões de Vida e de Leituras*, escrito na década de quarenta

²⁴ Pandiá Calógeras, cidade do MS.

Em Ladário ocorre um crime de que resulta a morte de um ladrão de canos de água.

Um português verifica todos os dias o desaparecimento de canos do depósito, situado num pátio, e recorre à polícia. Enquanto há guardas ou vigia os canos não desaparecem. Mas o português não quer dispender com o serviço e suspende a vigilância. Recomeçam os furtos.

O português volta ao delegado que lhe dá um conselho:

- Faça uma armadilha com espingarda.

Foi tudo preparado com um dispositivo simples e primário. Ao ser puxado um cano do monte, a arma dispararia e, com o estampido, viria correndo o proprietário.

Primeiro e segundo dias, nada. Mas no terceiro a espingarda disparou, acertando na cabeça do homem que não teve tempo de levar nada. Morreu junto aos canos sem nenhuma palavra.

Dia movimentado com a chegada do general comandante da 9ª Região Militar (9)²⁵, de passagem para Forte Coimbra. De manhã, faxina geral no quartel, às treze horas recepção no aeroporto, de tarde sua visita ao Batalhão, de noite despedida no cais do porto, a bordo de um navio do Serviço de Navegação da Baía do Prata.

O general é de uma raça que aos poucos se extingue, famoso em todo o Exército, em todo o Brasil, por sua intransigência e arbitrariedade. Serviu em Natal durante a guerra, o Regimento com efetivo completo, necessitando de pulso de ferro para controlá-lo. Quando lá cheguei, em 1947, como Aspirante a Oficial, havia uma prova de sua passagem: o pavilhão refeitório fora integralmente transformado em xadrez e os soldados comiam em marmitas, de pé, num barracão improvisado nos fundos do quartel.

²⁵ Número acrescentado a caneta, possivelmente seriam acrescentadas informações já anotadas no diário.

Sua fama transformou-se em lenda e hoje temos dificuldade em separar a verdade da invenção. Ainda em Natal ouvi várias histórias, como estas duas:

Naquele tempo de ante-guerra o Regimento e a cidade sofriam a atuação do desespero de mais de mil homens com os nervos a explodir pelas menores razões. Certa noite, um cabo expulsa o motorneiro de um bonde e se encarrega de conduzi-lo, Tirol à fora, em direção ao quartel, sob a aprovação dos passageiros, todos soldados sujeitos aos mesmos sentimentos de pânico e revolta.

Ao ter conhecimento do fato, o general (então coronel), atravessou seu carro de passeio nos trilhos, pôs todos os homens em forma e os conduziu diretamente para o xadrez.

Em outra ocasião, o Regimento sai para uma marcha de treinamento. No regresso, a dois quilômetros do quartel, a tropa cansada e sem querer outra coisa senão chegar e livrar-se do mochila, ouve-se o toque de alto e em seguida o de rancho.

A poeira, o calor, músculos doloridos, ninguém pensava em jantar àquela hora da tarde. Mas foram organizadas as filas e, aos poucos, o cansaço trocou-se pela fome. Os camburões foram postos à margem da estrada, soldados rancheiros entraram em posição com a colher pronta a servir arroz, feijão, carne.

Então o comandante imaginou o incidente **singular,,,,,,**. Chamou o cometeiro e ordenou:

- Toca alarme aéreo.

A princípio ninguém entendeu. A soldadesca permanecia em fila, esperando a vez de ver cheia a marmitta. Oficiais e sargentos repetiam o alarme com apitos histéricos e a disciplina acabou vencendo o estômago. A estrada foi abandonada e cada qual procurou uma árvore para fugir da suposta aviação inimiga.

Quando o comandante observou o cumprimento de sua ordem, aproximou-se dos rancheiros e mandou entornar os camburões de comida.

Este o homem que visitou o 17º B.C., eu no comando para recebê-lo, em vista de nova dispensa do comandante efetivo.

Nada em seu porte, no rosto, a denunciar-lhe o temperamento. Um general como dezenas de outros.

Sorrisos, espírito vivo, visitou todas as dependências do quartel comentando os menores detalhes: uma toalha escondida atrás do armário, teias de aranha no banheiro das praças. Depois da visita reuniu os oficiais e falou com brandura aos aspirantes:

- É preciso cortar o cabelo. Muito mais higiênico raspá-lo até às orelhas.

Surpreendeu-me. Nada mais do que foi - ou do que dizem que foi.

E ainda revelou uma desconcertante ignorância. Não sabe que Corumbá não é considerada Guarnição de Fronteira, isto é, não dá as vantagens que as outras dão, apesar de distar apenas 6 quilômetros da Bolívia.

Imediatamente ocorreu-me outra inspeção de general, quando servi em Juiz de Fora. O Inspetor, acostumado ao asfalto carioca, confessou não mais lembrar-se de que ainda existiam unidades com viaturas puxadas a burro, no Exército Brasileiro. Imaginava toda a tropa transportada a motor e, naturalmente, calcularia o tempo para uma operação à razão de 30 km por hora e não a 4 km a pé.

40

Todo o dinheiro que tenho e terei por dois meses é para pagar o imposto sobre a renda, para as despesas normais e ir ao Rio quando do lançamento de meu livro de contos Os Incoerentes. E eu que tinha a ilusão de poder guardar dinheiro em Corumbá. Se o quartel tivesse quartos, me mudaria, mas não tem nada. Mandam a gente para um lugar desses e não oferecem vantagem alguma. Fizeram-me sair da enfermaria, mas permitiram que o major continue por lá. Só vejo uma explicação: sou solteiro e a esposa do comandante, que mora ao lado, é muito jovem. Os aspirantes, que chegavam à janela de busto nu, também foram despejados...

E ainda quando chegar a vez de minha transferência, garanto que não me darão "por necessidade do serviço" - com direito a ajuda de custo e passagem, mas sim "sem ônus para a Fazenda Nacional". O máximo que conseguirei deve ser "por interesse próprio", com direito apenas à passagem.

A desigualdade com a Base Fluvial de Ladário é outro ponto de irritação. Lá eles tem todo o conforto, piscina, cassino de oficiais com bar, eletrola, sala de

jogos e de dança, quartos para solteiros, residência para todos. Nós, do Exército, temos um quartel caindo aos pedaços e o único jipe que ainda funciona passa a maior parte do tempo na oficina.

41

A estação de passageiros da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil funciona provisoriamente num grande armazém de carga. Cheguei ali às cinco e meia para uma viagem a Porto Esperança, onde o Batalhão mantém um destacamento de guarda e vigilância da ponte Barão do Rio Branco.

Um boliviano, funcionário da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia (que se inicia também no armazém), veio dizer que o auto de linha está pronto para partir e embarcamos, um major, outro capitão, um sargento e eu. Vamos inspecionar o Destacamento e estudar novas medidas de caráter militar. No carro, outro boliviano, mecânico da mesma ferrovia.

O carro de linha balança como uma barca. Quadrado, poltronas ao fundo e duas à frente separadas pela caixa do motor, vidraças à volta, é pintado de verde por fora, o interior em cinza e amarelo.

Até Urucum, 45 minutos para 18 km de percurso. Bitola estreita, trilhos irregulares provocando solavancos, dormentes à flor da terra em leito de cascalho ou simplesmente enterrados. Nas margens, taludes verticais abertos na rocha pura, que forma as montanhas de Urucum, com grandes jazidas de manganês.

Duas horas de espera²⁶ por um trem que vem pela linha única. Apenas o funcionário da Estrada, duas galinhas, quatro pintos de dias, um de mês, dois cachorros. Com o ar fresco da madrugada, abriu-se²⁷ uma janela do trem de lastro - destinado à conservação da ferrovia e que está parado no desvio. O cozinheiro desse²⁸ trem nos oferece café em canecos esmaltados.

Passa o trem de passageiros e seguimos viagem. Aos poucos ficam para trás as elevações da Serra do Urucum e ganhamos o pantanal, com regiões

²⁶ (para o desimpedimento da linha.) ([por um trem que vem pela linha única.]);

²⁷ abriu-se <uma janela do> (um); que (permanece); ([está parado]); desvio II?por três meses!; cozi

²⁸ cozinheiro [do]

inundadas e outras secas, espalhando-se sem limites, de um lado e outro do aterro por onde corre a ferrovia. Retas enormes, de vez em quando surge pequena estação com um grupo de casas para o pessoal da Estrada, gado espalhado pelos campos, uma ema.

- Fazendeiro não deixa matar ema porque come cobra e salva o gado, diz o sargento.

A estrada vai ficando pior e o sacolejo aumenta. Mais de duas horas para percorrer os 60 km que nos separam de Porto Esperança. Os trilhos apresentam seções tão irregulares que se percebem à distância. Os dormentes, assentados sobre o aterro frouxo e desbarrancado pelas chuvas, não oferecem muita segurança. Mas era indispensável aterrar: as cheias periódicas cobrem os campos a mais de um metro.

A vegetação é formada de bosques ralos e baixos. Ao atravessarmos um deles, surge a ponte Barão do Rio Branco em sua grandeza, cinco arcos grandiosos para abarcar o rio, com 2009 metros de comprimento e altura máxima de 20. É branca, de cimento armado, e foi construída em dez anos, de 1940 a 1950.

A vila fica na margem esquerda do rio, a 2 km da ponte e já teve alguma importância, antes da construção da estrada de ferro. Era o porto principal de recebimento da produção do Norte do Estado que para aí convergia a fim de baldear para o trem. Um hotel de madeira, grande, abandonado, recorda a glória passada da vila. Hoje o movimento do porto reduz-se ao mate de Ponta-Porã que se escoia para o Uruguai e a Argentina.

A lancha que nos traz ao Destacamento passa ao longo da margem onde casebres se enfileiram. Os habitantes exercem duas profissões: quando há navios, estiva; na falta destes, a pesca.

- Quando vem a enchente, eles fazem jirau dentro de casa para não dormir na água.

- Por que não constróem a casa de assoalho suspenso?

- Gente pobre, capitão. Se a cheia é muito grande, eles vão tentar a vida noutra lugar.

No extremo da vila uma torre de petróleo.

- De americano. Quando iam começar a perfurar, o governo proibiu.

Deixaram tudo: torre, canos, motor, peças avulsas. Um depósito já destelhado, guarda enorme quantidade de peças enferrujadas.

- Há um responsável. Mas o senhor sabe como é. De noite, cada qual leva sua telha, um pedaço de cano, madeira para o barranco.

Numa casa oferecida ao Exército pela Noroeste, funciona o Destacamento. Uma escada de dez degraus (a cheia atinge ao terceiro e os moradores usam canoas) conduz à varanda. Três portas. À direita, num quarto pequeno, mora o sargento radiotelegrafista com mulher e dois filhos; à esquerda, outra peça idêntica abriga o sargento comandante do Destacamento, casado, uma filha. A porta central leva à sala de jantar - ao que poderia ser uma sala de jantar. Guarda-roupas improvisam uma parede escondendo a estação de rádio, a cama de outro rádio-operador e pequeno depósito. Na parte maior da sala, as camas duplas dos soldados e a mesa de refeições. Ao fundo, cozinha e instalações sanitárias, comuns a todos.

- Servir aqui dá ponto para promoção. É a vantagem. E recebo mais cinco por cento do que no Rio, diz o sargento rindo.

Pergunto a um soldado:

- Há quanto tempo está aqui?

- Dois anos e três meses. Mas vou dar baixa em junho.

- Que vai fazer?

- Trabalhar.

- Em que?

- Qualquer coisa.

Sem profissão definida, dois anos limpando armamento, carregando e descarregando trem e a chalana que supre o Forte de Coimbra, que será desse homem? Enquanto no Exército, ganha como desarranchado (cerca de três mil cruzeiros) mas não tem direito à alimentação. Entrega metade do vencimento a uma mulher que dá pensão.

- De começo a gente se revezava na cozinha. Mas dava muita confusão, uns tem jeito, outros não tem.

Simplicidade no gesto, nas palavras, a passividade tácita face a uma rotina a que se sujeita por falta de ambição, de cultura. Quantos e quantos encontrei assim por toda a parte. Que potencial de energia e trabalho perde o Brasil, retardando o aprimoramento do homem.

Depois do almoço no Destacamento, onde os bolivianos também comeram, regressamos a Corumbá. O carro de linha, com a pressa em se voltar, sacudia mais do que na vinda. A distância foi vencida em duas horas e meia. Os marcos foram passando, 1277, 1278 e precisamente às cinco e meia da tarde estávamos a 1348 km de Bauru, SP onde começa a numeração.

Recebo um convite em cartolina branca com dois textos impressos em azul. O da esquerda:

"no horizonte da vida, entre a suavidade do arrebol da infância e os matizes diáfanos do melancólico poente da velhice, está a claridade refulgente do pleno dia: a mocidade vibrante e idealizadora".

Procuo esclarecimento na outra face:

"Ao atingir a fase da mocidade, envolvida na mais ardente alegria, venho convidá-lo para, comigo e minha família, assistir à Missa em Ação de Graças que será celebrada dia 19 (**sábado**) , às 6 horas, na capela da Escola Normal e Ginásio Imaculada Conceição. Quero, também convidá-lo para dia 20 (domingo), a partir das 11 horas, festejar os meus quinze anos, na Fazenda Urucum, quando, numa reunião campestre, recordando os anos de minha infância, entrarei numa nova vida. Com os agradecimentos da M. A."

A lista telefônica de Corumbá é ímpar. Talvez seja a única cidade do mundo em que os telefones, além das entradas normais (nome, endereço, profissões), aparecem também na ordem numérica crescente. "Se souber o número do telefone, procure na seção numérica continuada" - ensina o catálogo. Procure o quê? O raciocínio natural de quem se serve de uma lista de telefones será sempre: "Qual será o telefone de fulano? Não me lembro do nome mas sei que mora em tal lugar". Ou então sabe-se onde trabalha, se é proprietário de alguma coisa, etc. A relação numérica vem ampliar as perguntas num sentido desconcertante:

- Quero falar com o telefone 331. A quem pertencerá?

Ou então:

- Preciso uma ligação com o Banco do Brasil. Será 315? - vai-se à lista continuada e não é. Por tentativas, acaba-se descobrindo.

A lista numérica continuada dá uma informação precisa: em Corumbá existem 464 assinantes (informação que, como se vê, pode ser dada em 5 palavras).

Mas o resto são qualidades, na Lista Telefônica Classificada de Corumbá. É um guia da cidade, útil a todos. Registra horário de bancos, repartições, movimento de trens e até preço de passagem; transcreve leis do selo, exigências para exame de habilitação à carteira de motorista, multas do tráfego e - parte mais importante - um roteiro para monografia sobre o município.

Por aí se aprende muita coisa. População da cidade, estimada em 1954, 29.563 habitantes. Temperatura máxima, 43 graus; mínima 5. Prevalece a nacionalidade brasileira mas existem sírio-libaneses, turcos, bolivianos e paraguaios, os primeiros no comércio e nossos vizinhos "voltando-se mais para os trabalhos braçais".

O distrito de Corumbá foi criado em 1838 e elevado à categoria de cidade em 1878. Sua economia baseia-se em pecuária e indústria extrativa mineral e de outras espécies. O capítulo da indústria extrativa justifica a fama da região em caça e pesca:

"O Rio Paraguai e seus afluentes têm abundância de pesca, destacando-se o pacu, pintado, surubi, dourado, sardinha, pacupeva, jaú, bagre, corvina, jiripoca, jurupensém e piranha".

"Havendo um Sindicato de Pescadores cujo produto de pesca é consumido no município e exportado a maior parte do peixe dourado para a capital do Estado de S. Paulo (sic). A caça também é bastante rica de onça, jaguatirica, caititu, capivara, veado, tatu, etc., sendo as peles silvestres industrializadas fora do município. A produção de lenha extraída das matas que apenas bordejam os rios, supre o consumo municipal e é ainda aproveitada pelas empresas de navegação e indústria de ferro.

"Conta Corumbá com uma fábrica de ferro gusa, extraído de Morro Urucum, a maior mina de manganês do mundo, uma fábrica de cimento moderníssima com capacidade de produção de 50 mil quilos diários; grande extensão de areias e vários fornos de cal, tijolos, telhas e congêneres".

A natureza pantanosa do solo dificulta a abertura de estradas de rodagem. De carro não se vai a Campo Grande, a Cuiabá, a parte alguma, a não ser Bolívia. Aviação, trem, transporte fluvial resolvem o problema. E o quadro da distância entre os aeroportos, somado ao preço das passagens, anula nosso desejo de viajar: para São Paulo, 1276 km; para o Rio, 1649.

Na lista telefônica figuram não só os assinantes como "todos os interessados que desejarem a expansão dos seus negócios e em especial aos visitantes que aportarem esta Cidade Branca". Não sei se é o caso de os visitantes se inscreverem no livro. Assim está escrito.

Qualquer turista está armado de boa fonte de informações. Falta a planta da cidade. Substituiria bem a tal lista numérica continuada.

44

Como poderia supor que as duas figuras deste livro se transformariam em personagens de incerto romance de amor? O soldado enfermeiro que não foi encontrado de noite no quartel e a moça M.A. "que pouco a pouco se formou no sol do espelho" e vai comemorar os quinze anos em Urucum.

Batidas à porta de meu quarto. Tímido e trêmulo, entrou o enfermeiro.

- Não deu tempo para entrar com a parte. Fui convidado para dançar a valsa dos quinze anos. O senhor pode assinar a permissão?

Acabava de ler um poema de Drummond e lembrei-me de M.A., também Maria, "de Maria simplesmente, ou de mar de canaviais mar murmurante".

Na permissão para trajar civilmente, o nome complicado.

- Meu pai é alemão.

Conversamos alguns minutos e, sem chegar a animar-se, sorriu ao justificar o castanho dos olhos.

- Minha mãe é baiana.

Não é tão pobre como me parecera. O pai é fazendeiro de uma légua, em Cáceres, tendo prejuízo, conforme declara o filho, porque roubam muito gado e a fazenda é entregue a estranhos.

- Meu pai viaja para uma companhia americana e lá de quatro em quatro meses é que aparece na fazenda.

Não quer encarregar os filhos desse serviço pesado - um que é fotógrafo e ele que pretende cursar a Escola de Saúde do Exército para depois ser médico ou farmacêutico - e a fazenda não dá lucro.

- Então vai dançar a valsa?

Prontamente esqueceu o ar sério com que falava do pai, dos negócios, de seus planos e sorriu:

- É, me pegaram.

Pois bem, ele que se transforme em verso "e se debruce à beira-rio e pare na estrada e converse com a menina esses assuntos importantíssimos que não adianta o rei escutar".

45

Não sei qual o rumo que minha vida vai tomar. Tenho minha profissão certa, militar, mas não tenho amor a ela. Tenho minha mania de literatura, mas que sou, literariamente? Não me dedico a isso como devia. Pouca coisa de concreto, de positivo na mão. Minha vida sentimental é um fracasso e assim será para sempre. Quisera ter o desprendimento de ser apenas bom, sem pedir nada em troca.

Sinto-me infinitamente só.

Numa cidade grande como o Rio a vida afasta o pensamento dessas coisas. Aqui, todos os passos medidos e controlados, continências de cinco em cinco metros, acabamos por arrebentar os nervos.

46

Corumbá tem três ou quatro coisas que ficariam bem em qualquer cidade grande, disse ontem ao major.

- Você está adquirindo o "olho local". Qualquer dia arranja uma fazendeira e perdemos a companhia.

Foi um dos passeios diários que fazemos, o major, o tenente médico e eu. Fiquei pensando em "olho local". Não há dúvida de que o hábito transforma as aparências das coisas e das pessoas. Já admito até mesmo o Hotel Venizelos que tanto me apavorou à minha chegada.

Explico a eles as coisas que me parecem boas. O cinema Tupi, de cadeiras estofadas e decoração de bom gosto.

- Em Porto Alegre, até 1952 pelo menos, não havia cinema assim.

O Grande Hotel, de má comida mas boa apresentação, tratamento e serviço excelentes. E o bar La Barranca, com dois amplos terraços, cerca de cem mesas, orquestra e danças às terças, quintas, sábados e domingos.

- E a quarta? pergunta o médico.

Não sei qual seja. Mais alguns dias e descobrirei quinta, sexta, vigésima. É preciso não reagir. Ainda faltam muitos dias para completar um ano.

47

O major é homem de princípios mas sabe fundamentá-los com argumentação viável.

- Não sou comunista porque não acredito no Estado. Fazenda coletiva, por exemplo, pode dar certo no Brasil? Nem os Correios e Telégrafos funcionam. Os minerais estratégicos, sim, devem ser nacionalizados para não cair na mão dos estrangeiros. Petróleo é básico, nem se fala.

Em nossos passeios depois do jantar, não pára de falar até entrar no cinema a que vai todas as noites. Encontra sempre o que dizer, passa e repassa o assunto, a voz alta demais, chamando a atenção de todos.

O médico, recém-formado, de repente adota o chamado ar doutoral e pontifica:

- O soldado apresentava sintomas evidentes de piliatismo.

Ou então:

- Nada de grave, lipotímia causada por estafa, provavelmente.

Não deixo de perguntar o que significam essas palavras, mais imponentes do que a tradução: histeria, desmaio.

48

Segundo mês em Corumbá.

A correspondência continua ativa. Recebi 17 cartas e escrevi 22, durante o mês de abril.

49

Sábado, dez horas da noite.

Depois do jantar, o passeio de sempre com o major e o médico. Assunto principal, a malfadada compra de um apartamento pelo major. Anos e anos, dinheiro empatado, juiz, advogado, despachos, o turco

encontrando sempre uma saída para burlar a lei e não fazer entrega do prédio.

- Tudo porque não segui um conselho de meu pai: "Nunca faça negócios com turco. E, sendo negócio de casa ou terreno, nada de recorrer à justiça; entra logo em acordo com a outra parte".

Passamos pelo La Barranca. Muita gente dançando, um cantor aos berros ataca Boemia que o alto-falante espalha pela cidade.

O doutor vai para casa ler e dou mais uma volta com o major. Cerveja na Sorveteria Americana. Novamente La Barranca, orquestra, cantor, etc.

A cem metros do bar, ponto central da cidade, dobro a rua Sete de Setembro, arborizada, escura. De repente alguns vultos aparecem, passeando calmamente. São duas vacas, três terneiros, outros bezerros.

Em minha porta, um jumento se coça. Entro e escrevo o que aí está.

Dez horas e dez minutos da noite de um sábado.

Faltam 69 dias para completar um ano. Preguei na parede, junto à minha mesa, uma folha de papel onde foram escritos os números de 365 até 1, na ordem decrescente. Cada dia risco um número. Hoje risquei o 295.

De meus amigos, apenas Walter se mantém fiel na correspondência. Mário Faustino e Luís Canabrava desertaram. Renard Perez nem respondeu à primeira carta e Eneida só escreveu uma vez. Ruth escreve sempre.

Mandei um conto para Eneida publicar na revista Jóia.

Continuam as promessas do editor em mandar as provas do livro.

51

A leitura de "A Paz do Chaco" fornece-me dados sobre as terras de Mato Grosso. Há perfeita identidade com as do chaco Boreal que o General Leitão de Carvalho se propõe a descrever. Pelo menos na porção relativa aos arredores de Corumbá, fronteiras à cidade da margem baixa do rio, e no caminho de Porto Esperança. Eis o que ele diz:

"Na época da seca, produz-se uma camada de pó que, ao contato com as águas das chuvas, forma uma lama espessa, tornando-se quase impossível o trânsito.

O terreno é coberto de vegetação, ora de grande talhe, formando matas descontínuas, ora de espécies menores, entremeadas de extensos prados, em que se encontram lagoas efêmeras, geradas pelas águas pluviais, e rios que se originam dessas lagoas.

“No verão são copiosas as chuvas (...). Transbordam, então, os rios e, como as margens são muito baixas, as águas estendem-se por vastas zonas. Surgem, desse modo, as lagoas temporárias, formando-se enormes pantanais”.

“Os bosques, em alguns lugares, são densos, mas, em geral, um tanto abertos e, com freqüência, interrompidos por numerosos trechos, maiores ou menores, de savanas e charcos. Faixas de verdadeiras selvas, pequenos bosques de palmeiras, clareiras ou zonas de prados tropicais, trechos pantanosos e terras cobertas de pastos sucedem-se com intervalos”.

Sobre os rios e as águas o autor escreve:

“A estação seca anual, durante a qual quase todos os rios - exceção feita ao Paraguai - deixam de fluir, ou chegam a ter muito pouco volume, priva-os da vantagem de posse ininterrupta de seus leitos. Em cada inundação seus depósitos sedimentares, tanto no leito como nas margens, vão de um modo especial, descendo conjuntamente com as águas. Mais cedo ou mais tarde, toda a corrente se eleva acima do nível das planícies circundantes e é capaz de romper o dique das ribeiras, à mais leve provocação, e espalhar-se pela comarca que o rodeia”.

É o que está ocorrendo no presente. O rio está transbordando. A margem esquerda, rente às águas, é tomada aos poucos e as casas que vi de perto no dia da pescaria rodeadas de água, o rio formando as lagoas e os banhados que me deram impressão tão má quando os vi do alto, à minha chegada.

52

Reservei lugar no avião do Correio Aéreo Nacional para o dia 15 de junho. Ainda não sei ao certo se irei mas reservei porque até lá podem aparecer notícias do meu livro e que tudo se resolva de modo a sair o lançamento de Os Incoerentes. Reservei também porque só em fazê-lo fiquei um pouco contente com a possibilidade de ir. Ando louco para rever meu

apartamento, a Avenida Rio Branco, o aterro²⁹ da Glória, Copacabana.

Hoje chega Emilinha Borba. Vou ao aeroporto. Mas é para receber um general que vem no mesmo avião.

Dia 10 de maio (hoje é 14) houve parada em honra a Osório. Comandei o Batalhão no desfile, a pé, por toda a cidade.

53

Chegou o dicionário. Já olhei uma palavra e pensei ser galicismo: portar. Mas não é. Quer dizer levar, mesmo. E descubro que fôr tem acento porque há forma, costume, foro.

Apagou-se a luz. Comprei um lampião a queresone e me sinto completamente medieval, nostradâmico, macbetiano.

Vamos, pois, jantar na pensão do turco. Quibes, beringelas, coalhadas, etc. Mas isto é no almoço porque no jantar, todas as noites, temos bife com um ovo e arroz.

54

Carta de Mário Faustino.

Recebi ontem, 7, tua carta de 3. Não compreendi. Peço-te que releias minha carta anterior (escrita num momento de absoluta sinceridade - e, portanto de humana incoerência: só somos coerentes quando somos insinceros, tese aparentemente absurda mas, em minha opinião, profundamente verdadeira) e que me escrevas outra, com mais compreensão do que esta a que agora respondo.

Confirmo todas as sentenças que reproduzes em tua carta e que taxas de contraditórias. Sim, Laus, não creio muito em ti como ser humano. Tenho, freqüentemente, sérias dúvidas a teu respeito. Dúvidas que comunico a amigos como, por exemplo, o Barreto, de quem, também, tenho tantas dúvidas. Sim, com todos os teus defeitos, conluo-te mais genuíno que os demais. Outro dia dizia eu a um amigo comum: "é, o Laus tem todos esses defeitos, mas tem uma grande qualidade: um

²⁹ <da Glória>

fascínio quase suicida pela verdade; ele se apresenta à gente como é, com todas as contradições, com todas as grandezas e misérias". O amigo comum é o Paschoal, poderá confirmar-te o que agora escrevo. Sim, Laus, sempre vi sobre ti uma certa sombra que se parece incomodamente com a sombra da deslealdade, da traição, da inveja, seja em que plano for. Sim, Laus, aí reside o principal de minha eterna dúvida sobre ti. Que posso fazer? Foi a impressão que sempre me deste, reforçando-a com palavras e obras. Faze um exame de consciência e uma revisão da história de nossas relações. Não precisas arranjar auto-desculpas, eu mesmo te desculpo, bem sei o que tens passado desde a infância e essa coisa terrível que é o teu desajustamento profissional, familiar, etc... Não poderia exigir de ti mais do que me deste. Mas também não podes exigir de mim absoluta confiança. Será que não me permites ser sincero para contigo? E em que bases senão as da sinceridade pretendes sustentar uma amizade? Sim, Laus, quem sabe não és tu afinal de contas o mais amigo dos meus amigos? A coisa está, afinal de contas, entre ti e o Barreto. Um dos dois, ou ambos, é o maior de meus amigos. E de ambos duvido tanto! Do Barreto um pouco menos, hoje em dia. De ti, a mesma dúvida de sempre. Mas vv. dois são os que mais quero e com todas as dúvidas aqueles de quem me lembro nos piores momentos. Sim, Laus, há também algo em ti que nunca pude perdoar. Uma certa mesquinhez, deves saber a que me refiro, uma certa medida menor... Sim, Laus, refiro-me à tua avareza; à tua falta de verdadeira hospitalidade; o eterno "passo-atrás" que manifestas quando falas com a gente; teu olhar desconfiado; o fato de que nunca absolutamente ninguém que eu conheça se sinta à vontade na tua presença (já fiz "enquetes" a respeito para ver se era eu o único).

Quanto à última contradição, é fácil de explicar: estou à tua disposição para o que necessites, ocasionalmente, aqui no Rio; não me posso comprometer a mandar-te sempre o JB porque já me comprometi com outras pessoas e não pude cumprir minhas promessas. O que te ofereço é o que sempre estive à tua disposição: algo de urgência, uma interferência, um empréstimo, uma coisa qualquer desse tipo, uma resposta imediata a qualquer pedido de socorro. Não me posso, entretanto, já que bem me conheço, comprometer-me a fazer por ti, semanalmente, sem falta, automaticamente, alguma

coisa, nem que seja tão simples quanto o envio do JB. Será que nem isto quiseste compreender em minha carta? Não parece isto revelador de uma certa falta, em ti, da vontade de compreender? Simpatia, Laus, simpatia (no sentido profundo, de sentir com), vê se me consegues dar o que sempre te dei!

Sim, a chave de minha carta está aí: também é necessário que os dois amigos em causa sejam úteis um ao outro, se possível na mesma medida. Quando escrevi a carta, meu estado de espírito era o seguinte: vazio; abandono; e um pouco da maldita auto-piedade que até a mim me persegue, humano que sou, afinal de contas. Pensava eu: no momento, neste momento, estou dando a todos e pouco recebendo de todos. Que infinita necessidade estou tendo de um amigo que me dê, que me dê muito, que me dê segurança, conforto, apoio, compreensão, até mesmo condolência! E sentei-me para escrever-te, sem unir bem as coisas, sem distinguir, e escrevi-te uma carta desastrada, mal endereçada. Desculpa-me, perdoa-me.

Mas sim, Laus, tu me poderás sempre ser útil. Fui injusto contigo e com todos os demais, com o Barreto. Tu me dás muito: existes e me dás confiança, confiança que nem sei se mereço. Peço-te a prorrogação do crédito dela. Talvez eu possa melhorar e tu sem dúvida melhorarás com o tempo. Um dia, estou certo, nós seremos úteis um ao outro, decerto na mesma medida.

Sei que me compreenderás e que responderás imediatamente a esta - por carta ou em pessoa.

Sempre teu,

Mário

P.S. - Tua bibliografia está para sair. Logo te mando um recorte. E o conto? O Suplemento vai aumentar o nº de páginas. Aí não haverá mais demoras.

55

Um conto de Checov³⁰ chamado Mágoa³¹, triste como o diabo. História de um pobre cocheiro que perdeu o

³⁰ Embora Tchecóv seja a grafia mais usual, o uso dessa forma também está correto.

³¹ O resumo deste conto é passível de ser entendido como uma forma de representar o estado de espírito do escritor. Assim como o cocheiro, ele também não tinha com quem conversar. Sentimento antecipado ao narrado posteriormente no tópico 58: "os amigos do Rio desertam, não tenho com quem discutir certos assuntos..."

filho há uma semana e não encontra ninguém com quem possa se abrir.

"Gostaria de contar como o filho ficou doente, como sofreu, o que disse antes de morrer, como morreu... Gostaria de descrever o enterro e como foi ao hospital buscar as roupas do filho". Mas os fregueses não lhe davam ouvido, zombavam dele, queriam apenas que os levassem ao endereço pedido. Então recorre à égua de seu carro e fala-lhe sobre o menino Kuzma Ionych:

"É isto, minha amiga... Kusma Ionych foi embora... Partiu desta vida... Morreu em vão... Vamos imaginar que você tivesse um potrinho, que você fosse a mãe desse potrinho. Imaginemos que, de repente, o mesmo potrinho deixasse esta vida... Você ficaria triste, não ficaria?"

56

Sábado fui ao La Barranca e encontrei um aspirante do quartel, depois um sargento veio para nossa mesa e bebemos um pouco. Ceia no restaurante Cristal e cama.

Domingo almocei na república dos tenentes. Feijoadada. Bebi demais e vim dormir. Acordei às dez da noite e fui jantar no Cristal, único restaurante da cidade, com uma vista horrorosa de Copacabana pintada na parede. Voltei para o quarto e não consegui dormir mais. Deita, levanta, acende a luz, apaga a luz. Releio uma carta, outra, pego um jornal, uma revista. Um livro de Katherine Mansfield e um conto com uma passagem tão terna. Dois recém-casados em lua de mel. O cuidado extremo dos dois em serem felizes, em nada fazer que possa desagradar ao outro. É quando o marido pega a mãozinha da mulher e a guarda no bolso:

- Eu costumava guardar um ratinho branco no meu bolso, quando era garoto.

57

Tenho novo vizinho no quarto ao lado. Toca violão e canta. "Boemia aqui estou de regresso..." Ou uma música horrível que se toca sem parar na cidade inteira: "Encosta a tua cabecinha no meu ombro e chora".

Conheci-o hoje na pensão, onde também faz refeições. Moço, simpático, ri à toa. Comentou que eu

passei mal à noite, pois ouviu tudo, minhas idas e vindas.

Não posso mais falar sozinho, o que é mais uma tristeza.

58

Parei³². Vários dias sem o menor desejo de escrever neste diário. Mesmo hoje é muito mais por obrigação do que por prazer que me sentei e abri o caderno. Obrigação de dizer que se passou o terceiro mês, que recebi 14 cartas e escrevi 18, que li duas peças (No Time for Comedy e Awake and Sing), um livro horrível de Moysés Duék e "A Paz no Chaco", que tive de deixar pelo meio - impossível atravessá-lo.

E tem havido o que contar. Marcha de 32 km, um jantar no quartel, frio insuportável e jamais imaginado. Meus agasalhos ficaram todos no Rio porque Célia Neves me disse: "Leva roupas leves..."

Mãos geladas, peso de roupas, água gelada para o banho. E Corumbá preparada apenas para o calor, com suas casas altíssimas e piso de ladrilhos.

As ruas, o povo encasacado, trouxeram-me à idéia Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, onde passei parte da infância, e Caxias do Sul, onde servi como segundo-tenente. Tudo cinzento, pardo, triste, como no inverno gaúcho.

Aquí mesmo nesta cadeira onde já tive de escrever completamente nu, suor escorrendo pelo peito, pernas, mãos molhadas, agora - haja roupa. Vantagem: os mosquitos desapareceram. Controlo um que há cinco dias não sai da parede, congelado.

O quartel tem-me tomado tempo com uma sindicância complicada e outros problemas a resolver. Mas nada disso influi no estado de coisas. Os bons propósitos desfalecem, a literatura se esvai, e vida aí de fora me chama, amizades aparecem e eu me rendo. Os amigos do Rio desertam, não tenho uma pessoa com quem discutir certos assuntos, a solidão me pesa, esmoreço, e eis-me aquí dando um ar pessoal e íntimo a este diário, coisa que restringe minha possível literatura.

Conselho certo de Mário Faustino:

³² No original o verbo está na 3ª pessoa do singular.

- Mesmo quando falamos na primeira pessoa, que seja sempre outra primeira pessoa, um alter ego, ainda que com razões no nosso ego.

59

Recebo carta de Walmir Ayala, a quem não conheço pessoalmente. Leu uma carta que dirigi a Mário Faustino para o Jornal do Brasil e respondeu, solidário com minha solidão.

Mandou-me também seu livro de poesia, Este Sorrir, a Morte.

60

Marcha de 32 km pela estrada de Urucum, de noite. Os soldados voltaram, cantando músicas de carnaval, ao acompanhamento de batucada nos capacetes. O espírito dos brasileiros, igual em todo o Brasil. Um capitão aproxima seu cavalo do meu e, contagiado pela alegria dos soldados, começa a cantar músicas de Silvio Caldas.

Perto do quartel, cessado o à vontade da tropa, foi iniciada a canção do Batalhão. Também fiquei entusiasmado e, à chegada, deitei falação... Quem me visse naquele momento, jamais acreditaria tratar-se de um homem desajustado em sua profissão.

61

Um príncipe desceu em Corumbá.

Ao entrar no restaurante Cristal lá estava ele, entre amigos. E entre esses amigos um amigo meu: Antonio Carlos Sousa e Silva, genro de Eneida. Apresentou-me ao príncipe D. João de Orleães e Bragança, de quem é advogado.

Passamos algumas horas juntos, conversa alegre e animada de que há muito tempo não participo. Eis que a bondade de um e a realeza de outro firmaram uma trégua, abrindo uma brecha no meu isolamento.

62

Corumbá está sujeita a um surto de malária. Vários casos registrados na cidade e no quartel. Hoje uma turma de "mosquiteiros" esteve em meu quarto lambusando tudo de DDT. Parece que houve um terremoto. E se além do mais ainda pego malária?

Para mudar o panorama da cidade, chegou um tal papa da Igreja Ortodoxa do Oriente, da Síria, em visita a seus inúmeros conterrâneos que exploram o comércio local. Título completo: Sua Beatitude Dom Eknatios, Jacob III, patriarca siríaco-ortodoxo de Antióquia e do Oriente. A oficialidade da guarnição compareceu ao seu desembarque e, em casa de seu hospedeiro, servi de intérprete entre ele e o coronel. Os trajes são estranhíssimos e quando a comitiva desceu do avião parecia que se preparava um desfile de Reis magos.

63

Madrugada de 12 de junho.

O comprimido não fez o menor efeito. São quatro e quinze e tomei-o logo depois das duas e meia, quando fui acordado pelo barulho de um carro na rua. Todas as posições experimentadas, quatro cigarros, a vela acesa e apagada três vezes.

Resolvi, portanto, levantar-me de uma vez. Acendi duas velas, o lampião a querosene. Sem luz elétrica há uma semana. Impossibilidade quase total de ler ou escrever, ainda que sejam cartas. Perco a luz do dia no quartel e meus olhos não suportam a luz das velas.

A noite, que sempre amei tanto, transformou-se em pesadelo. Diariamente, ao aproximar-se, traz-me toda a sorte de apreensões.

Eis como posso aguardar o sono: ir ao cinema, o que não pode ser diário em virtude dos péssimos filmes argentinos e mexicanos que prevalecem na programação; conversar com o major na escuridão da praça e das ruas (conversar, no caso, quer dizer deixá-lo falar); ou saltar de ponto de luz em ponto de luz e acabar no último deles - bar La Barranca, onde há sempre alguém disposto a beber e a conversar tolices. Há poucos pontos de luz: restaurante Cristal, sorveteria Americana, café São Paulo, mais um ou dois de menor importância. A escuridão domina o resto da cidade.

Esgotado o programa, volta-se para casa (?). Na rua, além dos jumentos e bois sem dono - autênticos boêmios de Corumbá - um ou outro transeunte, assobiando para anunciar-se e espantar o medo, ou de lanterna acesa para orientar-se.

Quando acontece passar alguém em serenata, ou um automóvel de molejo rangendo pelos buracos da rua sem calçamento, ou simplesmente a correria do gado - acordo. Junto à cabeceira, vela, fósforo, comprimidos contra insônia. Mas hoje fracassaram. Cansado de olhar o espermácte escorrer transparente, espriar-se, esbranquiçar-se como clara de ovo na frigideira, vim escrever esta página.

E agora?

64

Finalmente, consegui a dispensa e fui ao Rio.

Uma semana que terminou a 25 de junho, quando regressei. Tempo curto demais para fazer tudo o que se impunha: liquidação de um caso sentimental errado, expulsão de quem ficou em meu apartamento e não cumpria os compromissos, conseguir novo inquilino. Para esta última parte contei com o acaso. Um tenente que conhecera em Corumbá encontrou-se comigo na Cinelândia e falou-me que procurava um apartamento. Como se chama Gabriel, acho que a coisa caiu do céu.

Alegria de rever a cidade e os amigos.

Mas um caso sentimental é sempre um caso sentimental.

65

Carta de Mário Faustino:

Só posso esperar, a esta altura dos acontecimentos, que estejas mais vivo, mais puro, mais claro, mais forte, mais alto, depois de tua recente délivrance. Espero que estejas sentindo aquela sensação de alívio que às vezes sucede a esta última. Espero que possas, agora, contemplar o futuro com mais vidência, mais decisão, mais verdade. Que não te enganes mais - ao contrário de mim, talvez, que talvez ainda me engane, eu que amo a verdade menos do que tu. Ave, Laus! o futuro te saúda! "Em frente, Marche!"

Infelizmente, não gostei do conto que me deixaste. Deve ter sido escrito num mau momento: não estás presente nele. O que procuras tentar, no domínio da renovação, é ainda muito pouco. Lembra-te: a renovação deve começar do princípio, da raiz, da maneira de encarar o mundo através das palavras. A nova literatura, a nova linguagem - o que há de novo na linguagem de hoje e na literatura de hoje, talvez não seja mais do que o seguinte: a tomada de consciência do fato de que as palavras são objetos humanos, que existem, formando um mundo próprio, com suas propriedades, mundo através do qual - e unicamente - entramos em contato, nos homens, com o mundo objetivo. A palavra: um mundo entre dois mundos: o universo e o homem. A palavra é o que nos distingue (feliz ou infelizmente; para Rilke, conforme deves estar lembrado, infelizmente) dos animais. Estes percebem diretamente o universo. Nós temos esse outro mundo entre nós e o resto. Quando manipulamos os objetos desse mundo - que é nosso, que é um mundo humano feito de objetos humanos, já que só existem, só significam para os homens, e não em si - devemos ter em mente todas essas coisas. Quando escreveres prosa, age com as palavras como se elas existissem e, existindo, fossem instrumentos de percepção do mundo (dos outros homens, inclusive). O autor percebe o mundo através das palavras que usa; o mundo: o presente, o passado, o futuro; com as palavras compõe um objeto - um poema, um conto, uma peça de teatro - que é como um balão de ensaio por ele lançado para experimentar o universo. Ao mesmo tempo, essa experiência se comunica com os outros homens, que comparam com ela suas próprias experiências. Um objeto literário é tanto mais vivo e mais rico quanto mais enriqueça a percepção universal de quem o criou e daqueles a quem é entregue, íntegro, a comunicar-se.

Essas coisas estão escritas "ao fio da máquina", quase sem pensar. Reflete, tu, sobre elas, e escreve-me a respeito.

Mando-te, junto a esta, o Suplemento em que saiu tua bibliografia. Escreve-me urgente. Não sabes como fiquei preocupado quando partiste. Com uma vontade enorme de ir contigo, com a mão no teu ombro, ainda que sem dizer nada, mas PRÓXIMO. Temos a obrigação de estarmos PRÓXIMOS, de sermos PRÓXIMOS. A única maneira de amar o próximo é sê-lo, está-lo.

Mando-te este presente: uma frase de Kung-Fu-Tse, via Ezra Pound:

HUMANITY? IS TO LOVE MEN
KNOWLEDGE, TO KNOW MEN.

Humanity? is love men. Knowledge, to know men. É interessante observar que Gautama Buddha, antes, e Cristo, depois, disseram mais ou menos a mesma coisa. Que nossa literatura seja nosso instrumento de conhecê-los, de amá-los, de melhorá-los, os que estão vivos e os que ainda vão viver.

Desculpe o tom Hiperliterário e não te esqueças do teu amigo

Mário

ESCREVE! Manda dizer que planos tens para o futuro. Vamos discuti-los juntos?

Não corrijo, como sempre!

66

Corumbá, desde a minha volta, revelou-se a cidade mais festeira do mundo. Aparecem aniversários, casamentos, reuniões, bailes sem parar. Vou a tudo, participo de tudo. Cheguei até a organizar um pequeno show com as moças da cidade e levei ao acampamento do Batalhão. O palco foi improvisado no estrado do caminhão. Cantores e cantoras, acordeonistas, bailarinas e até um bailarino do Municipal do Rio que está aqui em visita à família.

Comprei um toca-disco por 2 mil cruzeiros e mandei buscar parte de minha discoteca.

67

O quartel povoou-se de um busto. Haverá, a partir de agora, uma resposta a dar a todos os visitantes:

- Foi um aspirante que morreu com a explosão de um petardo.

Morreu ao pretender dar mais imponência à alvorada festiva em comemoração ao aniversário do Batalhão, a 9 de agosto de 1957. O entusiasmo e a inexperiência da juventude, cortados para sempre.

O monumento foi construído no jardim fronteiro ao quartel e o olhar vazio do moço dirige-se para a cidade. De tudo o que me contaram sobre a morte, ficou-me um detalhe insignificante. A explosão deu-se sob uma

árvore, a mesma onde foi fuzilado o sargento de 1925. Os pássaros anoitecem nessa árvore. Um deles não chegou a amanhecer: foi encontrado morto ao lado do aspirante.

E da inauguração do busto guardo uma cena: o pai desprendendo o pano que o envolvia e a mãe, pequena, mirrada, pálida, olhando para o filho endurecido no bronze.

Todo o quartel tem lendas. Uma formou-se com a morte do moço. Que seu pai fôra comandante do 17º B.C. quando capitão. Que fôra o responsável pelo fuzilamento do sargento. Tolices. O pai, atualmente general da reserva, foi oficial de Artilharia e jamais poderia ter comandado este Batalhão. Mas a imaginação desconhece limitações de lógica e bastou o menino morrer próximo àquela árvore, que ninguém pode afirmar ser a mesma, para a lenda compor-se.

68

Em coisa de meia hora, tudo resolvido. O caminhão do quartel encostou de ré, soldados desceram, carregaram móveis, malas, miudezas e partiram. Na outra quadra, esquina com a Av. General Rondon, a carga desceu e estava feita a mudança.

Não era mais possível suportar o açougue. Caixa d'água a correr sem parar. Inicialmente, deu resultado fechar o registro de entrada da rua; por fim, mistério absoluto, mesmo com o registro fechado a água escorria. E o caminhão do lixo? Poderia acertar o relógio pela buzina desesperada, às 5 da tarde. Também havia o sol, queimando a fachada... e uma só coisa que lamento abandonar: uma bela árvore de flores grandes e vermelhas caindo na calçada. Não consegui descobrir-lhe o nome. Alta, esguia, ultrapassando o telhado, é a nota alegre da rua Delamare. Perguntei a soldados, oficiais, civis, até a um deputado federal, a um poeta e jornalista da terra: ninguém me soube identificar a árvore. Maldita ignorância botânica brasileira.

A nova casa é velhíssima e mal dividida. Paredes largas, esquadrias de viga inteiriça, todo o madeiramento pintado a óleo na cor azul-marinho, paredes em amarelo. Escura, soturna, transportada de Ouro Preto para Mato Grosso. Os heróis da Inconfidência estão nas sombras das peças. O

enforcamento de Cláudio Manoel da Costa pode ter-se dado no banheiro baixo, telhas à mostra. Há telas contra mosquitos em todas as janelas, sem conseguir impedir a entrada do vento materializado em poeira branca que tudo invade. Mas tenho paisagem. A frente dá para uma praça inacabada que se estende até à barranca do rio que se mostra grandioso no crepúsculo e ao amanhecer, ligado ao pantanal sem fim.

Moro com o tenente médico que transferiu o casamento. Como a casa é do quartel, economizo os dois mil cruzeiros do quarto.

69

Um circo foi instalado na praça, em frente à nova residência. Ontem de tarde a moça do trapézio desfilou a caráter pela cidade, num trapézio improvisado na carroceria do caminhão.

Lembrei-me de meus tempos de criança em Tijucas. Irei ver novamente as artistas de quimono, vendendo postais depois de seus números.

70

Depois de amanhã, dia 3 de setembro, embarco para Campo Grande. Vou comandar uma companhia que desfilará a 7 de setembro. Com a chegada de um major, creio que não mais serei comandante do Batalhão. Assumi as funções de Oficial de Operações, chamado simplesmente de S/3.

Grandes festas estão programadas na sede da Região: inauguração do cassino dos oficiais, baile de gala, churrasco, etc.

71

Dezesseis horas de trem para chegar a Campo Grande. Até Porto Esperança, paisagem conhecida. Logo adiante o pantanal **desaparece e a vegetação é rala**, quase inteiramente composta por uma só espécie de árvore, tronco reto, escuro, copa aberta e de pouca folhagem. E o nome? - Ninguém sabe. A perder de vista, por todos os lados, parecem plantadas, já que a distância entre os pés varia pouco.

Planície, retas imensas, o trem corre sem embaraços sobre um leito sem pedras. A poeira avermelhada muda a coloração da farda.

Miranda, Aquidauana com jeito de cidade. No mais, paradas e mais paradas resumindo-se à estação, um rancho, nem um pedaço de terra cultivada.

Em dois carros especiais, de segunda classe, segue a companhia que vai desfilir no Dia da Pátria. Oficiais e sargentos no vagão de primeira, comum aos demais passageiros. Distração: jogar truço ao baralho e porrinha³³, com palitos de fósforos.

Qual o sentido desta viagem, deste deslocamento de tropas para um desfile na sede da Região? O general, ainda o mesmo que nos visitou em Corumbá e sobre quem correm tantas histórias, resolveu fazer um grande desfile, com representação de cada uma das unidades sob seu comando. A companhia de Cuiabá levou dois dias em caminhões pelas estradas de pó e calor; uma tropa de cavalaria deslocou-se com seus próprios meios, dias e dias de marcha, até encontrar o trem para o embarque do pessoal e animais. Haverá coerência em tudo isto? E para quê? - O povo aplaude, o capitão abate a espada, o general faz continência e, em poucos minutos, tudo acabado.

Qual foi o preço de tudo? Sem querer, veio-me à lembrança um alojamento do 17º B.C. Camas sem lona, soldados dormindo no cimento.

Um comandante de companhia deu a idéia:

- Cada soldado que remendar uma lona, fica sendo seu proprietário.

72

Campo Grande é uma cidade de ruas largas, asfaltadas, imensas, casas de um só pavimento. Lembra as cidades americanas do oeste, vistas no cinema. E também aparências com o Nordeste: numa banca de jornais, grande quantidade de literatura de cordel. Três cinemas, boas livrarias (encontre o último livro de Jorge Amado), hotéis, restaurantes, bares, inclusive um com orquestra.

³³ PORRINHA: jogo em que os parceiros encerram na mão certo número (entre 0 e 3) de moedas ou palitos de fósforos, jogo de palitinhos. In: *Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

Na rua, militares e militares. De toda parte, Exército, Marinha de Ladário, Aeronáutica da Base, que aqui tem sede.

Maior defeito de Campo Grande: falta de luz. Mal anoitece, apaga-se tudo e as geladeiras servem de enfeite. O jantar no restaurante foi servido à luz de velas. Outro motivo de angústia: a poeira vermelha. O dinheiro muda de cor, a roupa, a nossa própria cor se modifica. Por causa disso, a cidade tem o apelido de Cidade Morena. Como em Corumbá é cidade branca, em razão do pó calcário. Quanto a Cuiabá, não poderia ficar atrás: é a Cidade Verde, sem pó mas habitada por palmeiras.

No principal cruzamento do centro, Rua 14 de Julho com Av. Epitácio Pessoa, uma espécie de parque de diversões com "pescaria" de brindes, lançamento de argolas nas prendas e, ao fundo, uma grande roda vertical, iluminada com lâmpadas de todas as cores, girando, girando.

- Jogo feito!

Uma roleta em plena via pública, fichas a bom preço, sob o patrocínio da Igreja que quer construir uma catedral. A catedral em construção que se encontra em todas as cidades por onde se passa e garante a sobrevivência da Instituição.

73

O vigor da idade garante tudo. Um número, uniforme, a ordem-unida que despersonaliza, a transitoriedade do tempo de serviço militar - como explicar o entusiasmo dos soldados com o sucesso do desfile do dia 7? Conscientes, alegres, o melhor esforço, toda a boa vontade, a parada parecia um problema pessoal de cada um, todos procurando resolvê-lo da melhor forma possível.

E acaba a gente ficando comovido.

74

Na noite do dia 7 houve o baile de gala para a inauguração do Círculo Militar. Parece que todo o movimento da tropa foi para dar brilho ao fim do dia. Até soldados com uniformes dos Dragões da Independência, guarnecendo a entrada.

No meio da festa foi anunciado um número de dança clássica pela bailarina de Corumbá que viera especialmente para isto. Como a orquestra não conhecia a música, foi posto um disco na eletrola. Enguiçou o disco e a bailarina ficou aflita no meio do salão, todos nervosos com o incidente. Imediatamente um oficial correu à eletrola para tentar consertá-la mas a demora exasperou a dançarina que se aproximou do oficial:

- O senhor é um cavalo!

A leveza do traje, a graça da moça, nada mais pôde salvá-la da vulgaridade.

75

Voltamos a Corumbá dia 10. Estivemos hospedados na Companhia de Comunicações, os oficiais na Biblioteca da Unidade. Como choveu e fez frio alguns dias, aproveitei para folhear alguns livros e ler "Gabriela, Cravo e Canela", que havia comprado.

O que mais me impressionou em Campo Grande não foi a cidade, a falta de luz, a poeira, o esforço, nem a despesa para a concentração da tropa. Foi um pijama branco.

Estava já na cama, lendo antes de dormir, quando entrou o menor dos oficiais, em estatura, vestido com o pijama branco. Se tivesse entrado uma freira fumando charuto, minha surpresa não seria maior. O capitão é dessas pessoas secas, duras, falando sempre na primeira pessoa, ríspido e intransigente. Pois o pijama adoçava-o. De flanela branca, blusa à moda russa fechada no pescoço, trazia no bolso, bordado em linha azul: "Soy de ella".

Imediatamente imaginei-o criança de colo, babador debruado a cadarço de seda, bem viva a inscrição "Não me beije".

Casado com uma boliviana, eis como revelou sua docilidade.

76

Há mais de um mês mandei fazer um móvel no quartel que causou espécie porque eu o queria preto. Uma divisão para encaixar o rádio e o toca-disco e algumas prateleiras para discos e livros. Quando

chegou, o rádio não coube na divisão. Enganei-me na medida por questão de milímetros e o móvel voltou para ser reformado. Minha irritação aumentou quando o ordenança disse que não adiantava me aborrecer e que o único remédio era rir.

Afinal, nem adianta ter o móvel porque a corrente é péssima na Av. Rondon e o toca-discos varia de rotação a ponto de não se saber qual seria a certa. Às vezes pára, como um boi cansado.

77

Impõe-se rever o La Barranca.

A solidão deste exílio pesa demais. Aos poucos fui esgotando as boas intenções, os bons propósitos. Mesmo a este Diário tenho sido infiel. As anotações quase diárias começam a espaçar-se e sei que chegará o tempo em que o abandonarei por completo.

O La Barranca é o resumo de uma coisa impossível chamada fraternidade universal. Todos são iguais perante a morte. O La Barranca é um cemitério vivo. Porque reúne a todos. Porque faz-se uma pausa entre os problemas de um dia - que obrigatoriamente prosseguirão no outro - e nos sentamos ao lado do enigma ainda não solucionado, fazendo uma concessão que em qualquer outro lugar do mundo seria absurdo. O La Barranca é um exemplo de tregua. Dois inimigos naufragados juntos terão de conversar até que haja platéia para a solução da rixa. Os freqüentadores do La Barranca são sobreviventes de um avião que se esfacelou contra os Andes. São passageiros de um navio com várias proas, impossibilitados de orientar o leme.

Impõe-se rever o La Barranca. Lá a solidão se exerce em toda a sua plenitude.

Está o soldado que você vai punir amanhã e ainda não sabe; o capitão que você detesta e aquele que o estima; o sargento relapso e o eficiente. A moça que te atende na loja de discos e a empregada do major dançam no mesmo salão que a dama da mais alta sociedade, da chamada "aristocracia bovina". O rapaz do contrabaixo de cordas encontrei-o fardado de sargento fuzileiro, em Campo Grande e o mulato cantor também é sargento da mesma corporação e aquele magro alto é o cabo da Aeronáutica, o único dessa Força que serve em Corumbá.

O La Barranca é o bar mais democrata do mundo.
Merece um poema... de quem?

78

E hoje, domingo, que dizer?

Manhã escura e fria, saio pela Avenida General Rondon. O vento, desfazendo copas ontem vistas tranqüilas, põe assombrações insuspeitadas nas árvores. Na esquina, o bouganville é uma montanha lilás desfeita em nuvens. As palmeiras reais perdem um pouco sua majestade e o fôlego das copas é aflito.

Vou tomar café na Americana. Que farei de todas as horas deste dia?

79

O tenente médico é uma figura curiosa. Paraibano baixinho, cabelo ralo e carapinha, ri com uma facilidade espantosa, sacudindo todo o corpo. Usa óculos de aro de tartaruga e fez o curso de medicina enquanto era sargento identificador do Exército. Simpático a todos, chamam-no de doutorzinho e "meu chapinha" - tratamento amigável e não depreciativo.

No convívio diário deste casarão colonial, descubro características inesperadas. O homem tem estranho método de vida, essas pequeninas coisas que nos definem melhor que os arroubos públicos. Pretende casar (aliás, chegou a Corumbá com essa intenção, sempre protelada), razão por que não tem móveis, salvo uma cama de solteiro e algumas cadeiras velhas, enfileiradas ao lado da cama - muralha de seu bem-estar e comodismo. Nelas deposita livros, roupas, o rádio de cabeceira.

Há também uma coisa que serve de guarda-roupa: algumas tábuas cobertas com um lençol. Não tem o hábito da ordem, no que se filia à grande família dos solteiros, mas um pormenor insignificante chamou-me a atenção. Todas as madrugadas o despertador toca, ele o trava e, em seguida, guarda-o na mala, antes de sairmos para o quartel.

- É por causa da poeira, explicou-me.

Para o consultório, que funciona na sala da frente, comprou alguma coisa: birô, estante, biombo. O resto trouxe da enfermaria do quartel.

As economias serão enormes, se o casamento demorar muito a sair. Acredito que se revestirá da maior pompa, na Candelária, com tapetes, multidão de velas, orquestra e coro.

80

Visita à Fábrica de Cimento Portland Corumbá.

Da chegada dos caminhões com o calcário bruto até ao carregamento de vagões com os sacos rotulados, tudo foi visto em detalhes, o engenheiro cortês e competente explicando as menores coisas.

Clinque. Palavra incorporada hoje a meu vocabulário. De origem inglesa, abrasileirada, exprime as bolinhas verdes resultantes da mistura do calcário pelo forno de secagem, recebendo à boca um jato de fogo e 1500 graus celsius.

O engenheiro explica que o nome Portland, dado ao cimento resultante desse processo, é puro mistério do descobridor. Porque na cidade inglesa de Portland existem muitas pedras verdes semelhantes ao clinque resultante da combustão. Pois o clinque já é quase cimento. Basta triturá-lo e misturá-lo ao gesso (gipsita), na proporção de 97% de clinque para 3% de gesso e se tem o produto pronto a ensacar e vender.

O calcário e a argila, misturados na relação de 4 para 1, são retirados das margens do Paraguai. A gipsita vem de Pernambuco, via marítima até Santos onde baldeia para a ferrovia que a traz a Corumbá.

- Aqui pertinho, na Bolívia, existe gipsita. Mas as leis proibem a importação.

Tudo nacional, mesmo o combustível que sobe de Cubatão pela Noroeste do Brasil, salvo os sacos de papel. Não propriamente os sacos, cujo papel também é brasileiro, mas a patente pertence a uma firma americana e só ela os vende para todo o Brasil.

A instalação da fábrica em Mato Grosso foi um golpe de audácia. Temia-se falta de mercado. Mas - fato que o engenheiro não soube ou não quis explicar - o cimento daqui é mais barato que o de São Paulo e São Paulo supre-se em Corumbá. Também os países limítrofes começam a interessar-se e a audácia deu resultado, desde que saiu o primeiro saco, em novembro de 1955, até sua produção atual de 250 toneladas diárias.

Todos os setores da fábrica estavam em funcionamento, inclusive usina termo-elétrica própria (que poderia fornecer energia à toda a cidade, com vantagens sobre a usina municipal), estação de purificação de água, silos, depósitos, forno, ensacamento. Grande área é ocupada com tudo isto e não me lembro de ter visto vinte pessoas. O equipamento é moderno, automático e os funcionários lá estão apenas para controlar os aparelhos e medidores. Num regime de 24 horas de trabalho diário, a fábrica emprega pouco mais de 200 homens, a maior parte no trabalho braçal das jazidas e transporte dos minérios.

Surpreende-me a ausência de poeira. É que o material, quando não tratado por via úmida, desloca-se por tubulações ou rampas ao abrigo do vento. Além disso, conforme explica o engenheiro, a argila de Corumbá é extremamente plástica, vantagem que oferece sobre as demais argilas do país.

Já na despedida perguntei se o calcário não ataca o organismo humano. Falou-me então em silicose, amiga da tuberculose, resultante da respiração continuada do pó das pedreiras. Nenhum caso registrado. O trabalho é feito a céu aberto e a natureza encarrega-se de defender o homem.

81

Fim de semana movimentado com baile e piquenique.

Nos salões de Corumbaense, modernos e inacabados, realizou-se sábado a Festa da Primavera, com desfile de penteados. A sociedade local adora desfiles de moda. A propósito de tudo, arma-se a passarela. As cantoras de rádio aparecem por aqui, trazem sempre seu guarda-roupa, que as moças vestem para exibi-los no palco. Se há jogo de bingo, no intervalo desfilam os modelos em voga.

De penteados, jamais havia visto. É estranhíssimo. Apagam-se as luzes e no círculo luminoso do holofote aparece uma cabeça penteada que volteia para a assistência julgar. O dramático da cena, por vezes fantasmagórica: as moças estão cobertas por uma capa preta para realçar apenas a cabeleira. Em seguida, soltam a capa e descem à passarela para exibir o

vestido que é anunciado pelo microfone: Champanhota, Sedução, Sinfonia, Alvorada...

O pique-nique foi no domingo. Patrocinado pelo Batalhão no Destacamento de Posto Esdras. Motivos: promoção de Aspirantes a Segundo-Tenentes, aniversário de Corumbá, Dia da Árvore, conagração das Forças Armadas. De tudo isto resultou uma boa brincadeira com sarrabulhos, orquestra, chope, sarrabalho, almirante, general, coronel, etc, etc, soldados.

Um dos soldados embriagou-se e foi mergulhado no riacho Conceição - divisã com a Bolívia - para recuperar-se, ao mesmo tempo que a loura bailarina, que fez feio em Campo Grande, banhava-se de maiô azul.

82

Se você não quiser ir de avião a Cuiabá, poderá ir de navio pelo rio Paraguai. Mas há uma coisa que não entendo. Agora que por aqui o rio está transbordando, nas cabeceiras é época de baixio e as embarcações não atingem a capital. Há baldeação no último trecho para uma estrada de rodagem.

O Paraguai é extremamente sinuoso. Sucedem-se curvas e curvas em S, o que se explica pela natureza do solo. Conta-se que em determinado trecho a curva é tão grande que o navio leva duas horas para vencê-la. Então há passageiros que preferem descer e atravessar a terra plana, esperando o barco na parada seguinte.

83

A política ferve em Corumbá. Faixas e cartazes pelas ruas, discurso pelo rádio, comícios todas as noites na praça central.

Os candidatos dão condução ao povo, caminhões abertos em que os eleitores viajam aos vivas, na maioria crianças, habitantes do bairro pobre das Casas Populares. E há também passeatas com ciclistas, banda de música, foguetes.

- Conheço fulano há 35 anos e ainda não pude saber se é homem ou mulher - ataca um candidato a vereador.

No dia seguinte o revide:

- Beltrano, que me conhece há 35 anos, diz que não sabe se sou homem ou mulher. Por que não pergunta à filha que me conhece há menos tempo e não tem dúvidas?

Outro é sincero:

- Botarei mais vinte professores em Corumbá, para que os filhos de vocês não fiquem analfabetos como eu!

Minha lavadeira já sabe em quem vai votar "porque foi meu patrão e sempre me tratou bem".

Um candidato do PTB assina um soneto de sua autoria que se conclui:

"Busque um amigo sincero e pacato
Eu, por exemplo, o seu candidato
Às urnas para vereador".

84

Volto às funções de subcomandante e novamente entro em contato com o livro de partes do Oficial de Dia e as confusões dos soldados.

Hoje, dois casos curiosos:

Um soldado aventurou-se para a zona do meretrício e bebeu demais. Não tinha dinheiro para pagar e decidiu brigar. Em dado momento, puxa um revólver e estabelece verdadeiro pandemônio no cabaré. Eis como se encerra a narração do oficial: "Anexo, um revólver de brinquedo com que a praça intimidou as mulheres". Examinou a arma perigosa, desses revólveres de alumínio para espoletas de papel.

Já havia tocado silêncio quando o oficial é chamado para resolver um caso inusitado. Estranho barulho saía da caixa d'água, que se alça a dez metros do solo, nos fundos do quartel. O tenente grita, assobia, apita e o ruído prossegue. Decide-se a subir os degraus de ferro e quanto mais se aproxima mais se convence de que há gente na caixa d'água. Por fim, lanterna acesa nas alturas dá com cinco soldados tomando banho. Como faltou água, resolveram transformar a caixa em piscina.

Aproxima-se a data do licenciamento e vai ficando difícil manter quietos os dezenove anos da soldadesca.

85

27 de setembro, 7 meses de Corumbá.

O panorama é o seguinte:

Falta luz desde ontem e dizem que depois das eleições fallará por 30 dias. É de enlouquecer. A gritaria de política não pára. Volta e meia passa um carro com alto-falante.

O calor recomeçou. Suor e mais suor.

Continuo quebrando cabeça no subcomando do Batalhão. Fase horrível, diariamente partes e mais partes, tudo que é soldado dando alteração, eu punindo todo o mundo, irritado, o xadrez cheio.

Foi expulso um soldado (aquele do revólver de brinquedo), perante o Batalhão formado, toque de caixa, todos esses requintes medievais para ver se o estado disciplinar melhora. Não há mais instrução a dar e os soldados, sem ter o que fazer ou percebendo a inutilidade de seus dias no quartel, tomam porres, quebram a zona do meretrício, criam confusões com a polícia e eu - eu! - devo julgar e punir. É o fim!

Para maior complicação, devo fazer um trabalho sobre as indústrias de Corumbá e seus reflexos na economia de Mato Grosso. Visitas demoradas à fábrica de cimento, às jazidas de ferro e manganês, ao moinho de trigo, à siderurgia. Enfim, vai-me permitir acrescentar alguma coisa interessante a este Diário.

86

Rumo a Urucum, quatro pessoas no Chevrolet: o americano na direção, o coronel a seu lado, um major médico e eu.

Depois de 20 quilômetros de estrada em terreno plano, o chão se avermelha e começa a subida de 5 km para as jazidas de ferro e de manganês. A estrada é toda em curvas fechadas como a da Gávea e, em degraus sucessivos abertos no terreno, ficam as instalações: conjunto residencial para os operários casados, depois os pequenos apartamentos e refeitório comum para os solteiros, a residência do encarregado geral dos serviços (um sueco), o escritório da firma no último degrau.

Em redor, panorama cada vez mais grandioso, o horizonte ampliando-se com a ascensão. Bem próximo, o morro Tromba dos Macacos, mais além uma grande lagoa, depois as elevações de Jacadigo, fronteira com a Bolívia, também ricas em manganês. Para o sul,

planuras sem fim, perturbadas repentinamente por alturas isoladas, na direção de Forte Coimbra.

- Quando o dia é claro, vê-se Coimbra, diz o major. Hoje a bruma não deixa.

O maciço do Urucum é formado de várias elevações, riqueza incalculável em minério de ferro e manganês. A estrada é aberta no minério, solo vermelho queimado, ou marrom, as pedras pesadas em forma de sólidos quase regulares.

A 750 metros de altitude (Corumbá fica a 150m) encontram-se as jazidas de manganês, grossa fatia negra de 3 a 5 metros de altura, comprimida entre o minério de ferro em toda a extensão do morro.

- Sanduíche de manganês e ferro, brinca o engenheiro brasileiro.

Visitamos a galeria em exploração, 120 metros de túnel cavado na rocha negra. Escuridão completa.

- É melhor seguir entre os trilhos.

Aos poucos foram-nos passando lampiões a queresone e a luz fraca mal iluminava o corredor por onde saem as vagonetas cheias de minério que é cortado pelo processo mais rudimentar: a picareta. Ao fim do túnel, alguns homens enchendo uma vagoneta. Atmosfera quase irrespirável. Seis horas ali dentro! O engenheiro explica:

- Já temos dois compressores prontos a funcionar e um gerador dependendo do embasamento. Aí teremos ar e luz, melhores condições de trabalho.

Na volta, à luz das lanternas, viam-se alguns homens encostados à parede para dar passagem. A bem dizer, viam-se apenas o branco e o brilho dos olhos desses pobres homens.

Fora, o ar puro de Urucum, a temperatura fresca, em contraste com a cidade.

A firma abriu apenas a galeria que visitamos. Ainda não está aparelhada para a exploração em grande escala. Chama-se Sobramil, Sociedade Brasileira de Mineração Limitada e é filiada à United States Steel Corporation.

Em construção, também há silos, dando para uma esplanada a 740 metros, onde os caminhões são carregados para o transporte até ao cais, no rio Paraguai. Daí, em chatas da empresa, pelo rio até ao Atlântico e do Atlântico para os Estados Unidos.

Vimos as antigas galerias, exploradas inicialmente pelos belgas, depois pelo grupo Chamma, também interessado na atual exploração. Dessas galerias o manganês foi retirado ainda de forma mais precária, se

bem que mais humana. As escavações não são profundas, abrem-se em labirintos, pilares do minério impedindo o desabamento, tudo iluminado à luz do dia. Foram retiradas 60 mil toneladas, até 1944, quando a exploração foi suspensa.

Mas é preciso falar no americano, Mister Ruschel, representante da U.S. Stell. Fala péssimo português e permaneceu calado a maior parte do tempo, mal compreendendo as perguntas, pior respondendo.

- Temos manganês também em Lafaiete, Minas Gerais, disse ele.

Pois só nessa cidade esteve três anos e meio e não teve tempo de aprender nossa língua.

Prestou alguns esclarecimentos: o arrendamento das jazidas foi pelo prazo de 50 anos, podendo ser prorrogado por mais 30 (como acontece no Amapá). Lastimou-se que a Alfândega de Santos crie tantos embaraços para liberar o material importado e não contou com muita satisfação que os pneus para os caminhões tiveram de ser brasileiros.

87

Estava de viagem marcada para o Rio dia 6 de outubro mas, como nada se decide sobre a saída do livro, cancelei. É melhor esperar até 15 de dezembro, quando pretendo entrar em férias.

Até anteontem, o calor esteve insuportável. Não conseguia dormir com os mosquitos e o suor. Ontem virou e esfriou. Tive de dormir de cobertor. Hoje está uma ventania maluca.

Mário Faustino não me escreve desde a volta do Rio. Além de Ruth, o único que me escreve com regularidade espantosa é o Walter. Conta tudo sobre cinema, teatro, música, dá notícia de todos e manda poesias de Drummond.

Em sua última carta diz que está morando em clima de montanha, isto é, na Glória. E lembrei-me da história da cabra de Monsieur Seguin, de Daudet³⁴. Vale pelo final: o que importa é que a cabra fez o que quis, embora sabendo que seria destruída. Comeu da grama verde, brincou com as cabras selvagens, lutou com o lobo o mais que pôde. E foi destruída. Mas fez o que queria fazer.

³⁴ Em 1992, pouco antes de sua morte, Harry Laus lançou o conto *Sentinela do Nada* influenciado pelo mesmo conto de Daudet.

Quanto a mim, desde que cheguei a esta terra não consigo nem sequer resolver o contento o problema da moradia. Com todos os pesares, o açougue era bom e não devia ter saído de lá precipitadamente. Porque agora não tenho mais liberdade. Porque me sinto um intruso. Porque o doutorzinho, aos poucos, vai-me hostilizando. Começaram a chegar os móveis para o casamento e a encher-se a casa. Hoje amontoou tudo junto a uma das portas de saída que ficou trancada. Há um trambolho de uma mesa de jantar, um colchão de molas, um estrado de cama, tudo exatamente no lugar onde eu gostava de ficar.

88

Era uma vez um padre que desejava ir para o céu pela mortificação do estômago. Limitava as refeições à maçã, única e sem casca, que a esta jogava num riacho ao fundo da casa.

Para distrair ou enriquecer o espírito foi, pálido e fraco, visitar outro monge que também se mortificava. Mas não comia maçãs, comia as cascas que desciam pelo riacho.

Eis a história que me contou hoje o tenente dentista que acaba de regressar do Forte Coimbra, onde foi passar visita dentária na tropa que está sem oficial especializado. Perguntei-lhe se o gabinete dentário de lá é melhor do que o nosso, em péssimo estado enquanto se aguarda o novo que virá para a enfermaria em construção.

- É como a história do padre que comia apenas uma maçã por dia, respondeu.

Como não entendesse, contou a história e acrescentou:

- Também voltei envergonhado porque o sacrifício lá ainda é maior do que o nosso do 17º B.C.

89

Estive em visita à Siderurgia, como é conhecida a Sociedade Brasileira de Siderurgia S.A. instalada em Corumbá pelo grupo Jaffet.

O minério, encontrado à flor da terra em Urucum, é transportado por frota própria de caminhões. No alto-forno (apenas um), o minério é reduzido por carvão

vegetal, fazendo-se a corrida do gusa em moldes de areia e utilizando-se calcáreo como fundente.

A usina foi construída de 1943 a 1946 com uma capacidade de produzir 45 toneladas de ferro, diariamente. Até agora não foi alterada a capacidade de produção, embora haja planos para isto.

A produção é quase totalmente colocada nos mercados paulistas.

Para possibilitar a conclusão do trabalho sobre as indústrias de Corumbá, também estive no Moinho Matogrossense S.A. É moderno, equipado com material suíço, e sua construção foi executada entre 1952 e 1955. Sua capacidade de produção (farinha e massas) é de 60 toneladas diárias.

A matéria prima, proveniente da Argentina e do Rio Grande do Sul, chega ao moinho, instalado próximo ao porto da cidade, em navios do Serviço de Navegação da Bacia do Prata.

Toda produção é consumida pelo próprio estado.

90

Notícia alvissareira: o coronel diretor da Biblioteca do Exército escreveu-me convidando a servir como secretário de sua repartição. Respondi hoje mesmo aceitando. É bem verdade que a transferência só poderá sair em março de 1959 (estamos em outubro), mas já é uma grande esperança.

A carta do coronel chegou num momento **particularmente** difícil e foi um alívio. Chovia intensamente e o "convento" virou catarata. Não há metro quadrado sem goteiras. Consegui a caro custo localizar a mesa entre duas para escrever.

Não sei como o doutorzinho vai trazer a moça do Rio para este inferno.

91

Para concluir o trabalho sobre as indústrias de Corumbá, resolvi consultar a biblioteca do major médico da 2ª Brigada Mista, estudioso de história e geografia. É uma pessoa inteligente, matogrossense e, acima de tudo, paciente. A conclusão é fácil de se tirar: ando às voltas com uma cópia manuscrita - mais de 400

páginas! - feita pelo major de estudos geológicos publicados em livros em 1909.

E no livro de Miguel Arrojado Lisboa, sobre as jazidas de manganês e ferro em Urucum, encontro este trecho sobre a descoberta e fundação de Corumbá:

"Deve-se essa escolha oportuna, que firmou o nosso domínio e limites na margem direita do Paraguai, ao cumprimento de ordens de capitão-general Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres pelo sargento-mor Marcelino Roiz camponês que, em 21 de setembro de 1778, fez levantar uma cruz de madeira, limpar o terreno, fazer quartel, acender fogo, caçar nos matos vizinhos, pescar no rio e passear de uma parte a outra do terreno, dizendo em vozes altas, conforme o uso da época:

- Viva o rei de Portugal!"

92

Hoje, 31 de outubro, chegaram 8 exemplares de meu livro. Estou muito contente mas no ar sobre se o livro já está nas livrarias ou quando será lançado. O pacote chegou sem bilhete para me dizer alguma coisa. Telegrafei ao Carlos Ribeiro pedindo alguma informação, ao Renard Perez agradecendo as "orelhas" que ficaram ótimas, ao Luiz Canabrava pela bela capa.

Estou com uma vontade danada de chorar. Ninguém aqui perto de mim pode participar do que sinto. Aos poucos o sentimentalismo entrou, meteu-se do meio, cutucou lá no fundo e desejei abraçar alguém e me esparramar em lágrimas. Quando criança eu não podia compreender que minha mãe chorasse de alegria, com a chegada de um filho que estivesse longe. Hoje nós dois choraríamos juntos sem a menor dificuldade.

O livro está ali olhando para mim é um conforto tão grande.

Mas estar sozinho, sem ninguém para rir com a gente, chorar com a gente, ficar prosa, orgulhoso, envergonhado. Comecei uma carta para Ruth mas não deu para continuar. Fui lavar a cara. Com medo de que o doutor me visse chorando, deitei-me e fechei os olhos. Mais calmo, concluí a carta e comecei outra para Walter. Tive de parar novamente.

São três horas da tarde, um sol enorme. Pois estou com vontade de me arrumar e sair, tomar qualquer coisa mesmo sozinho e dizer para todos na rua que

meu livro saiu. De tanto esperá-lo, pensei recebê-lo sem entusiasmo. Fiquei mesmo algumas horas com ele no quartel, muito ocupado em resolver os probleminhas de subcomandante, sem a menor comoção, embora orgulhoso porque um sargento logo viu e pediu um, da mesma forma um soldado, um cabo, diversos oficiais.

Depois do almoço, deitei-me um pouco mas não consegui dormir. Levantei-me para escrever as cartas e o sentimento explodiu. Só mesmo um avião a jato, um foguete interplanetário ou um disco voador para me botar agora junto de meus amigos, dos que me conhecem e podem me compreender.

93

Começaram a florir os flamboyants de Corumbá.

De vez em quando surge em nossa frente uma árvore estourada de vermelho. Estive olhando as flores de perto. São metidas a orquídea, com uma pétala maior, pendente e esbranquiçada.

94

Morreu um soldado no rio Paraguai. Foi nadar e desapareceu sob uma lancha da Companhia de Mineração. Era domingo de manhã e tive de tomar várias providências: ida ao quartel, ao local do acidente, à Base de Ladário falar com o Almirante para pedir socorros e providenciar buscas.

Era um rapaz cheio de vida, a cara aberta, a confiança no mundo.

O cadáver apareceu na segunda-feira. Horrível. Nada mais tinha do menino cheio de coragem e beleza. O enterro foi feito no mesmo dia, às pressas, porque ele apodrecia.

E dizer que Corumbá está toda florida de flamboyants!

95

Dia intenso no quartel.

Os aspirantes da reserva vão embora amanhã e houve despedidas, elogios, discursos, tudo muito pró-forma, mas a vida militar é assim mesmo.

Fui procurado por uma multidão de soldados em vésperas de licenciamento. Um quer ir, outro quer ficar e como tranquei o problema nas minhas mãos, com um Plano que só eu entendo, tenho que resolver pessoalmente todos os casos e dúvidas.

O doutorzinho resolveu casar mesmo e está pintando tudo de verde. Há latas por todos os cantos e a sujeita é enorme. Estou escrevendo no pequeno pátio do fundo - onde há mamoeiro e dois pés de fruta de conde - para evitar uma latada de óleo na cabeça.

O calor é tão grande que o soldado pintor pediu permissão para trabalhar de cuecas.

96

Corumbá está mais ensangüentada que a Praça Vermelha em 1917.

Os flamboyants estão florindo assustadoramente. Todos os dias com seus gritos a entrar pelos olhos da gente. Não canso de olhar, de longe, de perto.

Em todas as ruas a certeza agradável de sua presença.

97

Acabo de mudar-me, isto é, mudar minha série de coisas de uma para outra peça. Continuam a chegar os móveis do doutor e a saleta onde ficava o toca-discos, mais estante e mesa, ficou superlotada. Hoje veio mais coisa e mudei-me para o quarto. Agora, numa peça só, temos duas camas, dois guarda-roupas, duas estantes, a eletrola (?), diversas mesinhas cadeiras, caixotes, etc.

Mas isto não importa. O que conta é que ninguém me escreve. Vivo em função da volta do soldado estafeta que nada traz. É um inferno porque não posso fazer planos, estabelecer minha ida ao Rio para o lançamento do livro.

Domingo aconteceu uma coisa completamente louca: um almoço fluvial. Trezentas ou mais pessoas dentro de um navio, Paraguai acima e abaixo, em benefício do Aéreo Clube. Acontece que demoraram muito a servir o almoço e quase houve motim em alto rio. Era engraçado e ridículo ver a multidão faminta disputando pratos de comida pelos corredores apertados do navio.

Mais estranho ainda é que, volta e meia, o barco atracava para renovar o estoque de bebidas e ninguém descia.

A duras penas, o prato atingiu-me, sem talher. Tive de comer com os dedos até que a irritação me fez lançar prato e tudo para dentro do rio.

98

Muito tempo sem escrever neste Diário.

Entrei de férias a 27 de novembro e estive no Rio até 5 de janeiro de 1959, ampliando os 30 dias normais com mais uma dispensa de 8 dias.

O livro foi lançado a 11 de dezembro, na livraria São José. Tratei de minha transferência, sem nada de muito positivo e tive de deixar o apartamento com outro amigo porque o tenente foi com o Batalhão Suez para o Egito.

É preciso dizer que me mudei mais uma vez, novamente para a Enfermaria do Quartel. Recapitulemos: tentativa de morar no Hotel Venizelos, logo à chegada, a 28 de fevereiro de 1958, alguns dias no Grande Hotel, mudança para a Enfermaria do Quartel, açougue da Rua Delamare, o mosteiro com o doutorzinho, volta à Enfermaria que pretendo seja a última andança até que chegue minha transferência.

O doutor casou-se e não poderia ficar mais com ele. Como estou por pouco tempo na cidade - é o que espero - o coronel permitiu minha permanência na Enfermaria. E há uma vantagem; luz de 18:30 às 22:30, pois há um motor em funcionamento neste horário para atender à Enfermaria e às residências dos oficiais que ficam próximas.

A cidade está maravilhosamente às escuras há quase um mês e o povo parece completamente acostumado. Dos dois cinemas, um já cerrou suas portas porque o motor não agüenta. Há dois ou três bares com luz elétrica, outros com lampiões a queresone, luz elétrica também no único restaurante do "maior parque industrial de Mato Grosso".

99

O quartel recebe novos recrutas. É preciso esquecer caras, palavras, conhecimentos, afeições e recomeçar tudo de novo.

Eles chegam tímidos e desengonçados. Aos poucos, com a educação física - que a maioria nunca recebeu racionalmente, e a ordem-unida, o corpo se apruma, os olhos se acendem e o sorriso se abre. Deram um passo na compreensão ou cogitação de vários problemas de cuja existência nem suspeitavam.

A vida familiar substitui-se pela convivência sem preconceitos da coletividade masculina. Há o confronto obrigatório com uma gama complexa de caracteres, o exame, a seleção, a escolha do caminho moral a seguir. Não acredito em reformatórios nem o Exército pretende sê-lo. A disciplina militar cria obrigações apenas dentro do quartel e nas ligações externas que tenham relação direta com os regulamentos. No mais, o soldado é livre, muito mais livre do que era em casa, e experimenta essa liberdade de acordo com suas tendências naturais. As boas ou más influências não as adquire no quartel - nem há tempo para tanto. Apenas amplia a noção de camaradagem, de fraternidade, procurando semelhanças que melhor se acomodem a seu espírito.

Nunca se vê na rua, passeando juntos, o chamado mau elemento com um bom elemento. A triagem é feita naturalmente e, mais tarde, quando estão no domínio completo do ambiente e sua inteligência está capacitada a orientar os impulsos sentimentais próprios da idade juvenil, raramente um³⁵ recruta de boa conduta envolve-se em complicações com outro de má conduta.

Formam-se as amizades dentro dos próprios círculos de formação: o telefonista anda com o telefonista, o rancheiro com o rancheiro, o ordenança com o ordenança. E também se forma uma coisa³⁶ chamada espírito de corpo, que tão bem se revela nas competições esportivas. O amor ao pelotão, à companhia, ao seu batalhão.

A rotina e a irritante monotonia do quartel será depois lembrada com saudade. Nos encontros futuros com antigos companheiros de serviço militar as marchas pesadas e os acampamentos, os apelidos dados a oficiais e sargentos, aos colegas, as próprias punições recebidas, tudo é lembrado com alegria.

Quando o soldado recebe o certificado de reservista, sai um homem enriquecido.

³⁵ Em favor da correção e da clareza, optou-se por reescrever esta parte, no original encontramos: "um bom-conduta envolve-se em complicações com um má-conduta".

³⁶ coisa ||grandiosa||

100

Corumbá sem luz há 51 dias. A usina está quebrada. A água é escassa em toda a cidade e não chega à Enfermaria. Meu ordenança Simão consegue água não sei onde, e enche todos os dias um tonel que foi posto no banheiro. Tomo banho como no Nordeste, de coité.

Não tenho vontade de escrever. Leio. Li uma beleza chamada *Os Doze Noturnos de Holanda*, de Cecilia Meirelles.

101

Ontem almocei em casa de uma mulher que deixou o marido por um preto analfabeto, pedreiro e boxeur. O outro era advogado, deputado federal, homem de cultura. Há livros e mais livros colocados na estante, de cabeça para baixo. É uma coisa tão estúpida e incompreensível que dá vontade de chorar. A solução de um caso assim só pode ser a loucura. O contraste entre os dois é dos mais extravagantes. Creio que daria um bom conto. Ela mantém restos de civilização: serviu uisque, vinho português, licor francês. A impressão de decadência ainda não se desfez em minha mente.

Todos os meus correspondentes silenciaram.

Este último mês em Corumbá (assim seja) tem sido difícil de suportar como alguns dos primeiros. Sinto-me só, com vontade de ir embora... para onde?

Escrevi ao coronel do Rio lembrando-lhe o prometido, como havíamos combinado, e espero ansioso uma resposta qualquer.

Recebi de São Paulo uma crítica de meu livro, escrita pelo Ricardo Ramos. É tão elogiosa que fiquei envergonhado.

102

Passou fevereiro e entrou março sem a transferência. Não suporto mais esta indecisão. Se é que não vou embora, digam logo que a expectativa e a dúvida me arrebatam.

Amanhã é dia de reboição no Quartel. Chega o novo comandante da Região que vem aqui pela primeira vez. O dia de hoje foi de grandes faxinas e amanhã estarei desfilando com o Batalhão.

103

Não sei o que está acontecendo com minhas cartas. Ninguém recebe, ninguém responde. Acho que o correio daqui não remete. Ele é tão arreliado que as moças que lá trabalham chegam a propalar assuntos de telegramas. Uma vez um colega meu brigou com a namorada, por telegrama, e fiquei sabendo antes que ele me contasse: contou-me outra pessoa que soube por informações da funcionária do telégrafo.

Acredito que entreguem as cartas quando bem entendam. Um telegrama do coronel da Biblioteca demorou 9 dias a chegar.

104

Finalmente, uma carta de Mário Faustino:

Desculpa a demora de alguns dias em responder à tua carta, mas ando tão cheio de trabalho agora que até isso tive de adiar. Achei a tua carta meio triste, meio ausente, desentusiasmada. Espero que tenha sido coisa passageira e que já sejas capaz de me escrever com aquela vivacidade de sempre, temperada de ironia.

Não tenho estado com nenhum de teus amigos mais chegados. Vi o Walter outro dia no Teatro Mesbla. Passava "La Strada". Hoje vou lá de novo, ver "Juventude", de Bergman. Não tenho visto nem ouvido Eneida, a não ser na TV, outro dia, na casa de Raymundo. Aliás ela estava ótima, no programa. Cada dia me convenço mais de que ela tem realmente qualquer coisa de especial e até mesmo de grande, à maneira dela.

Tenho estado algumas vezes com o Z. O. que está cada vez mais impossível. Apenas, não te preocupes com teu apartamento. Fui lá há dias e está tudo O.K., sem incidentes. Não tenho visto Ruth mas verifico, à distância, uma vez mais, que ela é uma grande, grande moça. Tenho tido longínquas idéias de Castro Y Soler (como é mesmo que se escreve o nome dele?), o qual, como deves saber, voltou para a Coty. Aliás, ocorre-me

que ele é parecidíssimo com os perfumes Coty: inútil, adocicado, afrescalhado, démodé e suburbano - suburbano internacional, mas suburbano.

Passei para estoura (!) folha porque a máquina (da Fundação; a minha é ótima) rasgou o papel. Pela semana santa provavelmente iremos a S.P.

Tenho uma grande novidade: comprei, estou comprando ainda, uma fazenda deliciosa, lindíssima, perto de Miguel Pereira, 800 metros de altura, fontes, abandonada, terra ubérrima, como se diz, logo que obtenha financiamento comprarei um pedaço ao lado quase tão grande como o que já vai ser meu. O plano é arranjar uns dois milhões de cruzeiros e transferir-me para lá. Virei ao Rio uma vez por semana, passando aqui 24 ou 48 horas, tratando dos negócios da fazenda e colocando nos jornais e revistas o material que tiver escrito.

Se tiveres alguma coisa boa - conto, reportagem, diário ou o quê - publicável de imediato, manda. Colocarei na revista SR, de que já deves ter ouvido falar, que paga 4.000 cruzeiros pelo menos e que está sendo a melhor do Brasil atualmente.

Não estou mais colaborando no Suplemento do JB. Deixei de fazê-lo quietamente. O que eu estava fazendo estava virando leviandade, por falta de estímulo, motivação, emulação. Além disso, o SDJB estava virando uma loucura. Agora sou redator, oficialmente, do Jornal do Brasil.

Vem logo que faremos grandes coisas. Mas vem, por favor, feliz e de bom humor, para que todos juntos possamos celebrar os ritos da alegria, do desafio aos prostitutos dos deuses, etc, à beira mar, Thálassa, thálassa!, com leões de areia, de espuma, de carne, de tudo.

Por favor não cubras esta carta, amiga e carinhosa, de outra coisa que não a tua compreensão. Vem logo para conversarmos. Realmente gosto muito de ti. Pelo menos de um dos que és. Vamos ser todos felizes, Fernando pessoalmente felizes, mas felizes, enfim.

Fiz um poema ABSOLUTO (não admito contradições), mas não te mando agora porque não entenderias. Leio-te aqui, quando chegares. Estou curioso para ler o que andas escrevendo. Deixa-te de preguiças e de pessimismos preguiçosos. ESCREVE, escreve cada vez com mais coragem. Não escrevas para a glória, nem para os outros, para publicar, para obter aplausos. Escreve para renovar, para realizar-te, para obter os teus próprios e os seus aplausos.

Abraça-te o teu

Mário

105

Estranha e inesperada visita aparece no quartel. Grande confusão e gritaria no Corpo da Guarda me fazem deixar o gabinete de trabalho, pensando em qualquer situação complicada. Em vez disso, encontro todos alegres, rodeando o Capitão Fiscal que vem da horta com o visitante: um tamanduá que apareceu com a enchente do rio.

Foi amarrado a uma árvore, no fundo do quartel, mas desapareceu alguns dias depois.

106

Dalton Trevisan me manda, de Curitiba, o recorte do Estado de São Paulo com a crítica de Temístocles Linhares sobre meu livro.

107

Relendo este Diário, chego à conclusão de que cometo diversas injustiças por haver omitido, sem deliberação, referências a uma porção de pessoas. Não pretendo citar nomes mas há um que se impõe. Olga. Olga é uma moça que me tem servido de companhia em Corumbá. É quem tolera meus humores, minhas alegrias, minhas depressões. Dança comigo no La Barranca e tem uma infinita paciência comigo. Recebe-me em sua casa e quando da saída do livro ofereceu-me uma festa. Ela e algumas de suas amigas são responsáveis pelos momentos mais alegres que passo nesta cidade.

Outra pessoa, de nome completamente extravagante - Nabucodonosor Baylon da Silva - merece todo o meu respeito. É o major do Batalhão que fica no comando quando o coronel se ausenta. Alto, magro e negro, tem muito do Rei Mago Baltasar. Tem também um coração de rei e a bondade de um pai.

Seria também o caso de citar diversos oficiais, sargentos, soldados. Mas dentro de alguns anos isto não terá sentido algum.

108

A Enfermaria nova está quase pronta. Fica junto ao quartel e sua sala de operações está dotada dos mais modernos aparelhos.

Finalmente, chegaram as lonas para as camas dos soldados e eles não mais terão de dormir no chão.

Também foi conseguido outro quadro negro para a Escola Barão do Rio Branco, no Posto Esdras.

E prossegue em ritmo lento a construção de novas casas para oficiais.

Aos poucos, Corumbá se prepara para enfrentar o futuro com decência.

109

Último dia de março e eu ainda em Corumbá.

Entrei com um requerimento pedindo três meses de licença mas o major me fez retirá-lo, aconselhando que espere alguns dias e prometeu-me uma dispensa para eu ir ao Rio. É o que farei se até fins de abril não der nada. Além da promessa da Biblioteca, um amigo está vendo se consegue outro lugar. Se não fôr possível o Rio, vou para a Bahia. Há portanto duas coisas imensamente certas: estarei no Rio no começo de maio e não suporto mais Corumbá, Mato Grosso, Brasil.

110

Domingo.

Acordei cedo e liguei o rádio que foi consertado para ser vendido juntamente com o toca-discos e a estante preta. Mas acontece que este radiozinho me acompanha há mais de dez anos e fico com pena de me desfazer dele. Talvez por não ter a quem me afeiçoar, afeiçoar-me a coisas, ao pobre rádio que me tem dado músicas desde Porto Alegre. Será que encontro bom comprador? Acabo dando o resto de presente e levando meu amigo de volta.

Há também o caso de um par de meias. Chavadinhas de azul e preto, carijós, estão rasgadas e cadê coragem de botar fora? Escondo o rasgão e saio com elas assim mesmo. Sempre imagino que podem inventar aquela

brincadeira idiota de tirar o sapato, nas festas, e vê só a cara com que vou ficar!

111

Recebo telegrama do Diretor da Biblioteca do Exército informando que o Ministro assinou minha transferência. Ao mesmo tempo Ruth informa que está em andamento minha transferência para a Diretoria de Armamento. É pena. Talvez fosse melhor. Mas agora não pode haver modificação. Basta esperar uns 15 dias até que o Batalhão tome conhecimento da movimentação, oficialmente, e voltarei ao Rio para assumir o novo posto.

112

O Boletim do dia 2 de maio, do 17º B.C., publica minha transferência (por interesse próprio, como havia previsto) e este elogio de meu comandante, que não me furto ao cabolinismo de transcrever porque representa o prêmio que levarei de Corumbá:

"Por motivo de sua transferência, desligo hoje desta Unidade e apresento as despedidas do Comando, dos Oficiais, Subtenentes, Graduados e Praças do B. C. ao Cap. Harry Laus. É comum a movimentação de oficiais; mas, quando se trata de um amigo e oficial de escol, embora os anos passados na caserna nos endureçam o coração, sentimos que a sua falta haverá de ser por muito tempo notada por todos, dentre os paredões desta casa. Desejo ao Cap. Harry nas suas novas funções, todas as felicidades e, pelo muito que produziu, pelos traços marcantes de sua personalidade deixados nesta Unidade, pela sua inesgotável vontade de servir aliada à crença de realizar o que é certo; pelo testemunho perene de sua operosidade em todas as vezes em que foi chamado a intervir; pela firmeza das suas ações e integridade de caráter; pelo seu interesse por tudo que se referisse a este B.C., no qual, fosse nos momentos festivos ou nas jornadas cansativas, jamais deixou de dar o cunho de sua presença, apresento-lhe com prazer os agradecimentos pelo muito que fez, e louvores pelo muito que é. Que na Biblioteca do Exército possam do Cap. Harry Laus apreciar as excelsas qualidades que ornaram a sua figura de homem

e oficial e que a sua inteligência vívida e moça mais a sua cultura profissional e geral sejam sempre um manancial estuante de idéias proficuas e sugestões sadias”.

113

Deixei Corumbá dia 5 de maio com destino a Assunção, Paraguai. Alguns dias aí, depois uma visita às cataratas do Iguaçu, finalmente Rio.

Todos os oficiais no aeroporto de Corumbá na mesma formação em linha que tantas vezes executei na chegada e partida de oficiais e autoridades. Mas dessa vez era para mim. Como foi para mim um almoço no quartel, com discursos a que tentei responder mas caí em prantos.

Boboca!

7 Monólogo da provação, Diário de Corumbá, Cartas: cruzamentos

Les frontières sont souvent mal définies également entre le journal et la correspondance. L'interaction est totale, puisqu'elle s'exerce dans les deux sens: soit que le diariste se serve de telle formule qui lui semble heureuse pour une lettre à un ami, soit qu'il intègre cette lettre dans son journal ... Mais ce qui distingue le journal de la correspondance, c'est surtout la nature de la relation à autrui. Pour ce qui est du mode d'écriture, ces deux "genres" ont en commun une absence de limites, la fragmentation, au jour le jour, le fait d'être conçu, au moins au départ, en dehors de la publication.

Béatrice Didier, 1991.

O *Diário de Corumbá* começou a ser escrito logo na chegada de H. Laus a Corumbá, como capitão do Exército Brasileiro, tendo, na maioria dos relatos, a si mesmo como protagonista da ação. Foi escrito com a intenção de ser publicado, pois as anotações nesse diário diferem das encontradas nos diários anteriores. O tom confessional foi devidamente selecionado e censurado.

Quando transformado em *Monólogo da provação*, o autor manteve a forma fragmentária do diário, porém separou-os em tópicos numerados de 1 a 113. Logo no início do *Monólogo da provação*, H. Laus nos esclarece que os tópicos 38, 94, 101 e 105 foram transformados nos contos *Segredo*, *Ao juiz dos ausentes*, *O zelador* e *Tamanduá Bandeira*, respectivamente, publicados no livro de contos *Ao juiz dos ausentes*, em 1962.

Realizada a leitura do restante da obra, detectou-se também que o tópico 24, fez parte da edição: *Heptacronos páginas de diário*, de 1985. Nova

surpresa foi encontrar páginas do *Monólogo* no romance *Os papéis do coronel*.

Vários destes tópicos foram criados a partir de assuntos do seu dia-a-dia, que H. Laus relatava nas cartas enviadas à sua irmã e ao amigo confidente Walter Wendhausen. Acrescentou ainda ao *Monólogo* as cartas enviadas a ele por Mário Faustino, nos tópicos 15, 21, 36, 54, 65 e uma carta anônima exclusivamente crítica ao tópico 34: "Carta de um amigo do Rio que não se assina por puro esquecimento: você nunca foi flor de asfalto nem mesmo escritor militante: você é soldado mesmo(...) Não sou também de dar conselhos. Estou me violentando (...) não esperava resposta a meu cartão-postal e eis duas laudas datilografadas". É possível que o amigo anônimo seja Jaime Maurício¹, pois em carta de 13 de abril a Ruth ele cita esta carta: "Jaime Maurício andou aí? Escreveu-me para dar conselhos". Em carta a Walter Wendhausen, de 5 de novembro, volta a referir-se àquela carta: "Pela última vez digo que para Jaime Maurício apenas mandei um cartão (...) logo que cheguei aqui (...). Respondeu-me com uma carta dizendo horrores, inclusive que ia para a Europa." O que surpreende é o fato de ter sido a única carta deste destinatário e ela foi incluída no *Monólogo*.

Reforçando o tom de veracidade pretendido pelo autor, logo na apresentação da obra encontramos: "As anotações para este livro foram tomadas em Corumbá Mato Grosso, durante o ano de 1958 e início de 1959."

¹ Em seu livro *De-como-ser*, p.54, Jaime Maurício é descrito como alguém que "desenvolvia múltiplas atividades" no ramo das artes plásticas, assessorava a diretora do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e como crítico de arte do Correio da Manhã.

Revelações da intimidade, como os desvarios cometidos no meio civil após o expediente de trabalho do exército, ficaram restritas às cartas enviadas neste período a Walter Wendhausen. Cartas onde a solidão, os desajustamentos profissional e sexual foram detalhadamente expostos. E embora elas tenham sido fonte de consulta para a elaboração dos tópicos, em alguns destes a única fonte de consulta, houve realmente uma seleção do conteúdo mencionado nestas cartas. Aqui a construção difere das outras cartas, pois não se trata de uma simples transposição onde consta o destinatário, mas sim uma reelaboração a partir de suas próprias anotações.

As cartas vão mostrar um homem contraditório, estranhamente dividido entre o molde militar e os impulsos de um temperamento apaixonado. O que H. Laus constrói tanto em suas cartas como em seus diários é uma ficção autobiográfica. Preocupado com sua imagem futura, vai construindo uma personalidade que é também personagem com isso, mesclando em todos os seus escritos, sem exceção, essa personalidade múltipla que foi a do escritor. E, ao mesmo tempo em que constrói essa ficção, a história vai aparecendo no meio, com pitadas da vida nacional, como bem exemplifica o *Monólogo da provação* ao revelar um outro Brasil, o do Centro-Oeste em contraste com o sul e o sudeste. O prefácio de M. Cavalcanti Proença será todo dedicado à análise da vida dura e isolada desta região do país, já quase na década de sessenta. Embora não sejam aprofundados, os problemas da situação militar são colocados por Harry

Laus de maneira crítica, apesar da exclusão das mais severas, existentes apenas no *Diário de Corumbá*.²

Um outro exemplo do aspecto ficcional de suas cartas é o seguinte relato:

Domingo aconteceu uma coisa completamente louca: um almoço fluvial. Trezentas ou mais pessoas dentro de um navio, Paraguai acima e abaixo, em benefício do Aero-Clube. Acontece que demoraram muito a servir a comida e quase houve motim em alto rio. Visto de fora, sem fome, a coisa era muito engraçada. Uma pequena multidão faminta, pelos corredores apertados do navio que, volta e meia atracava no porto para pegar mais bebidas. Coisa de cinema americano ou, mais propriamente, comédia dos três patetas. Arrependi-me barbaramente. Quando o prato atingiu-me, chegou sem talher e comi um pouco com a mão depois irritei-me e atirei tudo n'água, com prato e tudo, gesto que foi seguido por parte da plebe ululante.

Como se pode ver, no exemplo acima - reescrito no tópico 97 do *Monólogo da Provação* algumas de suas cartas apresentam textos mais literários do que propriamente íntimos.

Desta maneira, as cartas de Harry Laus podem ser lidas como complementação de seus textos ou como parte deles, pois há uma superposição dialógica entre uns e outras. O escritor é fonte de seu texto e nunca se esforça para não parecê-lo.

Diante destas constatações, é possível ver como é marcante o cruzamento dos gêneros nesta obra, e como H. Laus conseguiu manter principalmente a forma característica de diário. Embora transformado em *Monólogo Da Provação*, o autor preserva, logo no início, esta denominação. Nas passagens da página 01: "Não culpem Eneida pelo desvalor deste

² O exemplo desta omissão pode ser encontrado no pár.24 na parte da transcrição das versões A, B e C.

Diário”; da página 20 “...resolvi fazer o *Diário de Corumbá*” e da página 25 :“A não ser o *Diário*, nada tenho escrito.”

Porém, ele tenta desfazer a idéia desta obra como uma simples transposição de um diário íntimo cuja função seria apenas a de relatar fatos vividos rotineiramente para efeito de simples consulta pessoal. Ao reelaborá-lo para publicação, anos mais tarde, incluiu dados que não faziam parte do *Diário de Corumbá*.

Uma das justificativas do escritor para a não publicação da obra foram motivos políticos. Era o ano de 1964, o que agravou a dificuldade de encontrar editor para o *Monólogo*, fazendo-o desistir da publicação durante todo o período da ditadura militar, fato bastante compreensível.

Mas porque então não o publicou na década de oitenta, época de abertura política e grande interesse por desvendar práticas militares reacionárias? Pode-se pensar que as razões da escolha por mantê-lo no ineditismo foi devolvê-lo à situação de origem - diário - e como tal, fonte de consulta, obra que funcionaria como uma espécie de *memória - arquivo*³ para a elaboração de outros trabalhos de caráter eminentemente ficcional.

A presença da epistolografia como um gênero é também um ponto a ser destacado no contexto literário do autor. A correspondência depositada no acervo, na UFSC, se inicia no princípio da década de quarenta e representa uma parte considerável deste acervo. Harry Laus mantinha seus arquivos em muita ordem, arquivando as cartas em pastas separadas com o nome de cada destinatário, conservando cópias de suas próprias cartas. Por

³ MIRANDA, Wander. *Corpos escritos*

este lado “arquivístico” de sua personalidade, já podemos pensar que ele mesmo concebia seu arquivo como matéria para futuros estudos da parte de pesquisadores.

Nesta obra em particular, a influência é notada pelo título *Monólogo da provação*, que lhe foi sugerido nas cartas escritas para Corumbá pelo amigo Mário Faustino, cuja amizade foi tão importante a ponto de Harry transcrevê-las no corpo do *Monólogo*. Ao todo, sete cartas intercaladas entre os tópicos da obra. Estas cartas revelam uma supervalorização do amigo, num processo perigoso de exposição do “eu” pela visão do outro. Ao mesmo tempo em que elogiosas, tais cartas foram bastante críticas e em certos momentos bastante duras. Porém se entendermos a amizade de Harry Laus com Mário Faustino como uma espécie de elo com os escritores do Rio de Janeiro, percebemos o quanto sua opinião e seus conselhos eram importantes para o escritor, causando um impacto decisivo na maneira de conduzir sua carreira literária. A leitura de *Os papéis do coronel* surpreende ao revelar a seguinte passagem do *Monólogo da provação*, na verdade um fragmento de uma carta de M. Faustino: “O Coronel lembrou-se do poeta Mário Faustino que uma vez lhe disse: ‘Escreve tudo o que vier à cabeça, depois corta e emenda, como um diretor de cinema’ ”.

Analisando, comparando, associando diários, contos, cartas, vemos uma só personalidade aflorar, a do escritor de um só e grande texto: ele mesmo. Como anotou Aníbal Machado em seu *Diário*: “Todo escritor tem uma

só obra, que pode ser distribuída em vários livros. O resto são derivados dela.”⁴

Porém, não se pode querer ver o escritor e sua obra como sendo uma única realidade. Cabe ao crítico fazer a separação entre o mundo ficcional e o da vida do autor. Por mais complexa que seja esta questão, pois em fase preliminar deste trabalho, o autor se colocou como personagem ao falar de sua novela *Monólogo de uma cachorra sem preconceitos*.

Além disso, em 1989 – época desta declaração -, H. Laus era um homem público e com espaço próprio no meio literário. Suas obras já haviam merecido a atenção da crítica o que, aliás, aconteceu desde o início de sua carreira. Nas entrevistas concedidas pelo autor, a questão da autobiografia era sempre levantada, sempre afirmada e H. Laus, confirmando essa leitura, levava a crítica para análises de cunho autobiográfico. Mas se isso é em parte verdadeiro, com exceção ao *De-cómo-ser* que, embora comprove a presença de elementos ficcionais, é eminentemente um relato de memórias, nos contos e no romance, a narrativa é sempre em terceira pessoa. Apesar da presença de fatos da vida do escritor, como não poderia deixar de ser, essa presença vem filtrada, transformada, ficcionalizada e não nos cabe ler o autor ou fazer a transposição de sua trajetória de vida nas personagens. Tal leitura, já de muito ultrapassada, nos traria de volta à crítica impressionista que vigorou por tantos anos no Brasil, antes do advento da “nova crítica”, trazida por Afrânio Coutinho, nos anos 50.

⁴ Apud ANTELO, Raul (org.). *Parque de diversões Anibal Machado*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Florianópolis: Editora da UFSC, 1994, p.17.

Embora admitindo que a “Cachorra” seja ele mesmo em entrevista a Salim Miguel⁵, o que faz lembrar Flaubert, “Madame Bovary, c’est moi”, como bem colocou Luísa Cristina dos Santos em sua dissertação de mestrado,⁶ é papel dos analistas estabelecer a fronteira entre a vida e o mundo ficcional, já que se estará lidando com diários, supostamente verídicos. Lejeune⁷ nos lembra que, para haver o “pacto ficcional”, são necessários vários critérios e, mesmo que se possa relacionar muitos deles ao fazer literário de Harry Laus, temos que levar em conta que, ao criar um mundo literário, o autor passa a ser a personagem principal do escritor.

Neste caso, ainda tentar aproximar os fatos vividos pelo autor e personagens na História Oficial é incorrer em novas dúvidas e impossibilidades, pois o escritor, embora possa ser identificado em algumas personagens, não é nelas transmutado.

Neste sentido, o cotejo escritor/obra literária dá destaque ao modo de fazer literatura de um autor às voltas consigo mesmo, seu *modus vivendi*, o que evidencia uma relação narcísica acentuada nas temáticas homossexualismo e solidão, marcantes na vida de H. Laus, como se pode ler em sua correspondência. Os homossexuais, enquanto personagens, trazem a sua maneira particular de ver a vida. Pelo prisma pessoal, H. Laus não negava sua homossexualidade, embora assumisse uma postura pública de sua opção sexual com muita discrição.

⁵ Esta entrevista faz parte do livro *Tempo e Andanças de Harry Laus*, p. 65.

⁶ SANTOS, Luísa Cristina dos. *Cara ou cachorra? um jogo discursivo de-como-ser sujeito*. Florianópolis, 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina.

⁷ Idem nota 28?

Seguindo esta linha de pensamento e levantando uma possibilidade de leitura, é possível pressupor que esta obra seja o referencial para o estudo da influência do militarismo na carreira do escritor. Especialmente, neste caso em que H. Laus utiliza a primeira pessoa e se assume como protagonista da História e de sua história em espaço temporal definido: Corumbá, Mato Grosso, 17º Batalhão de Caçadores, de fevereiro 1958 a maio de 1959, cujas personagens secundárias são os sargentos – “elemento essencial na rotina do quartel”, como ele assim os classifica - e os soldados que lhe serviram de ordenança, a quem foi dedicado o livro.

Além da valorização destas personagens, destaca-se ainda a cidade, palco de vivências múltiplas não só das personagens, mas de observações e impressões causadas ao autor. A beleza dos flamboyants floridos não passou despercebida, tampouco as aberrações e incoerências, como um edifício de onze andares numa “cidade típica do interior brasileiro”. Especialmente as péssimas condições oferecidas aos oficiais do Batalhão de Corumbá, ainda não encontradas pelo oficial H. Laus já em final de carreira. As suas mudanças de residência foram tão marcantes, a ponto de movimentar a narrativa, lembrando a todo momento o caráter provisório de sua permanência na cidade. Algo tão forte que o fez contar os dias para o retorno à rua Barata Ribeiro na Capital do país, na época o Rio de Janeiro: “Estou em Corumbá há 17 dias; faltam 348 para completar um ano; (...) 27 de setembro, 7 meses de Corumbá.”

Analisado como um diário ficcionalizado e como referencial para o estudo do restante dos diários do acervo, conclui-se que esta dissertação

apenas abriu um caminho de uma das trajetórias literárias do escritor H. Laus, cujo final chegará somente após a continuação dos estudos do seu material ainda inédito.

Ao tornar público e preparar *Monólogo da provação* para publicação, acredita-se ter de alguma maneira cumprido parte deste vasto caminho.

8 CONCLUSÃO

Diário de Corumbá – Monólogo da Provação Monólogo de Corumbá: Diário da Provação

A duplicidade da carga semântica anunciada a partir dos títulos passou a ser desvendada logo no primeiro momento de cotejo do material da pesquisa. Este fato levou à opção pela transcrição das cartas e do *Diário de Corumbá*, pontos de uma mesma partida. As cartas foram escritas simultaneamente ao início das anotações no diário. No dia 27 de fevereiro, início do Diário, no dia 28, carta a Ruth Laus, e no dia 01 de março, a Walter Wendhausen.

Apesar da transcrição ser encarada como um primeiro passo, as marcas presentes na transcrição de parte dos diários revelaram que as exclusões foram mais significativas do que os acréscimos, quando da passagem para *Monólogo da provação*.

Nas exclusões das notas que não foram utilizadas do *Diário de Corumbá* e da correspondência, temos a revelação de opiniões sinceras, principalmente quando se trata da vida militar. Entretanto, a opinião do autor sobre o exército foi excluída, censurada por ele mesmo, como fica evidente no Diário de Corumbá.

A Versão C, *Monólogo da provação*, possui pouquíssimas marcas e o destaque recai para algumas substituições de palavras. Embora seja um datiloscrito, ao compará-lo ao *Diário de Corumbá*, veremos que o diário

manuscrito é quase tão limpo quanto o datilografado - reforço para o espírito organizado de H. Laus.

O caráter fragmentário do diário foi mantido no *Monólogo*, o qual, aliás, revelou a origem do duplo - o dialogismo - detectado na inclusão das Cartas de Mário Faustino ou o comentário de algum destinatário. Nas cartas esse dialogismo se repete, idênticas em número - tanto para Ruth quanto para Walter, trinta e quatro cartas - são praticamente opostas no "tom", na cumplicidade. Para a irmã, o tom fraternal e carinhoso, ao amigo a intimidade com o aval da cumplicidade.

O levantamento das cartas revelou, ainda, que as cartas a Walter Whendausen foram tão importantes para a construção do *Monólogo* quanto o *Diário de Corumbá* - a matéria das cartas ao amigo figurou sempre em algum dos "tópicos" do *Monólogo da provação*.

REFERÊNCIAS

OBRAS DO AUTOR

- LAUS, Harry. *Os incoerentes*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.
_____. Prêmio "Afonso Arinos" da Academia Brasileira de Letras].
- _____. *Ao juiz dos ausentes*. Rio de Janeiro: Opama, 1961.
- _____. *De-como-ser*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Lunardelli, 1981.
- _____. *Monólogo de uma cachorra sem preconceitos*. Florianópolis: ed. do autor, 1981.
- _____. *Bis*. Florianópolis: FCC Edições, 1982.
- _____. *O santo mágico*. Florianópolis: ed. do autor, 1982.
- _____. *Heptacronos*. Florianópolis: Sanfona, 1985.
- _____. *As horas de Zenão das Chagas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- Indicador catarinense de artes plásticas*. Florianópolis: FCC Edições, 1988.
- Les Réveils de Zénon des Plaies*. Trad. Claire Cayron. Saint-Nazaire (França): Arcane 17, 1988.
- _____. *Caixa d' aço*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989.
- La première balle*. Trad. Claire Cayron. Saint-Nazaire (França): M.E.E.T., 1989.
- _____. *Jandira*. Trad. Claire Cayron. Saint-Nazaire (França): Arcane 17, 1989.
- _____. *Sentinela do nada*. Florianópolis: Noa/Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1992.
- _____. *Les Jardins du Colonel*. Trad. Claire Cayron. Saint-Nazaire (França): Arcane 17, 1992.
- _____. *Os papéis do Coronel*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995.

ANTOLOGIAS E CONTOS AVULSOS

Antologia do novo conto brasileiro. Rio de Janeiro: Júpiter, 1968.

Assim escrevem os catarinenses. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976. p. XV, 67-74.

Contistas e cronistas catarinenses. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 88-90.

Este amor catarina. Org. Salim Miguel, Flávio José Cardozo e Silveira de Souza. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996. p. 111-119.

Este humor catarina. Org. Salim Miguel, Flávio José Cardozo e Silveira de Souza. Florianópolis: Lunardelli, 1985. p. X, 103-111.

Este mar catarina. Org. Salim Miguel, Flávio José Cardozo e Silveira de Souza. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1983. p. VII, 50-55.

Histórias do amor maldito. Rio de Janeiro: Record, 1968. p. 370-373

Nove histórias reiúnas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1956. p. 11-28.

ARTIGOS DO AUTOR

Não veio ninguém. *O Malho*. Novembro de 1944. p. 33.

A viagem. *Revista Rio*. Março de 1947. p. 63, 65, 100 e 101.

Primeira carta do Nordeste: O sol é forte. *Joaquim*. Nº 11. Curitiba: junho de 1947.

Segunda carta do Nordeste. *Joaquim*. Nº 12. Curitiba: agosto de 1947.

Depoimento: Geração que acredita no artesanato. *Joaquim*. Nº 13. Curitiba: setembro de 1947.

Terceira carta do Nordeste. *Joaquim*. Nº 14. Curitiba: outubro de 1947.

História contemporânea: teatro. *Joaquim*. Nº 15. Curitiba: novembro de 1947.

Carta do Nordeste. *Joaquim*. Nº 17. Curitiba: março de 1948.

BLANCHOT, Maurice. *Kafka e a literatura*. Tradução por Harry Laus. *Jornal do Brasil*. Suplemento dominical. Rio de Janeiro, 01 ago 1959. p. 04-05. Tradução de: *Kafka et la littérature*.

Um livro chamado *Pajuçara. Leitura*. (ano XVIII, nº 28) Rio de Janeiro: outubro de 1959. p. 17.

Traduction et culture. *Atlas Actualité: Bulletin de traducteurs*. (6). France, 1988.

TEXTOS PUBLICADOS SOBRE O AUTOR I LIVROS e ARTIGOS

AMADO, Jorge. O contista Laus. In: Laus, Harry. *Bis*. Florianópolis: FCC Edições, 1982.

———. Deux mots sur Harry Laus. In: Laus, Harry. *Les réveils de Zénon de Plaies*. Saint-Nazaire: Arcane 17, 1988.

ANTELO, Raúl. Laus Harry. In: MUZART, Z. L. (org.) *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 83-84.

BARATA, Mário. Harry Laus em dois tempos nas Artes Visuais. In: *Harry Laus: artes plásticas*. Rio de Janeiro: R. Laus, 1996. p. 15 e 16.

BARDI, Pietro Maria. Prefácio. In: *Indicador catarinense de artes plásticas*. Florianópolis: FCC Edições, 1989.

BENTO, Antônio. *Ismael Nery*. São Paulo: Gráficos Brunner, 1973. p. 84.

BRETONNIÈRE, Bernard. Entretien avec Harry Laus. In: Laus, Harry. *La première balle*. Saint-Nazaire, M.E.E.T., 1989.

———. *Saint-Nazaire, port de toutes les littératures*. Paris: Editions Autrement, Collection France, 1992.

———. Entrevista. Trad. Ilona H. Wolff. In: MUZART, Z. L. (org.) *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 73-75.

———. Port en littérature. *Bâtie pour bâtir*. Saint-Nazaire, s/d. p. 138-147.

CAMPOS, Ademar (org.). *Literatura tijuquense em prosa e verso*. Florianópolis: Edeme, 1995. p. 42-43.

CAVALCANTI, Carlos. *Dicionário brasileiro de artistas plásticos*. Vol. 2. Brasília: MEC-INL, 1974. p. 444.

CAYRON, Claire. L'iceberg Laus. In: Laus, Harry. *Jandira*. Saint-Nazaire: Arcane 17, 1989.

———. O iceberg Laus. In: Laus, Harry. *Caixa d' aço*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989.

———. Traduzir Harry Laus. Trad. Joca Wolff. In: MUZART, Z. L. (org.) *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 35-38.

COUTINHO, Afrânio. *Brasil e brasileiros de hoje*. Vol. I. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1961. p. 652.

———. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Vol. 2. Rio de Janeiro: MEC, 1990. p. 771.

COUTINHO, Marilda de Souza. *O conto catarinense na década de 70*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Pós-Graduação em Letras-Literatura Brasileira. Texto inédito. p. 15.

GOMES, Celuta Moreira et alii. *Bibliografia do conto brasileiro*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. p. 218.

Harry Laus: artes plásticas. Org. Ruth Laus. Rio de Janeiro: Cervantes, 1996. [Reunião de alguns dos artigos de Harry Laus, sobre artes plásticas, publicados entre 1961 e 1991 no *Jornal do Brasil*, *Revista Veja*, *Revista Senhor*, *Diário Catarinense*, e outros periódicos].

Harry Laus: cine-teatro. Org. Ruth Laus. Rio de Janeiro: Cervantes, 1997. [Reunião de alguns artigos de Harry Laus sobre cinema, teatro e televisão, peças e adaptações para teatro].

JUNKES, Lauro. Monólogo de uma cachorra sem preconceitos. In: *O leão faminto*. Florianópolis: ed. do autor, 1982. p. 15.

———. Harry Laus: entre a ficção e as artes plásticas. In: *O mito e o rito*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987. p. 198-203.

———. Ambíguas ressonâncias de 'Caixa d' aço'. In: MUZART, Z. L. (org.) *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 49-52.

LAUS, Harry. O olhar do autor. In: MUZART, Z. L. (org.) *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 87-89.

LAUS, Ruth. Harry Laus. In: LAUS, Ruth (org.) *A décima carta*. Laus. Apenas. Rio de Janeiro: Gráf. Cervantes, 1994. p. 195-235.

LENZI, Zuleika Mussi. Apresentação. *Indicador catarinense de artes plásticas*. Florianópolis: FCC Edições, 1989.

LUNEAU, Gilles. *Des écrivains dans la ville Saint-Nazaire 1987-1990*. [Album fotográfico]. Saint-Nazaire: Arcane 17, 1990.

MEDEIROS, Maristela D. R. Entrevista. In: MUZART, Z. L. (org.) *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 69-72.

MIGUEL, Salim. Apresentação. In: Laus, Harry. *De-cómo-ser*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Lunardelli, 1981. p. 7-8.

———. Entrevista. In: MUZART, Z. L. (org.) *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 61-68.

MORAIS, Frederico. Harry Laus, crítico de arte. In: MUZART, Z. L. (org.) *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 21-25.

MUZART, Zahidé L. Harry Laus: 70 anos. In: MUZART, Z. L. (org.) *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 9-10.

———. A última semente: percurso de um texto. In: ———. p. 55-57.

———. *Cartas muito íntimas - escrúpulos de herdeira*. In: *Anais do Terceiro Encontro Nacional de Acervos Literários Brasileiros*. Porto Alegre: PUCRS, 1997. No prelo.

PEREZ, Renard. [orelha] In: Laus, Harry. *Os incoerentes*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.

———. Harry Laus, o escritor: ficção e diário. In: MUZART, Z. L. (org.) *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 27-33.

PONTUAL, Roberto. *Dicionário das artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 301 e outras.

———. *Arte Brasil hoje - 50 anos depois*. São Paulo: Collectio, 1973. p. 83, 197 e 339.

RIBEIRO, Marília Andrés. *Neovanguardas: Belo Horizonte - anos 60*. Belo Horizonte: C/Arte, 1997. p. 135, 239 e 281.

SACHET, Celestino. *A literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 169.

SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1985. p. 161-162, 215.

———. *Magia de santo: humaníssimas trindades*. In: MUZART, Z. L. (org.) *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 45-48.

SANCHES Neto, Miguel. *Uma cachorra vê os homens*. In: MUZART, Z. L. (org.) *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 41-43.

SILVEIRA, Cláudia R. *Biografia intelectual*. In: MUZART, Z. L. (org.) *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 77-80.

SOLER, Louis. *O homem dos despertadores*. Trad. Ruth Laus. In: MUZART, Z. L. (org.) *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 39-40.

SOUZA, Silveira de. *O Bis de Harry Laus*. In: Laus, Harry. *Bis*. Florianópolis: FCC Edições, 1982.

TACQUES, Alzira Freitas. *Antologia de escritores brasileiros*. Vol. 3. Porto Alegre, 1957. p. 2090.

TEIXEIRA, Cleber. *Foi um rio que passou em nossas vidas*. In: MUZART, Z. L. (org.) *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 81.

VALLADARES et alii. *Quem é quem nas Artes e Letras do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1966. p. 66.

ZANINI, Walter. *História geral da arte no Brasil*. Vol. 2. São Paulo, 1983. p. 805.

II TEXTOS EM REVISTAS E JORNAIS

ALVES, Liège Maria. *Uma cachorra sem preconceitos: a coragem de Laus*. *Notícia*. Joinville, 11 set. 1981.

BARBOSA, Rolmes. *A semana e os livros*. *O Estado de São Paulo*, 6 jun. 1959.

BARDI, Pietro Maria. *Um tempo de dúvidas*. *Senhor*. São Paulo, 26 jan. 1988.

BELL, Lindolf. Harry Laus: entre memória e denúncia. *Jornal de Santa Catarina*. Blumenau, 31 maio 1981.

BENEDETTI, Lúcia. Sol e chuva: nossa livraria. *Última hora*. Rio de Janeiro, 30 dez. 1958.

BIHAN, Anne. L'Italie et Brésil dans une rue de Dublin. *Presse-Océan*. Saint-Nazaire, 16 out. 1987.

———. Harry Laus, un Brésilien à Saint-Nazaire. *Presse-Océan*. Saint-Nazaire, 22 jul. 1988.

———. Un lieu pour faire halte. *Presse-Océan*. Saint-Nazaire, 10 abril 1991.

BRANDÃO, Izabel Drulla. A essência de um artista versátil - a opção pelo caminho das artes. *O Estado*. Domingo Magazine. Florianópolis, 09 dez. 1990. p. 1.

BRASIL, Assis. Ficção - 1961 - contistas. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 16 set. 1961.

BROCA, Brito. Ao juiz dos ausentes. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 19 ago. 1961.

CAVALCANTI, Valdemar. A vida com nitidez. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 19 dez 1958.

———. A vida em pedaços de espelho. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 4 ago. 1961.

COPSTEIN, Liège. A ficção contra-ataca. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 10 jan. 1988.

COUTINHO, Edilberto. Ao juiz dos ausentes de Harry Laus. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 29 jul. 1961.

DRESEN, Monique van. A luz do companheiro. *O Estado*. Florianópolis, 15 mar. 1992. p. 2.

ENEIDA. Os incoerentes. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 dez. 1958.

———. Um contista: Harry Laus. *Diário de Notícias*. Suplemento Literário. Rio de Janeiro, 13 ago. 1961. p. 2.

FAGANELLO, Everson. Harry Laus vai ganhar a Europa. *O Estado*. Caderno 2. Florianópolis, 3 set. 1989. p. 1.

FEIJÓ, Márcia. Arte no escuro. *Diário Catarinense*. Revista DC. Florianópolis, 25 maio 1997. p. 4.

———. Harry, um outsider na instituição. *Diário Catarinense*. Revista DC. Florianópolis, 25 maio 1997. p. 4 e 5.

———. Vitória sofrida. *Diário Catarinense*. Revista DC. Florianópolis, 25 maio 1997. p. 8.

———. Ausente sempre presente. *Diário Catarinense*. Revista DC. Florianópolis, 25 / 05 / 1997. p. 10.

FOLHA DA TARDE. *Harry Laus*. São Paulo: 25 mar. 1980. p. 4-5.

FREITAS, Dúnia. A falta que ama (entrevista com Harry Laus). *A Notícia*. Anexo. Florianópolis, 27 de maio de 1997. p. 1 e 3.

GAUDRY, François. Les secrets du colonel. *Sud-Ouest-Dimanche*. Saint-Nazaire, 12 jul. 1992.

HOHLFELDT, Antônio. Harry Laus lança um controvertido depoimento com sua autobiografia. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 15 maio 1980.

JUNKES, Lauro. De como ser Harry Laus. *O Estado*. Florianópolis, 20 abril 1980.

———. Monólogo de uma cachorra sem preconceitos. *A Notícia*. Joinville, 21 / 2 / 1982.

———. Harry Laus: bis. *O Estado*. Florianópolis, 18 maio 1983.

———. Ambíguas ressonâncias. *A Notícia*. Joinville, 28 jul. 1991. p. 5.

KARL, Fernando. A pureza seca de um buscador. *A Notícia*. Joinville, 27 maio 1996. Anexo, p. 1.

KLINTOWITZ, Jacob. A sinceridade como mérito e defeito. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 03 maio 1980.

LAGES, Valéria. Feliz aniversário, Harry. *A Notícia*. Anexo. Joinville, 11 dez. 1996. p. 1.

LAUS, Harry. O guia está pronto. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 30 mar. 1988.

LAUS, Ruth. In: WOSGRAUS, Juliana. Um anjo perpetua Harry. *Diário Catarinense*. Revista DC. Florianópolis, 25 maio 1997.

LEONARDOS, Stella. Dois contistas. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 16 ago. 1961.

LIMA, Marita. Os incoerentes. *Jóia*. Rio de Janeiro, 15 abril 1959.

- LINHARES, Temístocles. Últimos livros de contos. *O Estado de São Paulo*, 14 mar. 1959.
- LITRENTTO, Oliveiros. Os incoerentes. *Jornal de Letras*. Rio de Janeiro, fev-mar. 1959.
- MARTINS, Rosane Magaly. Harry Laus: crítica e autocrítica. *Jornal de Santa Catarina*. Blumenau, 04 e 05 dez. 1988.
- MARTINS, Wilson. A ambigüidade do conto. *O Estado de São Paulo*, 4 abril 1959.
- MELATO, Fabiano. Traduções sem sotaque. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 06 abril 1997. Revista DC, p. 9.
- MENEZES, Luís. Laus: a cultura é uma maldição. *A Notícia*. Joinville, 24 set. 1981.
- MIGUEL, Salim. Informação literária. *O Estado*. Florianópolis, 6 out. 1961.
- . As horas de Zenão das Chagas. *Ô Catarina*.(12) Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, mar. de 1995. p. 8.
- MUZART, Zahidé. Pela Memória Literária. *Ô Catarina*, 2 Florianópolis, abril, 1993.
- . Memória Literária. Santa Catarina. In: *Anais do 2º Encontro Nacional de Acervos Literários*. Maria da Glória Bordini (org.). Puc. RS, vol. 2. 1996.
- NEVES FILHO, João Otávio. Celebração arte-vida. *O Estado*. Florianópolis, 19 abril 1992.
- Obras de Laus e Freire no CIC. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 18 abril 1996. Variedades, p. 8.
- O ESTADO. Um catarinense editado na França. Florianópolis, 27 set 1988.
- . Harry Laus lança novela bilíngüe. Florianópolis, 5 nov. 1989.
- OLINTO, Antônio. O conto em 1958. *Leitura*. Rio de Janeiro, 1959. p. 25-26.
- OUEST-FRANCE. Colloque de la MEET à Saint-Marc. Saint-Nazaire, 8 jun. 1991.
- PEDROSO, Néri. "Editora da UFSC lança livro de Harry Laus". *AN Capital*. Florianópolis, 21 fev. 1996.
- PEREGRINO, Umberto. Contos de um militar escritor. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 10 dez. 1958.

- PEREZ, Renard. Apresentação de 'Os incoerentes'. *Tribuna de Corumbá*. 9 jan. 1959.
- . Ao juiz dos ausentes. *Última hora*. Rio de Janeiro, 19 jul. 1961.
- PLANES, Jean-Marie. Zénon! pauvre Zénon! *Gironde Magazine*. n. 12. Bordeaux (França), 1988. p. 45.
- PÓLVORA, Hélio. Os incoerentes. *Leitura*. Rio de Janeiro, janeiro de 1959. p. 37.
- PONTES, Mário. De-como-ser. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 03 abril 1980.
- PONTUAL, Roberto. A crítica em foco nas últimas edições. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 29 abril 1980.
- PORTANOVA, Eduardo. Em busca de um centro mundial. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 9 set. 1991.
- RAMOS, Ricardo. Os incoerentes. *Última hora*. São Paulo, 14 fev. 1959. p. 11.
- RÓNAI, Paulo. Os incoerentes. *A Cigarra*. n. 3. Rio de Janeiro, 1959.
- SÁ, Jorge de. Quarteto de contos. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 09 set. 1983. p. 10.
- SANCHES Neto, Miguel. Fragmento de um percurso doloroso. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 17 jun. 1996. Caderno G, p. 4.
- SANTOS, Luísa Cristina dos. Harry Laus encontra a sua mais completa tradução. *AN Capital*. Florianópolis, 07 jun. 1996.
- . Guerra e paz: a dialética de Harry Laus. *Ô Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, maio/jun. 1996. N. 17. p. 6-7.
- . Cartas da ilha. *Ô Catarina*. Florianópolis: FCC, julho/ agosto/1997. N. 24. p. 11.
- SOARES, Doralécio (org.). *Boletim da Comissão Catarinense de Folclore* (n. 45-46). Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1993-1994. p. 129.
- SOARES, Iaponan. Artes e artistas. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 07 nov. 1988.
- SOLER, Louis. Splendeurs et misères. *Sud-Ouest Dimanche*. França, 24 dez. 1989. p. 23.

- . Crítica a um arquiteto da letra. Trad. Joca Wolff. *O Estado*. Florianópolis, 28 jan. 1990.
- . El hombre de los despertadores. *Revista Confluencias*. Vol. V. n. 2. Barcelona, 1991. p. 33-36.
- SOMMER, Vera. Três anos sem Harry Laus. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 28 maio 1995. p. 8.
- TEIXEIRA, Cléber. De major do exército a flaneur baudellairiano". *Diário Catarinense*. Revista DC. Florianópolis, 25 maio 1997. p. 10.
- TERNES, Apolinário. De-Como-Ser. *A Notícia*. Joinville, 23 abril 1980.
- TRISTÃO, Maristella. De como ser um crítico de arte. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 07 maio 1980.
- TURLEY, Louisa Frost. Modern Art Museum stages Brazilian Writers Festival. *Brazil Herald*. Rio de Janeiro, July 22, 1962.
- WOLFF, Joca. "Harry Laus: a literatura como um contínuo desafio". *A Notícia*. Joinville, 10 abril 1988.
- . Em plena forma, Harry Laus vai à França onde lança *Jandira*. *A Notícia*. Joinville, 3 set. 1989.
- . Destaques literários na feira do livro. *A Notícia*. Joinville, 27 out. 1989.
- . A literatura catarinense marca presença na França. *A Notícia*. Joinville, 4 jun. 1991.
- . Laus, um destaque na França. *A Notícia*. Joinville, 2 jul. 1991.
- . Harry Laus há exatamente um ano, por Marcos Rück. *A Notícia*. Joinville, 22 dez. 1991. p. 4.
- ZAND, Nicole. La ligne Saint-Nazaire - Montevideo - Buenos Aires. *Le Monde*. Paris, 14 jun. 1991. p. 26.

4 - APOIO TEÓRICO

- AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Literatura Portuguesa*. 2ª ed. Atualizada. Portugal, 1925
- CAMPOS, Geir (Org.). *Pequeno dicionário de arte poética*. 3. ed., São Paulo: Cultrix, 1978.

COELHO, Jacinto P. (Org.). *Dicionário de literatura*. 3. ed., Porto: Livraria Figueiredo, 1973.

FEREIRA, Antonio Gomes. *Dicionário de latim Português*. Portugal, Porto Editora, 1996.

FERREIRA, *Novo dicionário Aurélio*. (Ed.). 2. ed. revista e aumentada, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

LAFFONT-BOMPIANI. *Dictionnaire des personages*. Paris, 1960.

MICRO-ROBERT. Paris, 1989

ANDRADE, Mário de. *Balança, trombeta e battleship ou o descobrimento Alma*. Edição Genética e Crítica: Telê Ancona Lopez. São Paulo: Instituto Moreira Salles: Instituto de Estudos Brasileiros, 1994.

_____. LOPEZ, Telê Porto *Macunaíma o herói sem nenhum caráter: Edição Crítica*. Ancona Lopez, (Coord.) Coleção Arquivos - 6. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

_____. MANFIO, Diléa Zanotto *Poesias completas*. Edição Crítica Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1987.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante. *A criação literária vista no espelho dos Manuscritos*. II Encontro de edição crítica e crítica genética. usp, s/d.

_____. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença Edições; São Paulo: EDUSP, 1987.

BARTHES, Roland. *O Rumor da língua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BORDINI, Maria da Glória. *Criação Literária em Érico Veríssimo*. Porto Alegre: LP&M-EDIPUCRS, 1995.

CARRETER, Fernando L. e Outros. *Manual de explicação de textos*. 2. ed., São Paulo: Editora Centro Universitário, 1963.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 4. ed., Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

DIDIER, Béatrice. *Le Journal Intime*. 2. Ed., Paris. Presses Universitaires, 1991.

CURY, Maria Zilda. *A pesquisa em acervos e o remanejamento da crítica. Manuscrita*. n. 4, São Paulo: APML, 1993. p. 78-93.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. 2. ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

ENCONTRO DE ACERVOS LITERÁRIOS BRASILEIROS (1: 1994: Porto Alegre). *Letras de hoje - Anais*. Pós-Graduação em Letras - PUC, Porto Alegre, 1994.

SALLES, Cecília Almeida (Coord.). *Eclosão do manuscrito*. encontro de edição crítica e crítica genética. 2 ed., São Paulo: Universidade de São Paulo, s/d.

FOUCALT, MICHEL. *O que é um autor?*. Lisboa: Vegas, 1992

GIL, Fernando. (Org.). *Enciclopédia Einaudi*. (Literatura-Texto). Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989. v. 17.

GRESSILLON, Almuth. Alguns pontos sobre a história da crítica genética. *Estudos Avançados*. 11 (5), 1991.

LEUJENE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris : Seuil, 1975

HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. São Paulo: HUCITEC; [Brasília], INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

LIMA, Sonia Maria van Dijck. Gênese de uma poética da transtextualidade. *Apresentação do discurso hermiliano*. Editora Universitária: UFPB, 1993.

LISPECTOR, Clarice. *A Paixão segundo G. H.* Edição Crítica: Benedito

Nunes, Coordenador. Florianópolis: Editora da UFSC, Coleção Arquivos - 13, 1998.

MATTOSO CÂMARA JR., J. (Org.). *Dicionário de filologia e gramática*. 2.ed., Rio/São Paulo: J.Ozon-Editor, 1964.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *A lição do texto - filologia e literatura*. Lisboa: Edições 70, 1979. Trad. Alberto Pimenta, São Paulo: Martins Fontes.

PINTO, Maria Cecília de Moraes. De Lanson a Louis Hay: crítica de fontes e crítica genética. *Anais do 1º Congresso ABRALIC*, 1988.

SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: uma introdução, fundamentos dos estudos genéticos sobre os manuscritos literários*. São Paulo: EDUC 1992.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Crítica genética, a nova arte de estudar a inspiração dos autores. *O globo* - segundo caderno, domingo 26 ago. 1990.

SANTIAGO, Silvano. Fragmentos de *Les faux - Monnayeurs* (Edição de um manuscrito inédito), *Revista do livro*, a. 9, n. 29-30, Rio de Janeiro, 1966.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica (crítica textual)*. São Paulo: Cultrix, 1977.

SÜSSEKIND, Flora. *O Sapateiro Silva*. Rio de Janeiro: FCRB, Centro de Pesquisas, Setor de Filologia, 1983.

TADIÉ, Jean-Yves. *A crítica genética. A crítica literária no século XX*. (1987). Trad. Wilma Freitas R. de Carvalho. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1992.

TEIXEIRA, Celina Borges. Uma aproximação enriquecedora. *Manuscrita*. São Paulo: APML, 1993. n. 4. p. 59-65.

WELLEK, René y WARREN, Austin. *Teoría literaria*. 4. ed., Madrid: Editorial Gredos S.A., 1966.

WILLEMART, Philippe. Antes do começo dos começos. *Manuscrita*. São Paulo: APML, 1993. n. 4.

_____. *Universo da criação literária*. São Paulo: Editora da USP, 1993.

ANEXOS

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES E RECORTES
DO ACERVO DO AUTOR**

1. Capa e páginas do <i>Monólogo da Provação</i>	03
1.1. Primeira e segunda página do <i>Diário de Corumbá</i>	06
1.2. Primeira Carta a Ruth Laus	08
1.3. Primeira Carta a Walter Wendhausen	09
2. Fotos de H. Laus do livro <i>Tempo e Andanças de Harry Laus</i>	10
2.1. Foto de Ruth e H. Laus de <i>Tempo e Andanças</i>	11
3. Recorte sobre os <i>Incoerentes</i>	12
3.1 Vários recortes de jornal - montagem do autor	14
3.2 Boletim	15
4. Foto de Corumbá	16
5. Correio da Manhã: Primeira página do conto <i>Tamanduá Bandeira</i>	17

Revised
5-6-67

harry laus ³

@.10-756
10 20 97

FT

monólogo

da PROVAÇÃO

1

Não fume. Aperte o cinto. Estava decidido o destino: Co
rumbá, via Correio Aéreo Nacional, com escalas em São Paulo, Bauru e
Campo Grande.

De São Paulo em diante o céu cobriu-se de nuvens, impedin
do a visão de qualquer panorama. Surgiram as inevitáveis comparações
com algodão, neve, paina, rompidas quando o avião enfrentava um blo
co mais espesso. Impressão de estrada ruim, cavada em terreno rocho
so.

Bauru a Campo Grande, três horas. Pelas brechas das nu
vens, o planalto verde com bosques e árvores esparsas, alguns rios,
nenhuma casa.

Logo depois da decolagem de Campo Grande uma série de pe
quenas elevações de encostas escarpadas anunciou o pantanal matogros
sense. Cêrca de sessenta minutos para o transpor. As nuvens desapa
receram e agora é o pantanal, limitando o horizonte em tôdas as dire
ções. Planura de águas cobertas de plantas aquáticas abrindo lagoas
e pequenos rios, árvores aos grupos ou isoladas, bandos de garças
brancas pousadas, grandes pássaros desconhecidos. Impressão mais for
te do que sobrevoar Marajó. Lá, a floresta cerrada, as fazendas de
gado, os rios abrindo caminho na mata que se vai afastando — um fio
de água mal adivinhado que se amplia — os flocos amarelos do ipê i
luminando o verde avassalador; aqui, o planalto das águas cobertas,
as lagoas formando idéia falsa de que se apóiam em terra firme. E um

— Vá, passe um ano, vamos construir casas por lá — con-
solou êle.

Então lhe ofereci meu último livro. Agradeceu amável, a-
pertou-me a mão e saí com a ogiva rosada de seu rosto na lembrança,
esquecendo-me do atestado de estudante de inglês e alemão em sua mesa.

2

Predispus-me à alegria ao saber que poderia ler os jor-
nais do Rio no mesmo dia. Liquidei minha depressão e senti-me tão
próximo de meus amigos como se estivesse servindo na Vila Militar do
Rio.

Tratei das apresentações pela manhã, começando pelo Quar-
tel General da Brigada Mista, uma residência adaptada às seções do
Estado Maior e demais repartições. Um capitão, alguns majores, um co-
ronel, o general, simpático e bem falante. Por ser da oposição ao
governo foi castigado com a comissão de Corumbá.

— Onde está hospedado?

É a preocupação dominante. Há apenas seis casas na guar-
nição, ocupadas por oficiais casados. Até oficiais superiores da Bri-
gada têm de ficar no hotel, ou procurar pensões baratas, ou montar
casas duplicando a despesa por terem apartamento no Rio ou em São
Paulo. Como servir em Corumbá é uma missão transitória, todos rea-
gem a essas dificuldades. Em consequência, a falta de oficiais, o de-
sempenho de várias funções pelo mesmo homem, a pouca eficiência dos
serviços. A 9ª Região Militar, de Mato Grosso, é conhecida como a
Anônima Região.

Uma visita pelas instalações do QG revelou um detalhe cu-
rioso; lustres de cristal em tôdas as peças, inclusive no banheiro.
A casa pertenceu a um comerciante que enriqueceu rápido demais e o
luxo atingiu ao exagêro.

Era preciso ir à minha Unidade, o 17º Batalhão de Caçado-
res. Cheguei como um usurpador: por ser o capitão mais antigo, assu-
mi o comando. A falta de oficiais ainda mais acentuada. O coronel

LARRY LAUS

DIARIO DE CORUMBA

1888

Fevereiro, 27.

Não Fume. Aperte o cinto. Estava selado o destino: Comumidade, sem apeleção, via Correio Péreo Nacional, escalas intermediárias em ~~Brasília~~ São Paulo, Bauri e Campo Grande.

De São Paulo em diante o céu cobriu-se de nuvens e o ar não procurou o intervalo entre duas camadas para melhor cumprir seu uso. De um lado e outro os flocos brancos impediam a vista de qualquer panorama. Impulsões de neve, panna, alpedões logo rompida grande e aparrelhos cavalgava um dêsse manturos. Solavancos de estrada ruim, mal cavada em terreno rochoso.

Bauri a Campo Grande, três horas. Pela beirada dos muros, o planalto verde com bosques e eivores esparsos, alguns rios, nenhuma casa. Contraste absoluto com a floresta amazônica.

Logo após a decolagem de Campo Grande uma série de pequenas elevações de encontro, escarpada, vertical, âmnua e pantanal até grassense. Cerca de sessenta minutos ~~de viagem~~

Corumbá, 28 de fevereiro de 1958.

172
8

Querida Ruth:

A viagem, conforme disse no telegrama, foi excelente. O avião veio pilotado por um brigadeiro e tinha turbinas a jato. O horário foi o seguinte: Rio-S.Paulo: 7.15 às 9.00; S.Paulo-Baurú: 9.30 às 11.05; Baurú-Campo Grande: 11.30 às 14.30 e Campo Grande a Corumbá de 15.00 às 16.30. De Campo Grande para cá sobrevoa-se o grande pantanal de Mato Grosso, durante quase uma hora. É uma coisa impressionante. O terreno embaixo todo alagado, formando pequenas lagoas onde a água consegue abrir as plantas aquáticas que cobrem a superfície. Muitos coqueiros e outras árvores semeiam-se por essa planura infinita que parece um mar. E enormes garças brancas (ou outro pássaro) pontilham de branco a superfície plana que se perde em volta do avião.

Impressão interessante foi encontrar em pleno vôo outro avião. A boliviana que viajou a meu lado disse que parecia um peixe e embora a imagem seja pobre era isto mesmo. Um peixe nadando no ar. Aliás, a boliviana, que se chamava Ramona e vive no Rio há sete anos e não quer mais voltar para a terra dela, foi quem me matou a fome de Baurú para Campo Grande. Um sanduíche de carne e uma maçã foram meu almoço pois a chuva em Baurú não permitiu que a gente saísse de baixo da asa do avião (O avião virou galinha e os passageiros, pintos).

Estou morando, ou melhor, estou hospedado no Grande Hotel Corumbá, juntamente com Angela Maria que chegou para cantar boje. O hotel é novo e confortável, servem as refeições à francesa, mas o preço é salgado. Por mês, 6 mil cruzeiros. O quarto é ótimo, dá para a praça principal, com uma sacada de onde se vê quase a cidade inteira, inclusive o quartel à esquerda e o aro ponto à direita e, na frente, um edifício de 11 andares que é um fantasma numa cidade de casas e sobrados apenas, fora o hotel que tem 3 andares. Mais adiante o rio Paraguai e depois a vasta amplidão do planalto mato-grossense cortada apenas ao longe, no horizonte, por algumas elevações.

A cidade é boa, embora muito empoeirada, já que o calçamento restringe-se a alguns trechos no centro. Há dois cinemas e 3 hotéis mas os outros são horríveis. A zona do cais do porto lembra a Bahia ou Belém, a cidade parece com as do Nordeste ou do interior do Estado do Rio - Rezende, Barra Mansa - mas é plana. Toda arborizada, a iluminação é pobre e o aspecto noturno é soturno (sem querer fazer verso).

Fui me apresentar hoje e sou apenas o Comandante do Batalhão, pois o coronel está de férias. Há poucos oficiais, o quartel é bom mas nada ainda posso dizer porque começo a trabalhar somente na 2a. feira. Por enquanto estou empenhado em resolver a questão da moradia. Há uma república de oficiais que devo evitar - basta a experiência de Juiz de Fora. No quartel não há lugar, salvo na enfermaria que fica no outro extremo da cidade, ninguém sabe por que. Com o tempo, resolve-se. O hotelzinho é ótimo, o quarto ideal para se trabalhar, mas sai tão caro que as economias não acontecerão.

9
1

Corumbá, 1^o de março de 1958.

Meu caro Walter:

Não fume. Aperte o cinto. Estava definitivamente selado o destino. Só me restava entregar o corpo aos motores e esperar a chegada em Corumbá. Pois esperei e cheguei, às 4 e meia, hora do Rio e 3 e meia, hora de Corumbá. Sim, porque aqui até a hora é outra.

Estou no Grande Hotel Corumbá, 3 andares, serviço à francesa, 6 mil cruzeiros por mês. Muito dinheiro, se bem que aqui é o lugar mais confortável, mais apartamento 1003 que encontrei. E a cláusula 16 do regulamento do hotel é muito sugestiva: "Os snrs. Hóspedes, são interditos de receber visitas de pessoas de sexo oposto em seus quartos".

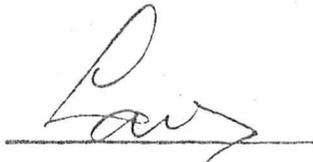
Ainda não começou o calor na cidade, ou já passou por causa das chuvas que caíram ultimamente. Assim, está tudo muito agradável. A cidade é velha mas bonitinha, toda arborizada e bem traçada, com um centro comercial bem adiantado, muita gente nas ruas e taxis a correr o dia inteiro como se quisessem impressionar turistas. No centro, algumas ruas calçadas, depois, poeira e mais poeira, branca como a de Tijucas. A zona do porto é muito bonita, pitoresca, e no barranco do rio Paraguai há um bar imenso, com dois terraços cheios de mesas. Não sei se há gente para encher aquilo tudo. La Barranca é o nome do bar. Há outros espalhados por toda a parte, cerveja a Cr30,00, cadeiras pelas calçadas. Dois cinemas cinemascope, só. Amanhã, Miguel Stroghoff. Como pouco ia ao cinema no Rio, posso ver agora tudo o que não vi aí.

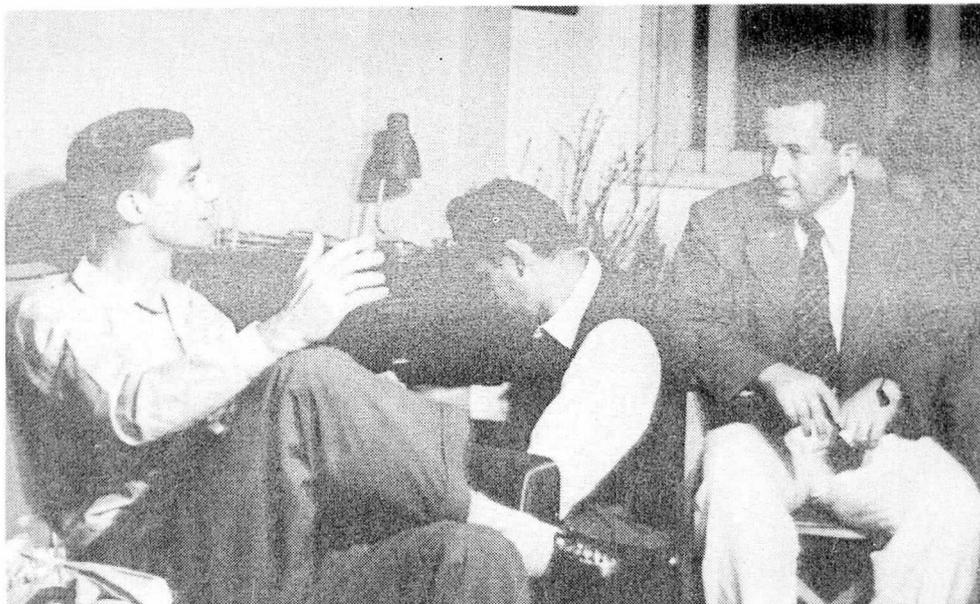
Ontem a cidade movimentou-se, principalmente em frente de meu hotel. O dia inteiro ficou a porta cheia à espera de que a estrela aparecesse. Não era para mim. Não adiantou meu chapéu de crenolina, os brilhantes, as plumas, o vestido Dior. Os aplausos foram para Angela Maria que veio cantar no teatro Santa Cruz.

Do quartel, meu caro, sou o comandante em chefe, com jeep à disposição. 500 homens a meu comando. Como mudam as coisas! Parece um filme de Cecil B. de Mile. Estou me sentindo completamente Cleópatra, a rainha do Paraguai. E se me aparecer uma aspide? Mandarei morder todos os frequentadores do La Barranca Bar.

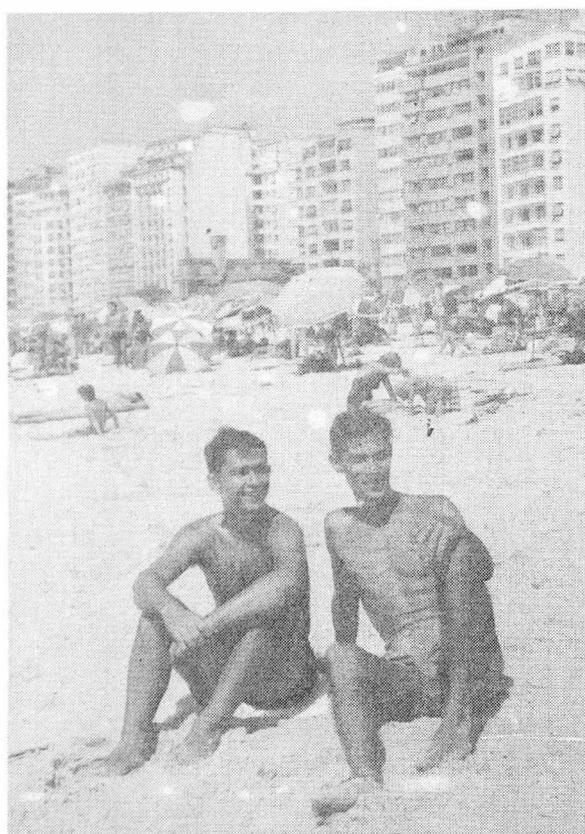
Para show de abertura acho que a carta está bem. Mostra para o escritor e desenhista Luiz Canabrava, para o jornalista Walmor Wendhausen e outras pessoas de confiança, por exemplo o funcionário da Varig, senhor José Maria. Para o Dultávio também, que é muito simpático quando sorrí.

Walter, agora falando sério, estou com uma bruta saudade de vocês todos e termino para não borrar a escrita.





Rio, 1954, com Walter Wendhausen e Luís Canabrava.



Copacabana, 1955, com Mário Faustino.



Belém do Pará, 1956, com Renard Perez.



1941, Escola Preparatória de Cadetes.



1942, com Ruth.



1942

Os Incoerentes

Um Novo Contista — Harry Laus — E Seu Livro Editado Pela São José — Seleccionado em Antologias Antes de Estrear em Volume — «Episódios Pitorescos, Alguns Grotescos, Outros Cheios de Lirismo» —

Porque «Os Incoerentes»

Reportagem Literária de ENEIDA

Especial para o «Diário de Notícias»

NÃO é essa a primeira vez que o leitor ouviu falar em Harry Laus. Mas só agora surge ele com o seu primeiro livro de contos, intitulado OS INCOERENTES, editado pela Livraria S. José. Antes seus trabalhos apareceram em antologias; agora surge sozinho num livro para o qual chamo a atenção de todos os que amam a boa leitura. Dêle disse outro escritor jovem — Renard Perez: «E' talvez um dos nossos raros escritores que, antes de estrear em livro, já foi seleccionado em antologia». E mais adiante: «Ao contrário do habitual, retardou Harry Laus sua estréia. Mas tal espera fez com que, reunindo agora em volume seus trabalhos, se situe o escritor, pela categoria em que se apresenta, entre os primeiros dessa geração que tanto contribui para o enriquecimento da literatura brasileira, no terreno do conto».

Pergunto a Harry Laus:

— Por que INCOERENTES?

— Primeiro, porque é o título de um dos contos. Não considero o melhor mas tenho certo apêgo pelo tema explorado. Foi escrito inicialmente em 1949 e desde então vem sendo trabalhado sem conseguir satisfazer-me. Depois, porque sempre me impressionou, na humanidade, uma certa «sinceridade» inesperadamente revelada nos momentos mais impróprios. Há ocasiões em que as pessoas, como que cansadas de representar, adotam uma atitude tão em desacôrdo com a personalidade aparente que nos desconcertam. Isto tenho encontrado sempre em minha vida e principalmente no meio militar, onde a rigidez do comportamento, exigido pela disciplina e hierarquia, rompe-se repentinamente, como no caso do conto «O Coronel», que foi tirado de um fato acontecido em Juiz de Fora. Esses momentos de «sinceridade» adquirem o caráter de incoerência em função do meio ambiente. A maioria de meus personagens foi criada em função dessa revelação, da «aprensão de sua verdadeira natureza, cuidadosamente disfarçada», como disse Renard Perez, na apresentação do livro.

Faço a segunda pergunta:

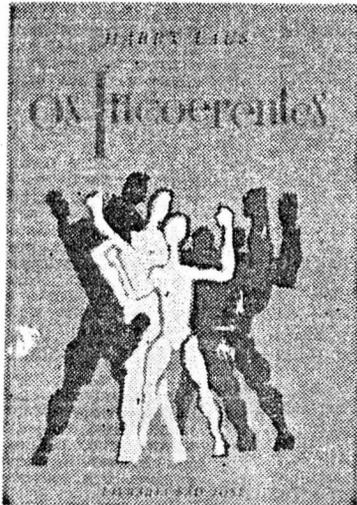
— Até que ponto a vida real colabora com a sua maneira de criar?



— A realidade entra em meus contos enquanto é indispensável à criação da atmosfera, da viabilidade do fato. Por absurdo que seja o tema explorado, como no caso de «As Horas de Zenão das Chagas», poderá sempre ser considerado viável, possível, se o escritor conseguir circunscrevê-lo num ambiente natural, com pequenas chamadas do leitor à realidade pela intromissão de pormenores aparentemente inúteis. Não fosse isto, o conto ficaria por demais concentrado e até mesmo ilegível. Enquanto as reações psicológicas das personagens dão a necessária concentração à trama, esses detalhes realísticos diluem o drama a fim de tornar a leitura possível e agradável.

Agora quero saber como Harry Laus começou a amar a literatura, como nasceu sua vontade de criar. Conta-me ele:

— O gosto pela literatura nasceu na Escola Preparatória onde chegou a



receber um prêmio com um pequeno trabalho (vinte mil réis). Foi redator da «Revista da Escola Militar», fundou um jornalzinho humorístico na Escola («O Praça Velha»). Por intermédio de Sansão Castello Branco conheceu Francisco Pereira da Silva e Dalton Trevisan. Filiou-se ao Grupo da Revista «Joaquim» escrevendo crônicas do Nordeste, enquanto servia em Natal. Transferido para o Sul, ligou-se ao Grupo Quixote, de Pôrto Alegre. Em 1953, quando servia em Juiz de Fora, ganhou um prêmio literário instituído por Pascoal Carlos Magno, de ensaio para teatro. Trabalho premiado: «Alguns Habitantes de Ibsen», tendo como tese aproximar o teatrólogo dos filósofos existencialistas, notadamente os da corrente cristã, Unamuno e Kierkegaard. Em 1955 ganha um prêmio com seu conto «O Professor de Inglês», na Tribuna de Imprensa. Em 1956 tem dois de seus contos incluídos numa antologia de histórias militares («Histórias Reúnas», editado pela Biblioteca do Exército. Tem colaborado esparsamente em revistas e jornais — «Correio da Manhã», «Diário de Notícias», «Diário de Pernambuco», «Correio do Povo» (Pôrto Alegre), etc..

Dados biográficos:

Natural de Tijucas, Santa Catarina,

11 de dezembro de 1922.

dolfo Laus e Minervina Varela Laus, é alfaiate, ela professora primária. O avô paterno era alemão e a avó paterna era bugra (Índia). Talvez por isto é que a família não chegou a aprender o alemão. Os avós maternos eram portugueses.

Estudou em Tijucas, no Grupo Escolar Cruz e Sousa e aos 11 anos foi para Passo Fundo, no Rio Grande do Sul para estudar e trabalhar com o irmão mais velho que era caixeiro viajante e mantinha uma loja de materiais elétricos. Além de atender no balcão foi o cobrador de firma. Recebendo uma medalha por haver tirado o primeiro lugar nos estudos (Ginásio N. S. da Conceição, de irmãs Maristas) ganhou uma bicicleta para facilitar a cobrança das prestações da loja.

Perdeu a mãe aos 5 anos de idade e o pai aos 20 anos, quando já era militar.

Em 1940 o irmão mais velho resolveu que ele precisava tratar da vida e trata de matriculá-lo na Escola Preparatória de Cadetes, em Pôrto Alegre. Entre cerca de 2 mil candidatos passam 108 e entre estes achava-se o nome de Harry Laus.

Senta praça como cadete a 15 de março de 1941. Conclui a Preparatória em dezembro de 43 e vai para a Escola Militar de Resende de onde sai, como aspirante, a 28 de dezembro de 1948.

Serve inicialmente em Natal, Rio Grande do Norte, depois em Caxias do Sul, Pôrto Alegre (volta à Escola Preparatória como instrutor), a seguir em Juiz de Fora, Vila Militar, Ministério da Guerra (Diretoria de Armamento e Biblioteca do Exército). Faz o curso de Aperfeiçoamento e é classificado em Corumbá, Mato Grosso, onde serve atualmente, no posto de capitão.

Apresentando OS INCOERENTES, diz Renard Perez: «... «todos eles (os contos) se caracterizam por um minucioso estudo das reações humanas. Na verdade as personagens de Harry Laus pouco variam — são elas quase que apenas um pretexto para o estudo de sensibilidade, focalizando, principalmente o escritor, nessa escavação, as pessoas em luta consigo mesmas. «... «Sua literatura é portanto, a inesperada revelação do homem através dos gestos pitorescos surpreendidos em tipos aparentemente rígidos»

Nesse livro com o qual Harry Laus se coloca entre os melhores novos contistas brasileiros (seu livro cuidadosamente escrito, com um linguagem elegante, correta e simples) chamo a atenção dos leitores para o conto intitulado «As horas de Zenão das Chagas». Mesmo aconselhando que leiam este conto do qual não contarei o enredo, transcrevo apenas esse trecho, quando Zenão para comprar relógios desperdiçadores, vai a um «sebo» vender um dicionário.

— O dicionário vale muito — diz Zenão, tímido.

O outro volta e abre o volume, uma fôlha oscila indecisa para finalmente deitar-se e revelar a palavra que ele pronuncia solene:

— Hino.

Por instantes, o homem parece transportado à igreja, à infância, tal a expressão de doçura que lhe cobre a face. Ao calcular o mínimo que deveria exigir, Zenão sente cair-lhe letra, por letra, nos ouvidos:

— h — y — M — n — o.

— Está pela velha ortografia — prossegue o livreiro. Mande um estudante de hoje procurar a palavra física, por exemplo; como poderá advinhar que se encontra na letra «p»?

OS INCOERENTES, livro de contos de Harry Laus, editado pela S. José, foi autografado pelo autor na quinta-feira última na S. José, numa festa bonita como são todas as tardes nas quais escritores entregam ao público seus últimos trabalhos.

É um livro que — espero — a cri-

"ÚLTIMA HORA"

São Paulo, 14/2/59

PAG. 11

LIVROS Ricardo Ramos

"OS INCOERENTES"



M dezembro ultimo, escapando às resenhas do ano, foi publicado "Os Incoerentes", de Harry Laus. Se 1958 nos deu bons lançamentos, esse deve ser forçosamente incluído entre os mais importantes. Não era livro que se perdesse

nas listas das editoras, era livro que revelava um contista. Um contista que já havia muito vinha frequentando revistas e suplementos literários, que já se vira em uma antologia ("Nove Histórias Reunidas"), mas que somente agora surge inteiro em sua real estatura. Um contista da melhor linhagem. E dizemos isto lembrando "Água Preta", de Jorge Medauar, e "Histórias do Desencontro", de Lygia Fagundes Telles, ou estreias como "Os Galos da Aurora", de Helio Polvora. Pois Harry Laus não apenas deu a publico o seu livro na mesma quadra que os referidos; tem com eles uma identidade multipla, acima das gerações ou dos grupos visíveis: a seriedade nos temas, a seriedade na linguagem, a seriedade no encairar um genero que não pode ser renovado com palavras, mas com o indispensavel conhecimento de sua estrutura. E sobre essa base de lucidez, o autor construiu a sua galeria de tipos acabados, formou "Os Incoerentes".

Já se foi o tempo dos contistas desordenados, perdidos em eternas experiencias. Hoje se exige do escritor não somente o equilibrio formal, mas principalmente uma attude diante da vida. Uns podem fixar a solidão do homem em sociedade ou o seu desamparo frente ao imponderavel. Outros, como Lygia Fagundes Telles, esgotam o tema dos descaminhos. Uma cidadezinha pulsando na sua expressão humana fez a descoberta de Jorge Medauar contista. A atmosfera da infancia, o clima de aurora que vai revelando contornos e materia, é uma inclinação natural que Helio Polvora soube conduzir. Sem ser monocórdio, um livro de contos pode tambem ter essa unidade interna em suas intenções, esse traço de maturidade que diferencia o escritor profissional do eventual amador, o que pensa a vida de suas historias e o que apenas transcreve estadinhos d'alma. Em Harry Laus, esse traço é mais que nitido. Seu livro divide-se em três partes, escritas em épocas diversas, e que aparentemente objetivam temáticas variadas: o homem ilhado em si mesmo, a morte e a caserna. Além delas, no entanto, existe um denominador maior. E palmilhando assim tantos caminhos, não sabemos de livro mais harmonioso, mais transparente e constante no seu sentido que "Os Incoerentes".

Uma criatura existe na sua rotina, age enquadrada no seu pequeno mundo. Em dado momento, alguma coisa se rompe no seu equilibrio interior, ela tem um movimento espontaneo, reage sincera ou primitiva. Incoerente em relação ao seu plano geral, ela discrepa e dá origem ao drama — faz a motivação de Harry Laus em seu primeiro livro. Temos a desconexão doentia, que vai num crescendo ao mesmo tempo alucinado e angustiante, em "As Horas de Zenão Chagas", excelente estudo de uma personagem de exceção, sua fixação e seu toldado clima particular. Temos os que encontram na morte a raiz do seu extravio, apanhados em perfis e cenas de uma precisão dramatica. Temos finalmente, num conjunto de historias e tipos notaveis, o choque entre a attude exterior do militar e a sua realidade intima, comandando situações e problemas expostos com maestria. Sabiamos Harry Laus um contista sensível, seguro e versatil. "Os Incoerentes" veio emprestar uma dimensão nova à impressão deixada pelos seus contos esparsos. Estamos diante de um escritor maduro, realizado, que se insereu entre os melhores e mais serios de toda uma geração de bons contistas.



Este "Dicionário de Sinônimos" coloca-se no mesmo plano de excelência em que estão o "Dicionário Etimológico" e a sua continuação sobre os "Nomes Próprios", do Autor, obras para o português que detêm a primazia no gênero.

J. M. C. J.

OS INCOERENTES — Contos — Harry Laus — Livraria São José — Rio de Janeiro, 1958.

O conto de Harry Laus "O Coronel", incluído em "9 Histórias Reunidas", a antologia de autores militares lançada há dois anos pela Biblioteca do Exército, não dava toda a medida desse novo contista, que, no seu volume de estória, já apresenta traços bem pessoais e nada desprezíveis. O livro sofre um pouco da disposição algo inábil dos contos, subordinados a desnecessária divisão temática, pois, sendo as narrativas do primeiro grupo as mais fortes, a expectativa que elas despertam só parcialmente é satisfeita pelo resto do volume. Mas, formulada essa ressalva, louvemos o contista por saber interessarnos em uma série de casos de inaptações de menor ou maior intensidade, que vão do incidentezinho banal ao drama patológico, como "As Horas de Zenão das Chagas", em que assistimos ao alucinatório desabrochar de uma idéia fixa. Não consistindo a contribuição verdadeiramente nova do autor para o gênero nem na observação de tipos e costumes, nem na reprodução de diálogos, pouco importa que um grupo de contos seus se desenvolva em ambiente militar; por toda parte, dos acontecimentos só parecem interessá-las as reações que estes provocam na alma das personagens. Bem característico a esse respeito o conto que dá título ao volume, e cujo assunto é a fuga de três dos quatro presos encerrados num cárcere. Não somos informados nem sobre os pormenores da fuga, nem sobre as suas conseqüências; pouco vimos a saber acerca das antecedentes que levaram os detidos à cadeia; toda a nossa atenção focaliza o que se passa no espírito deles, as hesitações de cada um em relação ao empreendimento, as suas respectivas atitudes para com os outros e para consigo mesmo.

Esmiuçador, analítico, geralmente exato, o estilo de Harry Laus ainda apresenta algumas inseguranças, mas, um pouco mais apurado, poderá tornar-se um instrumento de precisão na mão de quem traz vocação tão inegável para o conto psicológico.

P. R.

Paulo Rónai - A Cigarra - 1959 - nº 3

Com um abraço de

PAULO RÓNAI

CATEDRÁTICO DE FRANCÊS DO COLÉGIO PEDRO II,
Professor do Ensino Secundário da P.D.F.

Telefone:
37-4387

Rua Déclo Vilares 158, Aptº 301
Rio de Janeiro (Copacabana)

EXERCÍCIO

ANO II - Rio de Janeiro, Quinta-feira, 11 de Dezembro de 1958 - Nº 362

14

Será lançado na próxima quinta-feira, dia 11, o livro de contos «Os Incoerentes», de autoria do Cap. Harry Laus. O referido oficial, atualmente servindo no 17 BC, em Corumbá, estará autografando seu livro na Livraria São José a partir de 17 horas, numa tarde de autógrafos.

O JORNAL — Sexta-feira, 12 de dezembro de 1958



UM ESCRITOR (NOVO) ENTRE LEITORES — Mais uma "tarde de autógrafos" realizou-se ontem na Livraria São José: durante o lançamento festivo (com cock-tail) de seu livro de estreia, "Os Incoerentes" (contos), Harry Laus tomou contato direto com o público literário do Rio, pondo autógrafos em inúmeros exemplares da obra para amigos e admiradores. Na foto, o escritor Harry Laus, fazendo dedicatórias, tendo ao lado Lucia Benedetti.

12 de dezembro de 1958

Jornal do Brasil, 1958-14-12. Suplemento Dominical.

O JORNAL LITERÁRIO

Valdemar CAVALCANTI

EM POUÇAS LINHAS

MIGOS e admiradores (muitos) de Harry Laus estiveram ontem na Livraria São José para abraçá-lo, enquanto ele autografava "Os Incoerentes", seu livro de estreia (contos).

Livros: mercado interno

"Os Incoerentes" é o título do livro de estreia de Harry Laus. O jovem autor, após colaborar em diversos suplementos, reuniu em volume seus trabalhos num gênero a que vem se dedicando há vários anos: o conto. Lançamento da Livraria São José.

A. B.



BOLETIM

ANO XX
JULHO
DE 1959
N.º 34

Diretor: UMBERTO PEREGRINO SEABRA FAGUNDES, cel
Secretário: MILTON GASPAR, cap

Órgão informativo da Biblioteca do Exército — Ministério da Guerra — Rio — BRASIL

“OS INCOERENTES”



O Prêmio «Afonso Arinos» (contos), distribuído pela Academia Brasileira de Letras, acaba de ser conferido ao livro «Os Incoerentes», de autoria de um escritor que é militar, o Cap. Harry Laus. Cabe recordar que o contista foi revelado pela Biblioteca do Exército que incluiu dois contos seus («O Coronel» e «Podalírio Revoltado») na coletânea «9 Histórias Reúnas», publicada em 1956. Esses dois contos figuram, aliás, no volume agora premiado pela Academia de Letras.

O Cap. Harry Laus serve presentemente na Biblioteca do Exército (pela segunda vez), para onde veio a convite do seu Diretor.

Os outros premiados pela Academia, foram:

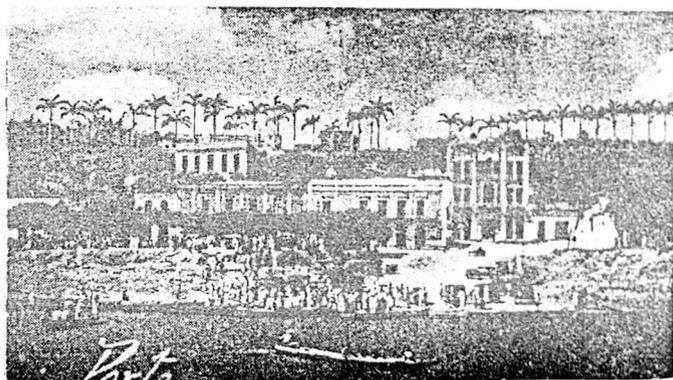
José Maria Belo — Prêmio Machado de Assis (conjunto de obra); Tiago de Melo — Prêmio Olavo Bilac; Guilherme Figueiredo — Prêmio Artur Azevedo; Sra. Rosarita Fleury — Prêmio Júlia Lopes de Almeida; Anibal Machado — Prêmio Cláudio de Sousa; e Eduardo Portela e Luís Pinto Ferreira — Prêmio Sílvio Romero.



Corumbá — a cidade branca — confinada entre a floresta e o rio Paraguai.

ROTEIRO DE CORUMBÁ

HARRY LAUS



TAMANDUÁ BANDEIRA

Conto de HARRY LAUS

Às quatro da tarde, o sol no chão calcáreo deixa o pátio deserto. Os soldados entram em forma à sombra dos flamboyants. "Para conhecimento do Batalhão e devida execução" — começa o sargenteante. Voz monótona, calor, suplício ouvir a leitura do boletim diário quando só interessam escala de serviço e quarta parte, justiça e disciplina. Desatentos ao mais, inquietos pelo "confere com o original", fora de forma, dá-se ao rio para o banho gostoso.

Passa um avião perdendo altura para a aterrissagem. Interrupção na leitura. O sargenteante aproveita para chamar atenção dos que se mexem em forma. "Parece que nunca viram um avião".

Do gabinete de comando o Major ouve os motores, imagina-se no Rio, pátio branco transformado em praia. "Quando fizer um ano..." — a sonhada transferência. Cada vez mais difícil suportar a rotina do quartel, calor desde a madrugada molhando o uniforme de brim. Uma coisa o irrita acima de tudo: o banho de chuveiro, água sempre morna, que o sol dá o dia todo no encanamento.

Algo de anormal sucede no corpo da guarda. Vozes, correrias, suspensão imprevista na leitura do boletim. Companhias debandam, fardas na brancura do solo. O comandante assusta-se. "Será motim?" — porque os soldados vêem correndo em sua direção.

Mas o capitão Fiscal chega à porta:

— Venha ver, venha ver, comandante!

O Major levanta-se, consegue romper o círculo formado em sua frente e vê. Nunca havia visto. Duas coisas o impressionam: a cabeça e a cauda, ambas terminando em ponta, a primeira um funil recurvo e alongado, a cauda esmiuçando-se em pelos finos, mesclados de cinzento e amarelo, leque de palmeira ressequido.

— Bandeira, comandante.

— Tamanduá Bandeira.

Acossado, corda à cauda, o animal não reage. Os cães o denunciaram na horta, ao lado do quartel e o soldado Frederico encarregou-se de laçá-lo sob as vistas do Fiscal, nervoso, dedos comprimindo os olhos contra o nariz.

— Subiu do pantanal com a enchente, explica Frederico. Qualquer dia dá em aparecer mas é onça.

Logo armou-se um cortejo que foi engrossando, o animal arrastado, assobios, gritos, risadas da soldadesca alegre:

— Olha só o tamanho da língua!

— E' a cara do cabo Ataliba.

— Come só formiga.

"Os jornais vão noticiar" — pensa o Major. A história na imprensa, seu nome lembrado, transferência mais breve. Comunica sua decisão aos oficiais:

— Vamos telegrafar ao prefeito do Rio. Como havemos de arranjar alimentação para o bicho? Irá para o zoológico da Quinta.

Quando o Secretário trouxe o telegrama para ser assinado, já fóra

escolhido um flamboyant onde amarrar o animal, nos fundos do quartel e novo serviço apareceu: guarda ao tamanduá. Por indicação do Fiscal, Frederico foi escolhido.

— Não é novidade para ele. O pai tem fazenda no pantanal.

Nos primeiros dias o guarda não tem trabalho. Crianças trazem latas, vidros, pacote de formigas caídas no quintal de casa. O tamanduá finge indiferença. Permanece deitado, o grande leque da cauda puxado sobre a cara afunilada.

— Não chega perto, menino, cuidado com as patas.

— Parece de gente.

Encostado à árvore, Frederico espanta as crianças:

— Quando pega alguém de jetto, arrebenta os peitos com o abraço.

Impacienta-se com a presença dos visitantes, que retardam o único prazer que lhe trouxe a nova ocupação: ver o tamanduá alimentar-se. Com um ligeiro tremor, a cauda começa a rebater-se até encostar no solo. O focinho aproxima-se das formigas, vacila entre um pacote, uma garrafa transparente, pára junto ao gargalo. O estilete da língua tateia a abertura e mergulha fundo no formigueiro em ebulição. Quando se recolhe negra de insetos, Frederico arrepia-se. "A formiga que trincou azeda no café da manhã". Observa nova investida do animal, agulha escura e viscosa penetrando lenta na garrafa para voltar transfigurada, volumosa, formigas do gargalo para as visceras. "Que se passará lá dentro?" — Imagina esfago, estômago enegrecidos, insetos mordendo a mucosa, relutando em ser triturados. Mas os olhos do tamanduá nada revelam. Continuam fixos no formigueiro, sem a menor contração, enquanto a língua surge limpa e volta repleta, eixo imantado coberto de limalhas.

Uma semana depois, o tamanduá incorporou-se à rotina do quartel e não recebe mais visitas. Apenas duas pessoas se preocupam com ele: o comandante e Frederico.

Duas vezes ao dia, o Major atravessa o pátio. Dissimula o destino da caminhada parando nas Companhias, faz rápidas perguntas aos capitães, ou entra na cozinha para saber do estado das refeições. Como esse procedimento é novo nos hábitos do comandante, que antes do aparecimento do animal pouco saía do gabinete, ninguém ignora que está a caminho do flamboyant onde o tamanduá espera a resposta do prefeito.

— Já saiu com ele hoje?

Frederico perfila-se.

— Bem cedo, comandante.

— E comeu alguma coisa?

— O senhor não acha que está engordando?

O Major sorri. Já deve, estar a caminho a resposta ao telegrama, naturalmente a notícia causou alvoroço no Rio.

— Cuida bem dele — recomenda ao afastar-se.

Todas as manhãs Frederico atravessa o pátio puxando o bicho à procura de formigueiros.

— Tenho uma novidade para você. Descobri saúvas douradas, devem ser melhores que aquelas pretas, miudinhas.

Ao sair do quartel o tamanduá toma a dianteira.

— Perto do Forte é que tem bastante, você vai ver.

Corda tensa, focinho no chão, o animal improvisa itinerários, volteia, pára e crava a língua na terra. O soldado surpreende-se porque